

ISAURA ROCHA FIGUEIREDO GUIMARÃES

Este exemplar corresponde a redação final
da Tese de Doutorado defendida por Isaura
Rocha Figueiredo Guimarães e aprovada pela
Comissão julgadora em.

Data: 23/10/89

Luíza Schwantes Araujo

ILUSÃO E REALIDADE
DO SEXO NA ESCOLA.
UM ESTUDO DAS
POSSIBILIDADES DA
EDUCAÇÃO SEXUAL.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

1989

Tese apresentada como exigência parcial para a
obtenção do título de Doutor em Educação
(Metodologia de Ensino) à Comissão Julgadora
da Universidade Estadual de Campinas, sob a
orientação da Profa. Dra. Lucila Schwantes Arouca.

COMISSÃO JULGADORA

Murilo
Guedes
Luiz S. Araujo
Alfonso
João

A Orlando e Quinota,
raízes fecundas, tão cedo cortadas.

A Renato,
companheiro de seiva, flores e frutos.

A Renato Neto, Gustavo Orlando, Marcelo Augusto,
sementes de futuro, prolongamento dos sonhos.

Nossos Agradecimentos

a Lucila Schwantes Arouca - Orientadora desta tese,
pela energia a transmitir força, confiança e método;

a Otávio Cesar Borghi e aos profissionais da Divisão
Regional de Ensino de Campinas, pela oportunidade de
participar de uma prática estimulante;

aos Coordenadores e Professores do Programa de Educação
Sexual da Prefeitura Municipal de Campinas, pela
abertura e cooperação ao diálogo, sempre;

à Beth, Gina, Ima, Isabel, Sérgio, Suzete, Zilda, apôio
amigo nessa caminhada.

Nada menos fácil de olhar "de fora" que o sexo.

G. Bataille

SUMÁRIO

RESUMO.....	ix
ABSTRACT.....	x
INTRODUÇÃO.....	xi
CAPÍTULO I - O NOVO NO COTIDIANO: EDUCAÇÃO SEXUAL.....	2
1. Escola e Sexo: Uma Relação Ambígua.....	4
CAPÍTULO II - FUNDAMENTOS DO PROBLEMA MISTÉRIO.....	9
1. Implicações Teóricas na Conceituação de Sexualidade.....	14
2. Avanços e Recuos da Educação Sexual no Brasil.....	41
CAPÍTULO III - UM CAMINHO: A METODOLOGIA QUALITATIVA.....	55
1. O Universo Pesquisado.....	60
1.1. O Mundo da Escola: A Coordenação de um Projeto.....	62
1.2. A Fala dos que Ensinam: A Entrevista com os Educadores.....	68
1.3. Aqueles que Descobrem: O Encontro com os Jovens.....	80
2. A Síntese: Organização e Interpretação dos Dados.....	85
- Quadro I.....	87
CAPÍTULO IV - PALAVRAS CONCLUSIVAS: DE QUE EDUCAÇÃO SEXUAL FALAMOS.....	104
1. O futuro, sem mistificações.....	117
BIBLIOGRAFIA.....	123

ANEXOS

ANEXO I	- Projeto CENP: Sexualidade Humana: Uma Abordagem Curricular com Enfoque Educativo.....	137
ANEXO II	- Planejamento do I Treinamento de Educadores em Educação Sexual da Divisão Regional de Ensino de Campinas e Secretaria Regional de Cultura de Campinas.....	163
ANEXO III	- Relatório da ATOE - Assistência Técnica de Orientação Educacional, DREC 1985.....	167
ANEXO IV	- Protocolo de Entrevista.....	171

RESUMO

O estudo aqui apresentado refere-se a uma experiência de implantação de um Projeto de Educação Sexual nas Escolas da Rede Pública Paulista, na Divisão Regional de Campinas.

Apoiada nos dados de um levantamento preliminar, a autora assume a coordenação dos trabalhos do Projeto durante dois anos, onde atenta ao comportamento dos profissionais da escola: supervisores, diretores, professores e alunos, e levanta questionamentos sobre os pressupostos da educação sexual. Ao constatar a grande negatividade da instituição escolar à sexualidade e a estagnação do processo burocrático para um problema que hoje se torna emergencial, a autora pesquisa, através da metodologia qualitativa, caminhos para uma educação sexual culturalmente possível.

O trabalho aponta as principais categorias de reflexão subjacentes à questão do sexo na escola e discute as perspectivas de uma educação sexual sem mistificações.

ABSTRACT

This study relates to sex education in schools.

As a member of the Campinas Board of Education for the State of São Paulo, Brazil, the author coordinated the introduction of a pioneer program on sex education in Public Schools.

From 1984 to 1986, she was directly involved with educators in schools for discussions, training, workshops on the subject, and the author also organized reunions with students for discussions over a Biology video on human reproduction.

From 1986 to 1988, she developed and intensive work interviewing teachers, principals, guidance counselors, and administrative supervisors about the possibility of sex education in schools. She also worked with lower social-economical level youngsters in their Sunday Church meetings.

From that experience the author, using the methodology of participatory research, designed the theoretical framework for analysis. Two main sources of reference enlightened the reflections: 1) The structural characteristics of the schools and its potential for changing sexual behavior; 2) The educational process in itself with special concern to the pedagogical improvement of teachers and school staff on sex education, human relations and the search for curricula adequacy to cultural needs.

The author believes that Brazilian schools are very controversial on the subject of sex education. Although the institution remains conservative and closed it is the actual place where sex education happens, maintaining taboos, anxieties and prejudice, fears and misconceptions.

The main findings of this study are related to the belief that teachers and educators in general will be good sex educators if they can change the position of schools in relation to:

- 1 - Their repressive approach to the human body, that is actually under strict norms and regulations which inhibit sexual development and behavior;
- 2 - The difficulties and lack of skills for expressing concepts related to sexual behavior;
- 3 - Emotional and affective response to values such as sex stereotypes, machism, repression and an anachronistic view of sex roles hidden in school relationship;
- 4 - Awareness to the social-political and ethnic implications of some programs in sex education proposed with population control objectives.

INTRODUÇÃO

A elaboração desta tese culminou na união de dois caminhos que, de início, mostravam-se antagônicos. Era o conflito entre realizar um trabalho teórico, para cumprir a exigência de doutoramento, ou assumir uma tarefa prática, na ação rotineira das escolas de 1o. e 2o. graus.

Comprovando a sabedoria da "dialética de viver", agora constatamos que não havia oposição, mas complementaridade no movimento contraditório, que fizemos, ao nos afastar do trabalho universitário exclusivo, para mergulharmos nas oito horas diárias de uma escola. Foi de lá que nos brotou a motivação, o interesse, o questionamento maior, para uma reflexão ao nível da exigência acadêmica.

Poder discursar sobre o pedagógico na ação foi um privilégio, e este tornou-se um especial privilégio, pois trabalhamos um tema sui generis como a sexualidade, tema que "toca as pessoas com um sentido tão grave", conforme diz Bataille (1987).

Neste trabalho, a sinalização, a significação, misturou-se, com freqüência, ao lúdico, ao amoroso, prazeroso e vivo, porém, tratou de uma ação-reflexão que exigiu o compromisso do grande desafio que a educação sexual representa, para a escola, na sociedade brasileira. Falamos em desafio porque, apesar de ser um país com mais de 30 milhões de jovens, podemos verificar que, enquanto coletivo, não temos uma educação sexual estruturada.

O jovem brasileiro utiliza-se da tradição oral, imitação,

tentativas erro-acerto, improvisações, trocas de idéias e experiências com outros jovens (e alguns adultos), para tratar das questões relativas à sexualidade, principalmente questões como a reprodução, a contracepção, a gravidez precoce, doenças venéreas, problemas de relacionamento amoroso, inseguranças e insatisfações pessoais com o sexo, saúde física, e muitos outros.

Acreditando que a escola deva esclarecer o seu papel de educadora sexual secundária, com responsabilidade, capacidade e compromisso, nos propusemos a investigar as relações implicadas no complexo entrelaçamento escola-sexo.

Usando a metodologia qualitativa, apuramos duas vertentes básicas de análise: o espaço institucional e o processo educativo, que se desdobraram em cinco categorias, que merecem atenção, por direcionarem os rumos de uma educação sexual. São elas: o aspecto estrutural da escola (I), o potencial de mudança cultural (II), o aspecto pedagógico (III), a questão dos relacionamentos (IV) e o currículo (V).

Através de entrevistas com 50 sujeitos, sendo eles professores, diretores, supervisores e orientadores educacionais, pudemos levantar os dados para esse quadro teórico. A maioria dos entrevistados não tinha experiência com programas de educação sexual e pertencia à rede pública de 1o. e 2o. graus. Apenas 10

(*) Intencionalmente, usamos a palavra sexo aqui, e às vezes ao longo do trabalho, com a abrangência maior que a ela é dada por Foucault (1985), isto é, superando a dicotomia sexualidade (a idéia) e sexo (o corpo), para fins pedagógicos, como evidenciamos no início deste trabalho.

entrevistados, pertencentes à rede municipal de ensino, trabalhavam com educação sexual, com assessoria constante.

Nossa pretensão de "encontrar" jovens para essa pesquisa reduziu-se a palestras e conversas individuais, porém deles extraímos alguns dados que nos estimulam a retomar essa ação, num trabalho futuro.

Finalizando, acreditamos que essa caminhada confirmou nossos pressupostos sobre o potencial da escola como local possível de se realizar a educação sexual.

Os educadores são pessoas que poderão oferecer orientação sexual, se lhes for dado a possibilidade de crescimento profissional. Não nos referimos a meros treinamentos e oficinas esporádicas para algumas minorias, mas a uma vontade transformadora da escola, de um modo global, permitindo uma maioridade político-social do profissional da escola, de modo que esse cidadão e cidadã possam assumir mais verdade, respeito, diálogo, trocas, busca e pesquisa e, também, possam dispor de recursos mais modernos e atuais, em seu trabalho. O próprio educador aponta para isso quando demonstra que a educação sexual cabe na escola e pede oportunidades de aperfeiçoamento, condições para criar e planejar, e recursos de assessoria e subsídios para a ação.

O jovem mostra que aprende lentamente pelos caminhos espontâneos e naturais da informalidade, mas como esses caminhos podem guardar em si as antigas formas de dominação, como tabus, discriminações, preconceitos e a moderna exploração do consumo, acreditamos que a escola deva sair do silêncio de uma postura contida e tornar-se um agente da luta contra dessas dominações.

O único mistério é haver quem pense no mistério.

Fernando Pessoa

CAPITULO I

O NOVO NO COTIDIADO: EDUCAÇÃO SEXUAL

A sexualidade tornou-se um interesse de estudo quando da coordenação de um programa de implantação de educação sexual nas escolas da rede pública de Campinas.

Durante dois anos, em reuniões, palestras, aulas, encontros com equipes administrativas, professores e alunos, iniciamos o debate sobre questões básicas de educação sexual

Nossas reflexões e buscas foram se elaborando a partir das reações ambíguas, das discussões apaixonadas e radicais, do grande interesse e envolvimento que o tema provocava nos participantes. Definitivamente, tratava-se de um assunto especial e de significado profundo na vida de todos, porém, estranho, como conteúdo escolar.

Atenta ao fenômeno da aprendizagem em torno do sexo, aguçamos nosso interesse em olhar, escutar, sentir e refletir o cotidiano, tentando reconhecer o desejo mais profundo das pessoas.

Nossa condição de coordenadora de um projeto nos deu vantagens e limitações. Vantagens, pelo acesso legitimado à realidade das escolas, e limitações, por uma certa dispersão e distanciamento que um universo muito amplo de relações oferece. Havia, ainda, os iminentes entraves burocráticos que interceptam ou complicam a via comunicadora, num sistema amplo, mas, também estes facilitaram as aproximações.

Em muitos encontros e desencontros, no jogo dialético entre o individual e o social, o pessoal e o institucional, entre o espontâneo e o formal, o emocional e o racional, entre o que muda e o que permanece, o velho e o novo, procuramos construir a reflexão deste trabalho.

De tal forma nos misturamos ao emaranhado dos fatos, que tornou-se necessário um tempo para que fosse possível elaborar teoricamente o vivido. Um tempo para degustar, digerir o aprendido. Um tempo para reconhecer as lacunas e concluir que esse caminhar nos trouxe mais perguntas do que respostas. Muitas encruzilhadas estão aí, obscuras, aguçando nossas indagações para o futuro.

Sem dúvida, o tema da sexualidade, por seu caráter dinâmico e vivencial, revela mil facetas que requerem intrincada pesquisa, que julgamos inesgotável.

Delimitamos nosso trabalho à dimensão pedagógica da sexualidade, revelada por aqueles que são a escola: professores e alunos. O núcleo do trabalho é uma ação realizada nas escolas de Campinas e o discurso de educadores e educandos sobre a educação sexual.

Procuramos fugir do relato produzido de uma experiência vivida e trazer o produto participado de um encontro.

1. Escola e Sexo: Uma Relação Ambígua

A postura institucional da escola quanto ao sexo e à sexualidade nos pareceu bastante nebulosa, de início. Parecia-nos que, sendo conservadora, a escola revelava pudores quanto à linguagem e muito temor do tema educação sexual em si. Os professores, diretores, funcionários, referiam-se a qualquer inquietação ou manifestação de curiosidade sexual como "problemas". Fatos como gravidez precoce, homossexualismo, uso de anticoncepcionais, eram tratados como "tabus". Abaixava-se a voz, arregalava-se os olhos, como se levasse um susto, ao se falar "naquilo".

Outra questão onde a escola estava anacrônica, era a discussão sobre os papéis sociais do homem e da mulher. Um forte machismo nas atitudes de todos, principalmente nas das mulheres.

A escola deixava transparecer, também, muita repressão a nível das relações de descoberta amorosa entre os alunos. Namoros proibidos, casaizinhos punidos, beijos "coisa horrorosa", sempre.

A atitude de negatividade era aparentemente geral. Aprioristicamente, muitos não queriam assumir "mais essa de dar informação sexual" e ter que discutir valores com os alunos, já que "nessas coisas cada um faz o que bem entender". Também atentos à questão dos pais, que poderiam querer processá-los, diziam: "Eu não vou querer ter problemas com essa gente, que é toda bitolada", sendo que alguns tinham memória de fatos reais de "processos" contra aulas onde se falou em sexo.

À medida que abríamos a fala sobre o tema, o professor ia se interessando e ali surgia a figura do pai, da mãe, do parente, do

Pelo quadro levantado, percebemos que a escola estava "engessada", se não "anestesiada", quanto à questão de assumir uma postura definida, enquanto instituição educadora, frente à sexualidade. Estava mesmo alienada do problema.

Por outro lado, investigamos também o aluno. Uma sondagem sobre a informação sexual (Guimarães, 1984), com alunos de 2o. grau, também na nossa área de coordenação, evidenciou a pouca valorização da escola e do professor como educadores sexuais.

No estudo, surge a figura do amigo íntimo como a preferida para "tirar dúvidas" sobre o sexo, seguindo-se, mas com grande distância, os amigos em geral, os irmãos mais velhos, tios, avós e namorado. A mãe foi apontada como a informante das principais indagações. O pai permaneceu ausente do problema, pela colocação da maioria absoluta.

O professor não foi sugerido como um adulto que "tirasse dúvidas" quanto à sexualidade, e palestras com médicos e psicólogos foram apontadas como os meios mais conhecidos e desejados de abordar a questão da sexualidade.

Na escola, os alunos percebiam as aulas de Ciências e Biologia como "insatisfatórias enquanto educação sexual".

Com isto, tomamos consciência de que os jovens criavam um hiato entre sua instituição educacional e fatos de grande interesse educativo de sua parte. Eles simplesmente não relacionavam informação sexual e professores, diretor, "gente da escola".

No entanto, nos perguntávamos: Quem é o "amigo íntimo"? Onde ele está? Onde é que amigos se encontram, onde trocam idéias, sonhos, descobertas e experiências?

É numa espécie de submundo escolar, num "mundo proibido",

"história subterrânea" da realidade, que nossos jovens discutem e aprendem sobre sexo. É na escola que está o grupo da mesma idade, é lá também que o amigo íntimo se encontra, na grande maioria dos casos.

Nosso questionamento, então, tornou-se claro: Em que dimensão a escola passa ou não educação sexual? É possível penetrar nessa "história subterrânea" do aluno? É desejável que isto seja feito? Como fazer para esclarecer melhor essa contradição?

Essas ambigüidades, que percebemos na realidade de nossas escolas, foram a mola instigadora que nos levou a construir um estudo sobre educação sexual. A idéia de que o mais íntimo e privativo no homem se contrapõe a um mais amplo, social e coletivo, subvertendo-o, lançou-nos o desafio de pesquisar o entrelaçamento entre a escola e o sexo.

Estas verdades não são perfeitas porque são ditas
e antes de ditas pensadas
Mas no fundo o que está certo é elas negarem-se a si próprias
Na negação oposta de afirmarem qualquer coisa
A única afirmação é ser

Fernando Pessoa

CAPÍTULO II

FUNDAMENTOS DO PROBLEMA MISTÉRIO

Educação Sexual é assunto polêmico e controvertido, tanto quanto a postura da sociedade frente ao sexo. Como parte da condição humana, a sexualidade foi sempre objeto de interesse e reflexão do homem, que cada vez mais quis adentrar os significados diversos e profundos de sua natureza sexual.

Ao refletir, o homem vai elaborando e constituindo, histórica e culturalmente, um conjunto de posturas, exigências, regras e interdições, cerimônias e permissões em torno do sexo, que fazem com que o assunto se torne tão complexo que, de certa forma, transcende o próprio homem.

Nesta perspectiva, seria bom diferenciarmos sexo e sexualidade. O termo sexo é relativo ao fato natural, hereditário, biológico, da diferença física, anátomo-fisiológica entre homem e mulher, e da atração de um pelo outro para a reprodução. Essa denominação é tão antiga quanto a vida humana. Em nosso mundo contemporâneo, fala-se em fazer sexo para designar as atividades físicas que implicam os órgãos genitais, ou seja, o ato sexual.

O termo sexualidade, no entanto, é recente. Surgiu no Século XIX e refere-se ao conceito alargado de sexo, ao fenômeno global que implica na reflexão e discurso sobre os órgãos, as formas, o sentido, a intencionalidade do sexo e suas necessidades, em todos os níveis e variações, no tempo e no espaço.

Falando da sexualidade, CHAUI (1984, p. 10) elucida com clareza: Temos, assim, um fenômeno curioso, qual seja, o de que algo suposto ser meramente biológico e meramente natural (sexo), sofre modificações quanto ao seu sentido, à sua função e à sua regulação ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história.

Hoje fazemos distinção também entre sexo e gênero. Até recentemente, essas duas palavras eram usadas como sinônimos. Hoje, porém, a correspondência homem e masculino, mulher e feminino, não é mais de estrita correspondência. Sexo se refere à diferença biológica entre macho e fêmea. Aqui estariam incluídas as questões da fisiologia, anatomia, genética, hormônios, etc., e gênero se refere aos demais aspectos da caracterização "masculino" e "feminino" (o vestuário, a fala, os interesses, as atitudes, o comportamento, os valores), que poderíamos denominar diferenças sócio-culturais.

O gênero designa, então, o papel sexual da pessoa, aquilo que ela diz e faz para designar se é masculina ou feminina. O que a define é a sua identidade sexual, sua experiência particular de excitação e resposta sexual, que ela torna pública ao se expressar e relacionar-se no mundo.

Para melhor compreendermos o fenômeno da sexualidade, é preciso tomá-lo em sua totalidade, isto é, enquanto natureza e enquanto cultura, entendendo o movimento dialético entre os dois pólos e os seus produtos, que acarretam a constante e insolúvel tensão humana entre a objetividade e a subjetividade, uma vez que o mundo material é ao mesmo tempo interior e exterior ao ser humano.

O homem, que é produtor e produto da História, transforma o mundo e é por ele transformado, numa constante troca através do processo de trabalho e criação.

Sua realidade presente é o corpo, e ele, via de regra, se objetiva na família, estrutura que contém a esfera da natureza e da cultura. Pelo pensamento e linguagem ele se situa na realidade e nela se expressa, movendo-se consciente e criticamente. A busca de liberdade e prazer é o núcleo motriz que o impulsiona à permanente conquista de sua condição humana.

"Humanização e desumanização, dentro da História, num contexto real, concreto, objetivo, são possibilidades dos homens como seres inconclusos e conscientes de sua inconclusão." (FREIRE, 1983, p. 30)

Nos apoiaremos na abordagem interdisciplinar, uma vez que os fundamentos da antropologia, da filosofia, da psicologia, da sociologia, da economia, da erótica, são necessários à compreensão da sexualidade, tomada como um todo, no ser humano. O método interdisciplinar nos remete a uma nova antropologia, que busca superar as múltiplas especializações, articulando as diferentes disciplinas científicas. Enfocando-se o fenômeno sexual como um problema humano global, evita-se a fragmentação, própria do isolamento das ciências, que acoberta a divisão do trabalho e as diferenças de classes sob a couraça da "neutralidade científica".

"O método interdisciplinar, quando situado numa 'perspectiva antropológica', é a resposta indispensável e geral, que unifica tanto as ciências do homem como as

da natureza e as articula, dialeticamente, entre si. Ao contrário, a chamada 'análise científica', própria do espírito de especialização, ao separar os vários ramos do saber, reflete e ao mesmo tempo reproduz - racionalizada - a divisão do trabalho". (CANEVACCI, 1981 p.14)

O fechamento de uma disciplina em si mesma esconde a base da divisão do trabalho, que é a exclusão do saber do trabalhador manual, sendo que, no entanto, esse trabalhador é condição para o trabalho intelectual, que leva à descoberta científica.

Ainda, somente a verdade funcional é buscada na ciência especializada, verdade parcial, que é mais produtiva em sua aparência, mas que redunde improdutiva no campo social porque freia a emancipação do todo, pois mantém o desequilíbrio entre as forças que desenvolve.

O funcionalismo é a metodologia própria da sociedade dividida em classes, que cresce em especializações mas não faz avançar igualmente o coletivo dessa sociedade.

A razão desses cuidados teóricos preliminares são suas implicações na base de uma proposta educacional como é nosso objetivo último, proposta esta onde a dimensão política, isto é, a postura da sociedade frente à questão da divisão do trabalho, esteja incluída.

A ótica interdisciplinar se faz necessária para uma síntese que, contextualizada na prática, possibilite a educação sexual a partir das raízes culturais, de acordo com os parâmetros científicos e numa postura transformadora.

"A sociedade burguesa empresta a máxima importância na exigência de creches ou de uma genérica educação sexual, coisas em si importantíssimas e que devem ser apoiadas sem hesitação, mas quase nulas se não forem colocadas na perspectiva de uma transformação mais geral desta determinada estrutura social." (CANEVACCI, 1981, P. 44)

Sabemos da dificuldade de uma síntese dessa grandeza, daí afirmarmos os nossos limites na soma das experiências definidas como possíveis.

Partindo desses pressupostos, entendemos que nosso objeto de estudo só poderia ser desvendado a partir da compreensão das vertentes estruturais da sexualidade, que são as contradições entre natureza e cultura e seus desdobramentos nas organizações familiares, nas estruturas políticas, nos tipos de propriedade e modos de produção embutidos.

Os pontos em que os fragmentos da sexualidade se apresentam para a análise na escola, como o relacionamento sexual e amoroso, estética e uso do corpo, relações familiares, atitudes e comportamentos sexual, códigos morais, éticos, erotismo, misticismo, etc., se explicam em sua interligação entre si e na contradição dos pólos daquelas vertentes estruturais, inseparavelmente.

Só poderemos chegar ao educacional se entendermos os fenômenos sexuais no estágio em que se apresentam na realidade concreta pela sua apropriação social e na realidade individual pelo caminhar do desejo humano na elaboração e vivência da identidade sexual.

1. Implicações Teóricas na Conceituação de Sexualidade

A problemática sexual tem raízes na contradição natureza e cultura. Por natureza entendemos a realidade objetiva, relacionada com o social, e a realidade subjetiva, própria do homem. Por cultura, o conjunto de experiências e valores partilhados e vividos em comum pela humanidade.

A família tem sido o locus onde o humano se objetiva, pois é nela que homens e mulheres "nascem, vivem, reproduzem e morrem", diferenciando-se e articulando-se entre si em movimentos contraditórios de troca com a natureza, daí resultando a civilização.

Local de sobrevivência, de ajuda mútua, de coesão material e moral, a família tem sido a estrutura da legitimação, da continuidade, da ideologia e do poder humano por um lado e, por outro lado, o local que marca mais profundamente a estruturação psicológica do indivíduo. Nela, a dialética do amor e do ódio, da criação e da destruição, da vida e da morte, da proteção e da violência, de Eros e Thanatos, acontecem.

"Além de ser o locus da estrutura psíquica, a família constitui um espaço social distinto na medida em que gera e consubstancia hierarquias de idade e sexo. As instituições políticas são estudadas em termos de riqueza ou classe ... e a família, em termos das diferenças específicas de idade e sexo no espaço social onde as gerações se defrontam mútua e diretamente e onde os dois sexos definem suas relações de poder."

(POSTER, 1979, p. 161)

O sexo é certamente um dos mais importantes fatos naturais da vida humana mas, mesmo em suas evidências óbvias, não é uniforme. As explicitações sexuais têm sido diferenciadas entre os povos, que as revestem de mistério, de gostos e aversões, de significações diversas. O ato sexual se afasta da repetição pouco variada do biológico para criar uma riquíssima gama cultural de enorme força sociológica ao seu redor. O animal, por outro lado, usa seus sentidos para se proteger, sendo o sexo, para ele, apenas uma forma de conservação da espécie.

O homem, porém, supera sua própria biologia. Acredita-se que, nas formas mais antigas da convivência humana, ocorriam uniões múltiplas no interior do grupo sem a demarcação da consanguinidade e do parentesco. O homem desconhecia o vínculo entre sexualidade e reprodução, embora já apresentasse a tradicional divisão do trabalho entre homem e mulher, questão básica para a organização da sociedade e seus sistemas simbólicos.

Desde que o homem descobriu a relação entre o ato sexual e a geração dos filhos, estabeleceu-se a vontade de legitimar a descendência para a transmissão hereditária dos bens, contrariando a exaltação máxima da espontaneidade e do prazer que o ato amoroso deveria implicar. A partir dessa descoberta, a sexualidade passa a ser reprimida e controlada, porém, nunca é completamente amordaçada e destruída enquanto força instintiva e radical, pois que leva o homem a arrebear as grades dos sistemas, do poder e do dinheiro, reafirmando o valor da "mais forte energia humana". O confronto amor-prazer impõe o encontro frontal entre natureza e cultura, que tende a privilegiar o mundo cultural e que, segundo Freud, é fruto da repressão da força instintiva natural.

É necessário ressaltar aqui a enorme contribuição de Freud à reflexão sobre a sexualidade. Ele põe em crise as estruturas da sociedade burguesa quando, unificando o método psicanalítico e a pesquisa antropológica, cria uma nova teoria para explicar o homem e suas motivações básicas. Ele afirma que a energia sexual (a libido) é uma força irracional que acompanha o homem do nascimento à morte. A elaboração dos eventos existenciais na estruturação da personalidade humana se dá pela economia dessa força que dinamiza as realizações humanas, tanto as tendências superiores e criativas como as neuróticas e destrutivas. Assim, amor e ódio seriam os dois caminhos para o homem, Eros e Thanatos, vida e morte.

Freud fala de um sacrifício totêmico no começo da civilização, que teria sido um ato coletivo dos filhos contra o pai, do qual resultaria a ambivalência humana: comportamento instintivo e sentimento de culpa.

Os laços familiares seriam então laços de sangue, a partir desse crime inicial que se desdobrou na proibição do incesto e no pacto das relações solidárias e fraternas na sociedade.

Também é de Freud o conceito de inconsciente humano, um "discurso do outro" dentro de cada um, dando origem a um permanente desejo de desordem e contra-ordem no gênero humano. Inconscientemente, o incesto seria algo desejado pelo homem e não "instintivamente repulsivo", como conscientemente se pensava. Esse é um pensamento chocante para a civilização de seu tempo.

Para Freud, a mente humana se organiza em três níveis de estruturas: o ID, que é a fonte primária instintiva básica da libido; o EGO, que é o nível racional que se relaciona com a

realidade; e o **SUPEREGO**, que é o nível moralizador, é a consciência que internaliza a repressão em regras e princípios.

Freud explica o desenvolvimento por fases de maturação da libido, ou seja, da energia afetiva original que propulsiona o organismo na realização de seus objetivos. Essas fases seriam sucessivas e progressivas e, em cada uma delas, a organização libidinal se apoiaria numa zona erógena corporal, produzindo uma fantasia básica e uma modalidade de relação com o objeto.

A libido é, para a psicanálise, a energia que orienta a busca prazerosa e o estabelecimento de vínculos, mesmo as ligações afetivas mais amplas, durante toda a vida. Em sua organização ao longo do desenvolvimento, essa energia apresentará quatro fases: oral, anal, fálica e genital, sendo as três primeiras típicas do desenvolvimento infantil, e a última, característica da organização adulta. Há um período de latência entre as primeiras e a última.

Assinalaremos apenas as linhas básicas de cada uma dessas fases, que entendemos não serem excludentemente distintas, mas somente diferenciadas por predominâncias.

Fase Oral - A estrutura sensorial mais desenvolvida quando do nascimento da criança é a boca. A sua luta pelo equilíbrio homeostático será orientada por via oral. Sua vida começa na boca e todo seu desenvolvimento corporal e psíquico daí se irradiará. O seio é o seu primeiro objeto afetivo, uma vez que o bebê não pode ainda reconhecer a mãe, que é o objeto total. É a fase introjetiva, com a absorção do alimento e de seu equivalente psicológico, o amor. O bebê, que nem mesmo percebe que seu corpo

Ele pertence e tem completa ignorância da realidade, pela experiência básica de sugar vai adquirindo a habilidade de lidar efetivamente com o mundo externo. É o seu primeiro ato de união, de contato sensorial com outra pessoa, base de sua coordenação com o mundo, onde ele ora experimenta prazer, ora sofrimento.

Fase Anal - A libido passa para a organização anal por volta do segundo e terceiro anos de vida, quando da maturação do controle muscular dos esfíncteres. É o período em que a criança começa a andar e a falar, a apreender os objetos com os dedos, enfim, a enfrentar o mundo frente a frente. Ela começa a colocar os primeiros produtos seus no mundo e através deles começa a criar um modelo de relação com o exterior. Anda, fala, evacua, quando se sente aceita pelo ambiente, e recusa-se a oferecer "produtos" quando se sente assustada e rejeitada. Duas modalidades de relação são estabelecidas: a projeção e o controle. Nessa fase se estabelecem os sentimentos básicos para uma postura de sentir-se adequada e seus produtos serem bons ou não, surgindo daí a capacidade criadora, inventiva, projetiva ou, ao contrário, aparecendo bases para características obsessivas, persecutórias, controladoras e avarentas.

Fase Fálica - Por volta dos três anos, a libido inicia a erotização dos genitais. A criança apresenta interesse pelos genitais e pelas diferenças entre os meninos e meninas, marcadamente na questão da presença e ausência do pênis. A fantasia básica é fálica e organiza-se o modelo de relação entre o homem e a mulher, cuja evidência crítica, segundo Freud, é o complexo de

Édipo, ponto de máxima ambivalência dos sentimentos de atração, inveja e ciúmes entre pais e filhos.

A procura do parceiro sexual só acontecerá na fase genital, quando então esse modelo de busca de prazer junto ao sexo oposto se atualizará.

Sabemos que, no homem, a relação macho e fêmea não ocorre só instintivamente; ela requer etapas de socialização, a partir da resolução - bem ou mal - desse ponto central da organização afetiva.

De início, a maior parte dos vínculos de prazer da infância estão ligados à mãe, que preenche a fantasia erótica do menino. Desse modelo de relacionamento deriva a tendência de buscar a parceria sexual externa à família, mais tarde, e de com ela estabelecer vínculos afetivos e uma nova família.

O pai surge nessa elaboração amorosa como interceptor e regulador do prazer. Símbolo totêmico e dono da mãe, o pai é a imagem da autoridade que recompensa e pune. O menino devota ao pai um sentimento mesclado de ódio, temor e admiração. De um lado, quer eliminá-lo, de outro, quer imitá-lo e ser igual a ele. Esse é o triângulo pai-mãe-filho que Freud denomina complexo de Édipo, para o menino, e de Eletra, para a menina, que elabora, com diferentes características, seu conflito em torno da disputa com a mãe pelo amor do pai.

Quando a atração pela mãe ou pelo pai é reprimida, fica encerrada a fase fálica e se estabelece um modelo de busca do amor heterossexual, que será assumido na adolescência. Pode-se dizer que um "precipitado" surge no Ego, possibilitando um confronto entre os seus conteúdos e um ideal, ou superego, a partir daí.

Período de Latência é o espaço entre a fase fálica e a genital, quando a repressão do Édipo é canalizada para outras finalidades, principalmente intelectuais e sociais. Chamamos a esse processo de sublimação e, nesse período, para Freud, originalmente não há nova organização erógena, nem fantasias básicas ou novas modalidades de relações-objetos. A nível social, geralmente essa fase coincide com o início da educação formal ou da profissionalização.

Fase Genital - Alcançar a fase genital significa que as adaptações biológicas e psicológicas foram se realizando e agora o erotismo centra-se na área genital.

O adolescente aprendeu a amar e a competir e está aberto a crescer intelectual e socialmente, assumindo o seu papel sexual. Ele é agora capaz de estabelecer um vínculo sexual duradouro e significativo e, também, capaz de orgasmo pleno com sua parceira. Essa plenitude é estendida ao campo mais amplo, coroando-se com a criação de filhos, que é a perpetuação da vida, e a realização profissional, que representa a capacidade de produzir.

Evidentemente, esta é uma breve síntese da teoria psicanalítica primitiva e que, mais tarde, o próprio Freud, seus seguidores e seus críticos, ampliaram e reformularam, passando de um sistema teórico "hidráulico", próprio do Século XIX, para um sistema de comunicação, onde o impulso para o desenvolvimento é mais importante do que a diminuição da tensão, como princípio econômico. (Cf. FIORI, in RAPPAPORT, 1981; MELTZER, 1979)

Retomando a questão da família, os três níveis, id, ego, superego, estariam na base do coletivo social também. O acúmulo de poder sobre a geração dos pais, ao se fortalecerem as famílias, foi possível graças à essa "submissão póstuma" ao pai, símbolo da autoridade, que se apropria tanto da força de trabalho quanto da subjetividade dos filhos, que passam a lhe pertencer.

É a partir daí que surge a dicotomia entre o particular e o social, a propriedade privada e a coisa pública.

Quando a família se delimita em monogâmica e patriarcal, há um grande desenvolvimento social, com a propulsão do poderio econômico, social e ideológico familiar. Perdeu-se o sentido da família "aberta", aconteceu a cisão histórica entre a esfera pública e a esfera privada, abrindo espaço para a futura Teoria de Estado, pólo acumulador da autoridade e do poder. Também a dicotomia corpo e mente, no ser humano, se acentua, uma vez que os corpos passaram a ser tomados como valor de troca nas uniões ou casamentos, e que agora passam a ter um significado de acordos políticos, econômicos e ideológicos, prioritariamente.

É o início da tradição anti-corpo, que enfermiza a cultura até os nossos dias. As emoções e sensações começam a ser reprimidas no homem, desde cedo, desequilibrando a unidade original humana, onde expressões físicas, sexuais, emocionais e mentais eram, antes, equivalentes.

O processo repressivo orientou-se para a valorização da mente, que foi designada igual ao espírito, ao "bem", e tida como superioridade cultural, enquanto o corpo foi designado "carne", igual ao "mal", com um valor secundário e inferior. De tal forma o homem se torna estranho a seu próprio corpo, com sua excessiva

racionalização e orgulho de sua intelectualidade, que hoje nos surpreendemos ao deparar com afirmações como esta:

"O homem moderno já não chora com seu peito, mas intelectualiza seu pesar; não geme com seu orgasmo, mas pensa se esteve bem (ou não); não ri com a barriga, nem ama com a alma. Está mais perto da morte do que da vida." (PEREZ LABORDE, 1988, p. 67)

Uma cultura patriarcal e autoritária, gradativamente encorajou o homem contra sua própria natureza interior e contra a miséria exterior ao seu redor. A sujeição de um sexo pelo outro acentou-se, como dominação e conflito, a partir da família monogâmica.

"O primeiro antagonismo de classe a surgir na história coincide com o antagonismo entre o homem e a mulher em regime monogâmico. É a primeira opressão de classe que se manifesta, com a opressão do sexo feminino por parte do masculino." (ENGELS, in CANEVACCI, 1981, p. 78).

Dizíamos que não só politicamente se explica a contradição entre os sexos, mas que nesse relacionamento se esconde o mais antigo dos mistérios, que contém em si a sobrevivência da humanidade, porém que, entre paixões e paradoxos, nunca foi de indiscutível igualdade, liberdade e clareza.

Entre o homem e a mulher sempre houve atrações e interdições que o mundo discursivo da ciência não tem conseguido desvendar. Referimo-nos aos mistérios do erotismo, que é a procura psicológica entre as pessoas, independente do fim da reprodução.

A sociedade humana se diferencia da dos animais pela capacidade de "dizer não" ou de recusar seus instintos. No homem, as interdições são referentes à união sexual, à morte e ao sagrado. O erótico se relaciona com a violação das interdições e o desejo de transgredí-las e superá-las. O incesto teria sido a interdição que marcou a humanidade, em sua profundidade psicológica e, no entanto, o próprio conceito de incesto é móvel.

O medo, a culpa, o horror, têm suas raízes nos tabus que o homem impôs à sua sensibilidade. São recursos que não significam rupturas, mas laços mais profundos, que opõem à animalidade desordenada um princípio humanizador.

Acreditamos que a força "irracional" da sexualidade antagoniza-se à força do trabalho, desestabilizando-a. Ela pertence ora ao mundo do profano, que constitui o mundo do trabalho e do respeito aos interditos, ora pertence ao mundo do sagrado, que paralisa a rotina produtiva e suspende os interditos.

Sexualidade e trabalho antagonizam-se sendo, portanto, complexo, o discurso sobre algo irracional, porque muito do sexo não podemos apreciar "de fora", como coisa; muito dele melhor se expressa no silêncio, muito dele não se capta como "realidade", o que é tão necessário à análise científica.

Assim, temos visto historicamente projeções racionais frustrarem-se totalmente mediante a explosão de forças instintivas subestimadas. A um nível individual, temos os casos dos grandes amores, das grandes paixões; ao nível social, temos as reviravoltas políticas, as rebeliões sangrentas e destrutivas.

A humanidade tem previsto, de há muito, a morte da família, ou seja, dos laços instintivamente duradouros entre as pessoas.

Só o futuro poderá confirmar a total aniquilação dos laços familiares. O que temos visto, são modificações no modo de se unir, que em diferentes épocas recriam-se em diferentes estilos, mas que mantêm sempre um elo irracional em sua base.

Historicamente, o homem entendeu a família como algo natural ou de origem divina, tendo as duas posições, como denominador comum, a luta pela permanência dos bens afetivos, ideológicos, econômicos e políticos acumulados. Seja com argumentos metafísicos ou positivistas, a sociedade chegou à emancipação da família burguesa quando superou a família feudal ampliada e fundou uma unidade jurídica entre os sexos, onde proclama um vínculo indissolúvel entre o homem e a mulher. Surge o amor sexual moderno, tido como o laço de escolha entre os cônjuges e amantes.

Marx e Engels (in CANEVACCI, 1981, p.74-87) denunciam as contradições da instituição familiar burguesa, que permite florescer um sistema de dupla moral, de onde decorrem processos sociais paralelos, como o adultério, a prostituição, a alienação e opressão econômica da mulher, e a exploração dos filhos. Eles predizem que a emancipação social, que a expropriação das relações privadas de produção deveria ocasionar, no regime socialista, uma superação dessas decorrências dissidentes da família, ocorrendo a igualdade entre os sexos e o relacionamento livre entre eles, porque seria a união de duas pessoas libertadas e economicamente independentes.

Reich (1971, 1983) une à essa crítica os fundamentos da psicanálise, afirmando que na estreita ligação entre família e economia está a explicação da ampla repressão sexual e submissão

ao domínio do autoritarismo político de seu tempo. Para ele, a regulação da vida sexual pelo sistema patriarcal, o elogio à prole numerosa, reforçam as estruturas familiares que reprimem as forças da libido através do enraizamento, a nível psicológico profundo, do sentimento de culpa. Acredita que, diminuindo a auto-consciência individual, formando traços de caráter rígidos, o fascismo impôs o desenvolvimento de idéias reacionárias de dever e honra, de coragem, de auto-controle, de compromisso cego e emocional com a pátria. Propõe que, se o homem recuperasse a lei natural da sexualidade, ele recuperaria tanto a existência prazerosa perdida pela cultura, como sua emancipação social, política e econômica.

"O homem genitalmente satisfeito é honesto, tem o sentido do dever, é corajoso e sabe se dominar. Essas atitudes formam a parte orgânica de sua personalidade."

(REICH, 1974, p. 58)

Antagonizando essas críticas, a história mostra, no mundo atual, que a liberação da preocupação de transmitir bens hereditários (no mundo socialista) e a liberação da carga da procriação, pela descoberta dos anticoncepcionais, não impediram que permanecessem as relações monogâmicas, os vínculos entre pais e filhos, e as relações de desigualdade entre homem e mulher. Sem dúvida, existem grandes diferenças na família nuclear moderna, que se estruturou com o monopolismo capitalista tardio, onde o papel dos pais se transformou, havendo grande diminuição de seu poder, e onde as relações entre os sexos estão hoje se abrindo em diferentes alternativas.

Não podemos esquecer, no entanto, que novas formas opressoras surgem, mascarando o movimento reacionário da hierarquia de classes e da divisão do trabalho.

Para Marcuse (1975, 1979), a acumulação exagerada do capital e o seu entrelaçamento impenetrável com a ação política, formam uma frente hermética de poder, que hoje domina a sociedade industrial contemporânea, de modo unidimensional, não se conhecendo mais a contradição das forças natureza e cultura, o que suprime a individualidade, impossibilita a competição, forja a opinião pública, controla as mais íntimas necessidades humanas, através do poderio tecnológico. É uma sociedade deserotizada, não há mais o que transgredir e em sexualidade tudo se reduz ao desempenho genital, reduzido a padrões mecânicos e a técnicas produtivas de prazer e controle da reprodução.

O sexo desvincula-se do conjunto da vida: sentir, amar, perceber, pensar. É a desumanização do homem numa sociedade que "opera ampliando a liberdade, enquanto intensifica a dominação", num processo de dessublimação controlada. Isso gera o crescimento de formas tanto não sublimadas como sublimadas de agressividade. Impotente para tomar atitudes de recusa, o homem aceita riscos de destruição, tanto mental quanto material. Restou-lhe o caminho da denúncia do sistema social estabelecido, da contra-organização e da rebeldia.

Refletindo esse questionamento, houve a explosão de revolta dos anos sessenta, que se caracterizou pela contestação ao dinheiro, à guerra, à institucionalização dos costumes, das leis e do saber. Essa urgência reivindicatória emergiu dos estudantes, dos jovens, das mulheres, dos negros, dos homossexuais, de todos

os tipos de marginalizados do capital. A libertação sexual foi a grande bandeira dessa onda de protesto e o comportamento sexual foi questionado por todos os ângulos.

Ocorreram, então, grandes mudanças na diferenciação rígida da aparência masculina e feminina que, a partir daí, nivela-se na expressão "unissex". Houve, também, a desvalorização dos rituais e cerimônias de casamento, assim como, os vínculos matrimoniais se tornaram mais flexíveis. As distâncias entre pais e filhos diminuíram e as trocas entre eles se estreitaram; o prestígio e a invulnerabilidade de instituições, como o exército, foram abaladas e suas determinações desrespeitadas. Surge a pílula anti-concepcional, anulando uma forma muito forte de controle sobre a mulher: a gravidez fora do casamento.

O sexo começa a ser objeto de investigação científica em áreas diversas, como a medicina, a psicologia, a psiquiatria. Começa a se firmar a sexologia.

Foucault (1987) afirma que essa exagerada preocupação discursiva com sexo não explodiu porque ele tivesse sido reprimido em épocas anteriores, mas porque interessou ao Estado estimular esse discurso para melhor controlar a sexualidade, por suas diferentes instituições. A essência da sexualidade não é a força instintiva, mas o seu potencial de conscientização, de formação de atitudes, de modelamento de comportamentos e de atualização de experiências físicas que, a seu ver, são provocadas pelas forças sociais, que agora passam a definir, a organizar, a categorizar e a regular o irracional. A sexualidade é constantemente modificada, produzida, e os discursos e experiências a seu respeito mudam correspondentemente.

Não há mais o sexo, mas a idéia de sexualidade no mundo contemporâneo. O poder a constrói e, pelo discurso, lança padrões sexuais a serem copiados. Não há interdições que erotizem o homem. Tudo se organiza na gestão da vida, escondendo-se a ameaça da morte.

Foucault denuncia a redução do homem à vida biológica, dizendo: "... pode-se compreender a importância assumida pelo sexo como foco de disputa política. É que ele se encontra na articulação de dois eixos, ao longo dos quais se desenvolveu a tecnologia política da vida. De um lado, faz parte das disciplinas do corpo: adestramento, intensificação e distribuição das forças, ajustamento e economia das energias. Do outro, o sexo pertence à regulação das populações, por todos os efeitos globais que induz." (FOUCAULT, 1985, p. 136)

Resta-nos tomar a visão teórica dos que acreditam que os homens possam ser "produtores das suas formas históricas de vida". Representantes da Escola de Frankfurt, através da Teoria Crítica da Sociedade, dialetizam a sociedade historicamente determinada e afirmam que "os fatos sensíveis são socialmente pré-formados de duas maneiras: pelo caráter histórico do objeto percebido e pelo caráter do órgão que percebe". A família hoje articula-se, dialeticamente, com o autoritarismo social e reproduz o consenso acrítico das relações entre os homens, e as classes, entre seus membros.

Adorno e Horkheimer (s.d.) advogam a pesquisa social sobre a totalidade do aparelho cultural, investigando-se a relação autoridade-família para se criticar os mecanismos de internalização da submissão. Eles afirmam que a família, enquanto "esfera

das relações privadas", é permeabilizada pelo social em suas mais íntimas entranhas, mas reconhecem que a sua resistência em sobreviver como uma "ilha" revela algo inconciliável com a racionalização e a absorção das relações humanas, pela sociedade das relações de troca.

A crise familiar é enorme e a família está "entre o progresso da civilização e o das contratendências irracionais", nesse momento histórico, como um cadáver que hoje necessita ser cremado ou maquilhado para o sepultamento, não pode o corpo simplesmente voltar à natureza.

É dos autores a afirmação: "... a família continua a ser uma instituição essencialmente feudal, fundada no princípio de "sangue" e do parentesco natural, perpetuando, assim, um elemento irracional no interior da sociedade industrial que, ao contrário, é orientada para as ordenações racionalistas, para o domínio exclusivo do princípio de calculabilidade de todas as relações, e que não tolera outro parâmetro de controle que não o da demanda e da oferta." (ADORNO & HORKHEIMER, s.d., p. 137)

Os autores denunciam o interesse burguês em manter a instituição familiar porque ela pode atuar como perpetuadora da injeção da autoridade, idealizada como ética do trabalho. Enquanto "esfera da intimidade", a família passa a levar os indivíduos a "querer a obediência", a "amar", a "temer", a "dar satisfações aos outros". Eles apontam também a crise social contida na própria esfera da família, onde o papel de herdeiro não faz mais sentido e tendem a desaparecer "dominações" como o controle "moral" sobre as filhas e a exploração econômica do trabalho da mulher e dos filhos. A família não garante mais a sobrevivência

material de seus membros e não os protege da inexorável pressão social.

O homem está dissociado frente ao coletivo, está "atomizado" na "multidão solitária". Por mais que a produção tecnológica tente conservar artificialmente o status do familiar (Dia das Mães, Natal em Família, Páscoa Festiva, Dia das Crianças), os laços familiares tendem a se esfriar e suas influências educacionais e instrucionais a diminuir cada vez mais. A debilidade da figura paterna, a ausência materna do lar, começam a fazer com que a família seja gradualmente "esquecida".

Extraído da família, o jovem está aberto ao poder coletivo do "super pai", para dele receber "proteção, satisfação narcísfica, compensações materiais e possibilidades de descarregar sua agressividade inconscientemente desorientada". Mais do que nunca, o homem está vulnerável ao poder autoritário massificante, enquanto social, mas também está absolutizado em si mesmo, enquanto indivíduo, em contraposição.

Habermas (Cf. ROUANET, 1986) fala de uma família que é local de encontro do "puramente humano", encontro da subjetividade, que desponta no relaxamento íntimo familiar. Mesmo aí o homem se contamina pela "indiscrição" ou invasão ao seu interior. Os livros, os jornais, a mídia tecnológica, invadem a introspecção humana de modo que a esfera pública (o outro) hoje se confunde com a privada (o eu).

No entanto, ele não acredita que as consciências estejam a tal ponto invadidas que não se possa falar de um processo emancipatório para o homem. O homem é capaz de controle técnico sobre os processos naturais, pela ação instrumental, e de organização

simbólica da intersubjetividade, pela ação comunicativa. Com isso, ele transcende a simples reprodução da espécie, buscando formas de interação social livres da dominação.

Habermas (Cf. ROUANET, 1986, p. 258-264) busca, na psicanálise, uma forma de comunicação sui generis - a terapia, que lhe serve de modelo comunicativo para tomada de consciência. É pela auto-reflexão, conduzida pelo terapeuta, que o homem vence barreiras, desmonta bloqueios e desfaz falsas legitimações, libertando sua subjetividade de deformações.

Vemos, nessas colocações de Habermas, possibilidades educativas pelo aprofundamento do conceito de interação, ou seja, pela ênfase na via comunicativa, o que nos remete ao conceito de libertação da palavra, das propostas educacionais de Paulo Freire.

Já Mitscherlich (1972) procura uma nova função para a família capitalista, considerando a perda da autoridade paterna, na sociedade superorganizada. Ele procura reconstruir o Ego crítico. Tendo perdido o domínio sobre tarefas humanas, como a afetiva e a pedagógica, e deixando de ser o local da produção, a família torna-se o local do "tédio, das pequenas intrigas, das frustrações da vida e do escritório e da carreira fracassada". Acredita que só na superação da divisão do trabalho, com a expropriação da alienação de um trabalho fragmentado, poderão os homens encontrar novas formas de relações "humanizadas". Na linha freudiana, Mitscherlich defende o valor das relações emocionais entre a criança e o mundo adulto. Retoma o conceito de "confiança primordial" que, para Erikson (1976), é a base fundamental do sentimento de segurança e reciprocidade afetiva e que vem da

relação mãe-pai e filho. Porém, entre o terceiro e o quinto anos de vida, desponta o desejo de autonomia e, então, a criança passa a "dar e receber" emocionalmente de outros, formando seu núcleo de caráter. As relações inter-humanas introjetadas se articulam através do processo de identificação, que é núcleo central da personalidade.

O processo de identificação seria um crescente senso de unidade interior que, por um princípio epigenético, levasse a sucessivos estágios de prontidão e de crise no desenvolvimento humano, como produto da troca entre a força libidinal e o ambiente social. Se, ao seu redor, a criança encontra aceitação, ela responde com hospitalidade interior; no entanto, se encontra negação, ela responde com recíproca negatividade, em forma de ambivalência e ódio.

Erikson identifica e descreve cada estágio do desenvolvimento pelas características extremas de sucesso e fracasso na resolução das tarefas conflitivas de cada fase, o que depende de predisposição anterior e condiciona o refinamento das respostas subseqüentes. No desenvolvimento real, a maturação se dá pelo equilíbrio entre os componentes psicológicos internos e as influências sociais externas, havendo um balanço das polaridades. Ele prevê oito estágios no desenvolvimento da personalidade e os descreve de um modo seqüencial. Esses estágios são denominados pelo conflito básico que o ego deve superar.

Temos então, segundo Erikson (1973, 1976):

1) **Confiança ou Desconfiança Primordial** - O primeiro componente a ser adquirido pelo ego, em relação a si mesmo e aos

outros, é a confiança. É a base da identidade individual, do estilo de auto-aceitação e da correspondência à expectativa dos outros. O primeiro ano de vida daria à criança uma visão de mundo bom ou mau.

2) Autonomia ou Dúvida e Vergonha - A maturação muscular vai permitir a experiência de "segurar" ou "soltar" os produtos corporais a serem eliminados. É a idade do treinamento dos esfínteres e a criança revela o seu estilo hostil ou de aceitação às ordens e expectativas a seu respeito. "Segurar" pode significar tornar-se destrutiva, cruel, restritiva, avarenta. "Soltar" pode demonstrar forças controladoras relaxadas, permissividade. Esse estágio seria decisivo no estilo de amar e odiar, de dar e receber, de cooperar ou negar. Também as características de auto-expressão "abrindo-se para fora" ou "introvertendo-se", isto é, voltando-se para dentro, teriam suas raízes nessa fase.

3) Iniciativa ou Culpa - O modelo pessoal de direcionar a ação começaria a revelar-se nesse momento, em que a criança amplia o relacionamento além das figuras pai e mãe apenas. Pela liberdade em que se movimenta, pelas perguntas em que revela a linguagem, pela imaginação e fantasia que despontam, pode-se perceber como a criança começa a se projetar em um mundo futuro. Os pré-requisitos para os papéis sexuais estão se acentuando e as metas sociais para o papel masculino ou feminino tendem a manter uma certa perseverança. Naturalmente, fantasias de culpa começam também a se desenvolver.

4) Capacidade ou Inferioridade - Erikson chama a esse

período de "eu sou o que aprendo". Essa fase coincide com a entrada na escola e a criança é levada a dominar instrumentos, tecnologias, leis, convenções do ambiente, tornando-se produtiva ou não. Os outros cobram dela o sucesso no desabrochar de suas habilidades e quando isso não é alcançado ela experimenta desespero, desencorajamento, sentimentos de inadequação e inferioridade. É a fase de avaliações em relação aos outros, percepção do processo de diferenças de oportunidades, da divisão do trabalho, com a decorrente competição.

5) Identidade ou Confusão do Papel Social - A puberdade traz um grande questionamento de identidade, com a emergente revolução fisiológica. O adolescente se questiona: Quem sou eu? Qual a expectativa dos outros a meu respeito? O que eu realmente quero para mim, hoje e no futuro? A dificuldade em definir-se será tanto maior quanto menos resolvidos tenham sido os estágios anteriores, prolongando-se dúvidas quanto ao papel sexual e a aquisição da capacidade produtiva.

6) Intimidade ou Isolamento - Quando o indivíduo se percebe como único, diferenciado dos outros e capaz de ações criativas individuais, ele se sente impulsionado para o outro para com ele se misturar e fundir. O jovem acha-se pronto para "relações de intimidade", que levam-no a filiar-se a grupos, a organizações e a manter vínculos com as pessoas. É o período das amizades profundas, da união sexual, do compromisso grupal. Ele faz alianças, sacrifícios, contribuições para com os outros. A fuga dessas experiências revela o medo da perda do ego e o fechamento em auto-defesa e introversão.

7) **Generatividade ou Estagnação** - É o período adulto, quando o indivíduo se coloca em frente à geração mais nova. Ou ele revela uma postura de abertura à criação, à produção, às preocupações altruísticas, ou ele reduz o relacionamento interpessoal, isola-se, estagnando.

8) **Integridade ou Desespero** - O estágio final caracteriza-se pela crença em si mesmo, aceitando a idade madura como uma riqueza de experiências e percebendo sua vida como uma contribuição para a humanidade, ou o indivíduo deixar-se-ia dominar por um desesperado medo da morte e amarga crítica e descrença em determinadas instituições e pessoas.

É esse processo, então, que dá base à "identidade sexual, que é a persistência e continuidade masculina e feminina, vivida como auto-consciência, que é a experiência particular interior e vivida como comportamento, que é a expressão pública da identidade sexual." (A. PINNEL, 1988)

Estudos excessivamente lineares, como o de Erikson (1976), quanto ao processo de identificação sexual, são criticados por Gagnon e Simon (1984), entre outros, porém, colocando-nos na postura de superar uma psicologia intimista, valemo-nos de uma teoria de maturação sexual para melhor esclarecer certos questionamentos, como: Que conseqüências sociais teria o fato do "esmaecimento da imagem paterna" pela perda da "visibilidade" do pai e da mãe e pela introdução dos processos sociais coletivos nos hábitos familiares? Em que medida os papéis masculino e feminino são biologicamente inevitáveis e qual a sua relação com a dominação do adulto, enquanto fonte de autoridade e amor?

Sabemos que não há um imperativo biológico na relação mãe e filho (BADINTER, 1984) e que o mito do amor materno como algo inato e inerente à maternidade é hoje questionado, sendo mesmo explicado como uma reificação que favoreceu a dominação da mulher. Também o domínio da geração jovem pelos mais velhos foi largamente abolido na cultura contemporânea, que defende e protege o menor em quase todas as suas instituições.

O nosso questionamento na elaboração da identidade volta-se para certo grau de sujeição que a criança deve ter ao adulto para o seu processo de socialização, ou humanização, como dizem alguns. Referimo-nos ao processo de desenvolvimento de um padrão emocional duradouro, onde a criança elabora os sentimentos em relação a si própria e aos outros, internalizando um padrão de resposta à autoridade.

A ausência de contatos e estreitos laços entre pais e filhos levariam o jovem a perder o ponto de referência extra-instintivo que lhe permite elaborar sua identidade, ter consciência de si e agir conscientemente? Seria possível ao jovem viver como parasita, não sofrendo influência da cultura, já que não passou por nenhum "processo social"? Esse jovem tenderia a agir sempre pelo instinto, sem nunca incluir os outros em sua ação, pois não representaria conscientemente seus semelhantes? Só aquele que, tendo passado pela "experiência pessoal de aceitação e amor" seria capaz de levar em conta o outro, e com ele "dar e receber" em matéria de afeto e autoridade?

Sem identificação socializante o jovem obedeceria a modelos fantasiosos, heróicos, sem cautela. Amante do ruído e do grito alucinante, não suportaria o auto-controle e a reflexão. Num

mundo de exageradas e constantes mudanças, as técnicas produtivas fragmentam o trabalho, e o jovem em formação precisaria de uma visão clara e concisa de si mesmo para enfrentar a realidade, o que uma socialização incompleta não lhe permitiria.

Na sociedade do futuro, para recriar uma família, o homem deverá resolver a cisão entre o local de trabalho e o local de moradia, a de produtor independente e de assalariado-consumidor de bens.

Para terminar essa visão panorâmica da construção social da sexualidade, acreditamos que abordagens psicológicas, que tomam a problemática feminina e a masculina separadamente para estudos particularizados dos problemas específicos que cada sexo está enfrentando face à grande modificação nos papéis sexuais, se fazem necessárias.

Uma abordagem questionadora da estereotipia da psicologia masculina começa a surgir no jogo conflituoso entre os sexos, onde múltiplos sistemas de valores, diferentes teorias e ideologias, competem entre si.

A psicologia humana foi desenvolvida, distinguindo-se as características masculinas e femininas de forma idealizada e comparativa entre si. Se hoje a mulher procura libertar-se e para isso tem argumentos que desmascaram as imposições culturais, reescrevendo uma "nova psicologia da mulher", também um novo homem deverá surgir, uma vez que ele está desagasalhado das couraças milenares que o protegiam como sexo superior.

Do drama edipiano, como ponto central da elaboração da identidade masculina pela disputa entre pai e filho, como classicamente foi descrito por Freud, até os nossos dias, muitos conhe-

cimentos surgiram de pesquisas, observações e análises clínicas, trazendo nova luz sobre a seqüência evolutiva nos caminhos da masculinidade. O papel da relação mãe e bebê parece hoje decisivo na modelação dos sexos, assim como os conflitos pré-edípicos, os estágios de separação-individualização, e a importância evolutiva do "self" parecem de importância fundamental na identidade sexual. (Cf. FOGEL, LANE & LIEBERT, 1989)

Quanto à psicologia feminina, consideramos Juliet Mitchell (1972), que procura alternativas para a superação da família, porém denuncia o extremismo verbal das esquerdas na questão da igualdade dos sexos e da "liberação da mulher". Acenando para uma "pluralidade de formas" de socialização em contraposição à família nuclear, ela coloca que a família é a estrutura social que passou pela maior transformação em nosso século. O casamento é, hoje, um elo muito fraco entre as pessoas e o papel da "maternagem" cada vez ocupa menos tempo da mãe e do pai, estando o processo de socialização cada vez menos na mão da família.

Mitchell critica tanto a mudança baseada em reformas (como por exemplo, a exigência de melhoramentos para a vida da mulher - creches, condições de aposentadoria, salário para serviço doméstico, etc.), como as exigências extremistas de extinção da família, como a suspensão de restrições sexuais ou a criação dos filhos de modo coletivo. Essa autora encontra respostas na busca de um sistema coerente de exigências, onde o problema da mulher se coloque como parte de um problema econômico estrutural da sociedade, como uma perspectiva emancipatória social.

Diferentemente de reduzir o problema feminino ao econômico, é preciso buscar formas inversas, onde, pela igualdade no

trabalho, a mulher possa influir na construção da sociedade, não mais como propriedade, mas como proprietária. A mulher teria um papel de anular a separação rígida entre reprodução e produção, revolucionando as instituições quanto às relações pessoais. Uma pluralidade institucional, onde a família seja uma das alternativas, se faz necessária, pluralidade essa que incluísse as relações homossexuais, moradia conjunta dos casais ou não, relações a curto ou a longo prazo com os filhos, pessoas que se ocupam com crianças, idosos que cuidem de crianças, comunidades familiares extensas, tudo o que a livre invenção pudesse criar em favor da redução das diferenças entre protegidos e abandonados do capital. (MITCHELL, 1972)

Como vemos, um futuro desconhecido abre-se à nossa imaginação.

A educação sexual terá que ser pensada a partir de nosso momento histórico que, em toda a sua movimentação contraditória, nos oferece possibilidades de reflexão, articulando a antropologia, a filosofia, a psicologia e a sociologia.

São os tupinambás tão luxuriosos que não há pecado de luxúria que não cometam; os quais sendo de muito pouca idade têm conta com mulheres, e bem mulheres; porque as velhas, já desestimadas dos que são homens, granjeiam estes meninos, fazendo-lhes mimos e regalos, ensinam-lhes a fazer o que eles não sabem.

Em 1613, o Pe. Pêro de Castilho..., compunha um glossário significativo para completar a gramática do mundo: era o dos "nomes das partes do corpo humano pela língua do Brasil, ... muito necessários aos confessores que se ocupavam nos ministérios de ouvir confissões, e ajudar os Índios, onde de contínuo servem."

Martins, 1976

2. Avanços e Recuos da Educação Sexual no Brasil

Ao pensarmos a educação sexual entre nós, primeiramente teremos que nos remeter à questão do jovem em nosso país, partindo de uma afirmação realista de Vittielo (Nova Escola, 1987, p. 17), quando diz: "A educação sexual deve ser implementada nas escolas porque não há outro lugar onde se consiga reunir jovens."

Nesta afirmação, aparentemente tão óbvia, está revelada a qualidade de vida que estamos oferecendo a nossos jovens, sobretudo se considerarmos a escassez de escolas e a estreiteza do que oferecem. Embora caracterizada como "uma nação de jovens", a sociedade brasileira é alienada ao compromisso democrático de oferecer desenvolvimento e cultura à juventude. O nosso jovem é mais pensado pela praça de consumo do que pelo corpo político educacional do país.

No campo da sexualidade, o jovem recebe, através dos meios de comunicação, solicitações sexuais fragmentadas, de acordo com os interesses do consumo. Isso contrapõe-se a um "grande silêncio das vozes educativas" que, na escola, se calam, e na família, se esfriam.

Se a sociedade, hoje, expõe o indivíduo "só" diante do coletivo, e o socializa com a interferência de uma tecnologia massificante e dominadora, acreditamos que um jovem do terceiro mundo seja permeado por esses recursos, de um modo "selvagem". Por ele passam símbolos e ruídos, cujas origens estão tão distantes de sua cultura, que só lhes resta o mimetismo alienado, que castra a reflexão e o vigor da emoção criativa.

Muitos jovens vivem estressados pela necessidade de tomar decisões, tão sérias como a escolha de parceiro, ou a escolha da profissão, sem terem possibilidades de buscar qualquer espaço de informação e discussão para isto. Evidentemente que, em diferentes classes sociais, os problemas tomam colorações diferentes, mas podemos dizer que perpassa, por todos, essa pobreza sócio-cultural.

A educação sexual é parte desse processo global de indiferença, ou de uma intencional perversidade, pois, como afirma Maria José Werebe: "Aliás, pode-se dizer que a não informação é uma forma de informação: o silêncio em torno das questões sexuais, constitui uma certa maneira de orientar." (Cadernos de Pesquisa (36), fevereiro 1981, p. 107)

No caso da mulher, o desconhecimento da sexualidade chega a ser percebido como algo positivo. Moreira Alves (1980) fala de medo, solidão, vergonha, conformidade, passividade e insegurança na elaboração da identidade feminina, reforçados por uma ideologia de "pureza" e submissão.

"A menina sem 'maldade' é aquela que ignora o saber do seu corpo e de sua sexualidade, ou que esconde o seu saber. Nesse sentido, o conhecimento associado à 'maldade' possui também um conteúdo de poluição... O desconhecimento, o silêncio, não são um vazio... são um silêncio simbólico, na medida em que transmite um modelo de conformidade para o modelo de 'ser mulher'." (MOREIRA ALVES et alli, 1980, p. 258)

Esse silêncio não é algo novo, ele tem história entre nós.

Segundo Marta Suplicy (1988), no início do século começaram as preocupações com a educação sexual no Brasil, com intenções higienistas e médicas. Objetivava-se o combate à masturbação, às doenças venéreas e o preparo da mulher para o papel de esposa e mãe. Sempre como objetivos de "saúde pública" e de "moral sadia", procurando assegurar-se a saudável reprodução da espécie.

As feministas, lideradas por Berta Lutz, tentaram a implantação da educação sexual desde 1920. Seus objetivos eram a proteção à infância e à maternidade, segundo a historiadora Susan Besse, de Campinas, em seminário na Fundação Carlos Chagas, em 1979 (BRUSCHINI, 1982).

Em 1928, num Congresso Nacional de Educadores, aprovou-se a defesa de programas de educação sexual nas escolas, para crianças acima de 11 anos.

Em 1930, o jornal Diário da Noite faz uma pesquisa pública e colhe a resposta de grande apóio à educação sexual, com divergências, no entanto, quanto às estratégias de ensino e conteúdos programáticos. O Colégio Batista do Rio de Janeiro, por iniciativa do Prof. Stawiarski, incluiu em seu currículo o ensino da evolução das espécies e educação sexual, tratando apenas, no início, do papel feminino na reprodução, e somente em 1935 é incluído o comportamento sexual masculino. Daí resultou, no entanto, um processo jurídico e demissão do responsável, apesar de sua linha de prudência e austeridade em advertências morais apenas (BRUSCHINI, 1982).

Marilena Chauí menciona um livro de educação sexual, de 1938, de Oswaldo Brandão da Silva, denominado Iniciação Sexual - Educacional, e comenta o estilo discriminador e repressivo do

conteúdo que, já na capa, alertava: LEITURA RESERVADA. Destinava-se esse livro à leitura apenas para os meninos "de valor", pois as meninas "perderiam a inocência" se o lessem (CHAUI, 1984).

No período anterior à década de sessenta, a Igreja Católica, que dominava o sistema educacional para a elite brasileira, manteve severa repressão à educação sexual. O leigo tinha acesso apenas a livros médicos sobre a sexualidade e, em muitas casas mantinham-se, escondidos, dois livros: Método de Controle da Fertilidade de Ogino Knauss, e A Nossa Vida Sexual - Guia e Conselheiro para Todos, Com Respostas a Todas as Questões, de Fritz Kahn, este último publicado no Brasil em 1951. No prefácio, o autor fala que duas razões o levaram a escrever o livro: experiência e compaixão.

Nos anos 60 surgem os livros do Pe. Charboneau que, embora escritos numa linguagem filosófica pouco acessível aos adolescentes, tiveram grande influência nos meios católicos. Sua abordagem é nitidamente dentro da moral cristã católica, na linha da "educação para a responsabilidade e consciência da paternidade".

No período de 1954 a 1970, o Serviço de Saúde Pública do Departamento de Assistência ao Escolar de São Paulo, ministrou orientação sexual a meninas das 4as. séries primárias. As meninas e suas mães recebiam orientação sobre as mudanças sexuais que ocorrem na puberdade, gravidez e parto, quando solicitavam. O orientador sanitário era o responsável por essas aulas, que ele tentava passar também para os professores.

Em depoimentos a Bruschini (1982), os orientadores sanitários da época relataram que os pais e participantes avaliavam esses programas como excelentes, e que as mães consideravam

importante que as filhas se instruissem para se defenderem das "más intenções" dos rapazes. Os pais entendiam que os filhos deveriam ser iniciados sexualmente por profissionais e se preocupavam com doenças venéreas, masturbação e homossexualismo.

Esse programa foi interrompido por determinação do MEC, em 1970.

Na década de 60 surgiram várias tentativas de implantação de educação sexual, tanto em escolas públicas quanto particulares.

Em 1963, em Minas Gerais, um colégio introduz no currículo a educação sexual para os alunos do 4o. ano ginásial (hoje 8a. série), durando a experiência apenas três anos, pela reação negativa dos pais.

No Rio de Janeiro, no Colégio Pedro de Alcântara, o ensino de educação sexual foi introduzido em todas as séries, a partir de 1964, e outros colégios, como o Infante Dom Henrique, Orlando Rouças e André Maurois, o adotaram em 1968. Neste último, os próprios alunos sugeriram que as aulas fossem em classes mistas, a partir dos 11 anos de idade, e os temas discutidos ampliaram-se dos conteúdos apenas biológicos, do início, para a discussão dos problemas gerais dos jovens. Criou-se um clima de liberdade inusitada na escola, gerando uma crise que terminou com a exoneração da diretora, suspensão de professores e expulsão de alunos (Cf. BRUSCHINI, 1982).

Em São Paulo, alguns programas experimentais foram iniciados em escolas públicas, cuja metodologia causou grande repercussão em tentativas subseqüentes de projetos de educação sexual nas escolas, até nossos dias. De 1963 a 1968, esses programas foram iniciados no Colégio de Aplicação Fidelino Figueiredo, da USP.

Tivemos a oportunidade de ouvir depoimentos e pesquisar materiais preservados por antigos profissionais dessa escola (Isabel Gaspar Ramirez, Noemi Silveira Wrege - orientadoras educacionais), que revelaram dados vívidos desses programas.

As participantes trabalhavam diretamente com os alunos e integravam esse seu trabalho com os professores de Ciências e os pais, principalmente.

O Colégio contava com uma equipe de treze Orientadores Educacionais, que desenvolviam sessões de orientação educacional, rotineiramente, sendo estas previstas em horário. Os alunos eram atendidos em grupos de quinze, uma vez que as classes realizavam também outras atividades, concomitantemente às sessões.

É interessante notar que as sessões de orientação educacional eram registradas, por escrito, por monitoras, e que a oportunidade de pesquisar, em relatos da época, mais ou menos vinte dessas sessões, nos foi possível pelo fato de uma participante ter se afastado de São Paulo, uma vez que todos os demais registros dessas experiências foram destruídos pelos próprios educadores, que temiam o vasculhamento de seus pertences, quando do fechamento do Colégio de Aplicação, em 1970.

Nesses relatos escritos, colhemos "falas" dos jovens de então, que nos parecem significativas. Por exemplo, dizia uma jovem, em 1965: "O sexo para nós é assunto urgente. Se demorar muito para termos informações, perderá a razão dá-las, pois de um modo ou de outro, ficaremos sabendo muita coisa e sem ter certeza do que é certo e o que é errado."

Um rapaz afirmava: "Aprendemos já tanta coisa por aí, com malícia, acho que deveriam começar essas discussões quando surge

o interesse, isto é, desde o pré-primário, assim evitaríamos problemas."

Acreditamos que muitos jovens hoje poderiam expressar os mesmos anseios, uma vez que em nada mudamos a oferta de informação e formação, para a grande maioria.

Notamos fatos interessantes ocorrerem nas sessões, como a de 08/06/67, onde os alunos lamentam que o 'slide' sobre a cópula apenas mostre um esquema do ato e começam a discutir sobre o prazer. A Orientadora Educacional fala então do erotismo dos seios, do clítoris, mais tarde referindo-se à essa sessão como "assunto leve". Quando os alunos perguntam sobre métodos anticoncepcionais, ela discute a proibição do Secretário da Educação de se falar no assunto e, em seu depoimento, fala em "contrasenso" para situar sua posição. Diz que geralmente discutia essas questões proibidas em atendimento privado, mesmo porque, muitos alunos revelavam estar tendo relações sexuais e ela tinha mesmo que ajudá-los na prevenção da gravidez. Os alunos revelavam interesse por temas como "a pílula" - que parecia uma novidade, prostituição, adultério, mãe solteira, aborto, gravidez e parto, e falavam em revistas pornográficas, "homens efeminados", relação sexual com animais, amantes, masturbação, amor livre, tarados, "problemas de sexo e juventude", revelando a linguagem e as posturas da época.

Uma Orientadora relatou-nos o trabalho com um aluno homossexual e com sua mãe, no sentido da aceitação de um encaminhamento para a discussão da escolha sexual do filho; comenta, também, que a masturbação era o assunto mais intrigante desde as 5as. séries, e que métodos anticoncepcionais realmente eram "polêmicos".

Questões como relações pré-matrimoniais, prostituição, homossexualismo, estavam bem mais "encobertas", mas "já se começava a questionar os direitos da mulher, as pressões sociais sobre ela, isso há 23 anos... também havia o interesse pela 'noite de núpcias', o aborto, virgindade e revistas pornográficas..."

Essas profissionais relatam as repercussões desse trabalho entre os pais e o quanto eles estavam envolvidos na experiência, para poderem "resistir" às pressões de amigos e vizinhos, quando seus filhos mostravam uma maior abertura quanto ao assunto. Ainda comentavam que só o Colégio de Aplicação desenvolvia esse trabalho pioneiro e que outras escolas permaneciam totalmente fechadas a esse tipo de educação.

Trouxemos aqui esses depoimentos para retratar que, em determinados momentos históricos já se fazia o possível, e de uma maneira muito séria e eficaz, para o avanço da compreensão da sexualidade e que, lamentavelmente, toda uma experiência que foi boa e deveria ser incorporada à rotina das escolas, é interrompida, destruída e esquecida, com o rótulo de "inviável", começando-se novas tentativas, descomprometidas sempre, engrossando o volume de fracassos e sentimentos de impotência dos educadores.

Também nos Ginásios Vocacionais, de 1961 a 1969 a educação sexual foi parte integrante do currículo, sendo desenvolvida como uma atividade normal dos trabalhos escolares. Segundo Pimentel & Sigríst (1976), nos Ginásios Vocacionais a educação sexual ficava sob a coordenação da equipe de Orientação Educacional, que tanto a planejava inserida na unidade pedagógica do currículo, o que envolvia a equipe de professores, quanto a desenvolvia em sessões de orientação em grupo, lidando diretamente com os alunos.

O objetivo dessa abordagem não era apenas informar, mas formar conceitos e valores, de modo a levar o adolescente a ter parâmetros para "opções conscientes e coerentes" com o conceito de homem e sociedade que a proposta educacional da escola procurava desenvolver. Pimentel & Sigríst (1976) mencionam o conteúdo discutido em cada série escolar, a integração desse conteúdo em diferentes matérias, relatam o questionamento dos alunos conforme seu desenvolvimento, e citam os filmes, os 'slides' que usaram como recursos facilitadores da aprendizagem. Referem-se, também, ao atendimento que era oferecido individualmente ao aluno, caso ele o solicitasse. Como vemos, uma proposta educacional abrangente, revelando uma conceituação de educação sexual aberta e ampla.

Na análise dos conteúdos comentados pelas autoras, podemos perceber a contemporaneidade desses, revelando os chamados "anos dourados" que desencadearam tamanha repressão e fechamento sócio-político no momento histórico posterior. Há, por exemplo, referência à masturbação como um "problema" de grande interesse nas 5as. séries (então 1a. série ginásial), entre "os meninos", e o interesse das meninas por fecundação, gestação e parto, ficando evidente que os interesses manifestos pelos dois sexos eram bastante distintos, quase explicitando que os meninos se voltavam apenas ao sexo-prazer como interesse, e as meninas ao sexo-maternidade, reprodução. Nas 6as. séries os meninos mostravam interesse pela fisiologia feminina e as meninas por virgindade, revelando-se o maior tabu sobre esses temas e o seu possível maior ocultamento pelos costumes mais rígidos.

Também podemos notar a referência à masturbação como "imaturidade", homossexualismo como "desvio sexual", ao "amor livre"

tratado publicamente em revistas como algo que "escandalizava" e a efervescência do tema "libertação da mulher", que gerava debates sobre "como irá a mulher usar a sua liberdade".

A proposta pensava o aspecto sócio-político da sexualidade em conteúdos como a família patricarcal, as famílias rural e urbana, as relações homem-mulher na sociedade brasileira, transformações econômicas e explosão demográfica, a doutrina social da Igreja, a ONU e o controle populacional, as atitudes femininas no Século XX, mulher, liberdade e independência, herança e educação de gêmeos univitelinos, genética, puericultura, hormônios reprodutores, necessidade de comunicação, solidariedade humana, reprodução artificial, homossexualismo e muitos outros. Uma curiosidade era a ênfase no "exame pré-nupcial", que muito se recomendava aos alunos.

Temos notícia de que também nos ginásios pluricurriculares experimentais, de 1966 a 1969, esses programas de educação sexual eram desenvolvidos como atividade rotineira do currículo dessas escolas.

Nesse período, a Secretaria de Educação de São Paulo sofria a influência repressiva de uma política natalista. Em 28/01/1965 o Diário Oficial publica o Ato No. 9, de autoria de José Carlos Ataliba Nogueira, estabelecendo:

"É vedado aos professores do ensino de grau médio, especialmente os de biologia e sociologia, exporem na escola pública, e menos ainda, defenderem a limitação de filhos ou qualquer meio anticoncepcional. A violação desse preceito acarretará suspensão do professor, apurada a sindicância."

Em 1975-1979 também o Secretário José Bonifácio Coutinho Nogueira impede a oficialização da educação sexual nas escolas do Estado de São Paulo, sob a alegação de que ela era da responsabilidade exclusiva dos pais.

Segundo Werebe (1978), a deputada Júlia Steimbruck apresentou, em 1968, um projeto-lei propondo a introdução obrigatória da educação sexual em todas as escolas, de todos os níveis, no país. Seu projeto teve o apoio de muitos, mas causou violenta reação em outros. Com argumentos teológicos, moralistas e sentimentais, a Comissão Nacional de Moral e Civismo conseguiu barrar tal projeto. Temia-se "escândalos", defendia-se "a pureza e a inocência" e, finalmente, o parecer - que se tornou famoso - de um general: "Não se abre à força um botão, com as mãos sujas." (WEREBE, Cadernos de Pesquisa (26), 1978, p. 22)

O início da década de 70 caracterizou-se por um retrocesso ao puritanismo fechado e aumento da censura. Não havia uma lei proibindo a educação sexual, porém, temerosos, os administradores escolares esvaziaram os programas em escolas públicas.

As experiências em educação sexual continuaram, porém, em escolas particulares e de modo esparso, com pouca divulgação desses trabalhos.

Na segunda metade da década de 70 ressurge o interesse pela educação sexual, por causa dos movimentos feministas, dos movimentos de controle populacional, e pela grande mudança do comportamento sexual do jovem.

O CRESALC - Centro Regional de Educación Sexual para Latinoamérica y Caribe, promove reuniões para a elaboração de um

Programa de Educação Sexual para a América Latina, em universidades brasileiras.

A Prefeitura Municipal de São Paulo inicia um trabalho, em 1978, em três escolas. O programa é coordenado pela equipe de Orientação Educacional e esse projeto cresceu, mais tarde, passando a incluir muitas escolas municipais, envolvendo orientadores educacionais e professores de Biologia e Ciências.

Na rede pública estadual paulista, a CENP inicia, em 1979, um trabalho de informação mais específica dos aspectos biológicos da reprodução, através da cadeira de Ciências e Programas de Saúde. Trata-se do trabalho a que nos temos referido neste estudo, daí não nos alongarmos aqui sobre ele.

Em 1978 e 1979, foram realizados congressos sobre educação sexual nas escolas, por iniciativa particular, abrindo-se o debate sobre a dimensão pública desse tipo de educação, e reunindo cerca de dois mil educadores.

No final dos anos 70, surgem entidades com fins de controle populacional, como a BENFAM, que organiza o 1o. Seminário Técnico de Educação Sexual, com objetivos controladores, que procura introduzir a Orientação Sexual nas escolas, o que causa grande polêmica.

Maria Helena Matarazzo implanta um serviço telefônico destinado a responder perguntas sobre sexo e um programa de rádio, em fins dos anos 70.

Em 1980, Marta Suplicy faz um quadro na TV Mulher, falando sobre sexo. O assunto renasce em discussões na Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, na Escola de Pais e em debates nas universidades.

Em 1983 acontece o I Encontro Nacional de Sexologia, organizado pela Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia - FEBRASGO, com a participação de médicos, educadores e cientistas-sociais. Esse encontro deu início a encontros de pessoas interessadas no assunto, a tal ponto que se denominam sexólogas.

Surge a SBRAASH - Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana que, conjuntamente com a FEBRASGO e o CESEX - Centro de Educação Sexual (entidade particular sediada em Brasília), tem promovido, com freqüência, tais encontros, sendo que, em abril do presente ano(1989), promoveu o VII Encontro Nacional de Sexologia, realizado no Rio de Janeiro.

Como vemos, a história da educação sexual no Brasil ainda se apresenta como movimentos isolados e esporços, que ocorrem de um modo esporádico, e que não se encontram de modo a criarem uma força encadeada e propulsora de uma ação educacional coletiva.

Muitos esforços, planos competentes, realizações significativas, propostas adequadas, que se perdem totalmente para a experiência sócio-cultural, prolongando-se a postura marasmática, indiferente, repressiva e desatualizada da nossa escola pública.

Procuro despir-me do que aprendi
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram
E raspar a tinta com que pintaram os sentidos
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras
Deslumbrar-me...

Fernando Pessoa

CAPÍTULO III

UM CAMINHO: A METODOLOGIA QUALITATIVA

Cientes das dificuldades de teorização em educação, onde os conceitos e práticas ainda requerem uma maior fundamentação da realidade, tentamos fugir de um empiricismo grosseiro, de um lado, mas manter a maior proximidade da prática, por outro.

Que caminho metodológico buscar para desvendar um tema tão especial, tão difícil de ser captado "de fora" quanto o sexo?

Nossa opção recaiu na metodologia de pesquisa e avaliação qualitativa, que permitia melhor abranger o dinamismo e globalidade do assunto. Não nos bastaria formular hipóteses entre algumas relações, cuidadosamente dissecadas e extraídas do todo, assim como não nos interessava um amplo levantamento de opinião sobre este ou aquele aspecto da sexualidade. Uma investigação funcional-experimental poderia até parecer de efeitos mais precisos e rápidos, porém, não seria o suficiente, pois queríamos captar o cotidiano das escolas, o movimento de sua ação rotineira, para daí extrair possibilidades de elaboração teórica.

Ao privilegiar o "qualitativo" na avaliação teórica, partimos da realidade, "começando por observações específicas e elaborando pelos parâmetros científicos gerais. As categorias e dimensões de análise emergem de observações abertas, que brotam, para o pesquisador, do mundo empírico observado." (PATTON, 1980, p. 22).

Como sabemos que o fenômeno sexual não se explica por relações apreendidas isoladamente, como se fossem produtos puros, isentos das forças contextuais, procuramos, de todos os modos, tomar os fatos como um todo na realidade.

Fomos procurá-lo no relato direto das pessoas, na observação, na entrevista, na troca com os investigados em encontros, palestras, aulas, na análise de materiais escritos por participantes de cursos, enfim, no movimento das vidas das pessoas.

Na escola, ficamos atentos ao significado dos silêncios, dos risos, das piadas, do desenho provocador, dos bilhetinhos, das punições, dos escândalos e da revista pornográfica. No cotidiano, pudemos perceber valores, conhecimento, nível de consciência social, jogo de forças competitivas. Ali estão as idéias sendo postas em prática, delas se extraíndo um discurso e se criando um estilo de relacionamento. É o local onde o homem é sujeito, é presente. No entanto, para investigá-lo, temos que procurar o significado da realidade para esse sujeito, ir além da experiência aparente, uma vez que cada um tem uma história anterior, que o acompanha e o empurra para a continuidade ou descontinuidade dela.

Entendemos que a ciência tem um aspecto inacabado e em constante refazer, pela troca entre ação e reflexão do investigador e pelo partilhar desse com o investigado. Acreditamos, também, que a teoria nunca é totalmente "objetiva" e "neutra" de modo a revelar verdades absolutas.

O "científico" também se contamina pelo interesse, seja o interesse de domínio técnico da natureza, seja o interesse de hegemonia do poder sócio-político, econômico, ou de comunicação.

O ponto que se contrapõe a esse poderio é o evoluir das forças humanas instintivas ou irracionais. Às demonstrações, temos que opor os significados.

A sexualidade está bastante permeada pelas ciências e pelos preconceitos sociais, por isso buscamos uma metodologia mais participativa e democrática. Acreditamos que revelam-se as discriminações, diminuem-se os tabus, aproximam-se as distâncias, aceitam-se as diferenças, quando novos processos metodológicos são usados.

"Verifica-se que o próprio objeto da ciência é construído por opções valorativas, com ativa participação da subjetividade do cientista, homem ou mulher, que se encontra numa dada realidade." (SILVA, 1986, p. 19)

Através das medidas setorizadas das diferentes disciplinas de abordagens funcionais, a ciência positivista reforçou idéias de desigualdades inatas do potencial masculino e feminino. Hoje, considerando-se o contexto global da realidade social, que sempre discriminou e oprimiu a mulher, derrubam-se muitas barreiras antes afirmadas como limitações inatas da mulher, pela própria ciência.

A ciência passa por profunda mudança quando se coloca compromissada com a realidade, através da inclusão dos sujeitos nas discussões da ação pesquisada. É isso que a distingue e não uma divisão excludente entre o quantitativo e o qualitativo na avaliação.

Subsídios dos dois métodos devem ser articulados para um bom resultado na busca científica. Em nosso estudo, foi feito o

cruzamento entre os aspectos micro, colhidos em entrevistas, com os aspectos macro, de levantamentos já realizados estatisticamente. Também a observação passiva - generalização intuitiva, por exemplo, uniu-se à observação ativa pelo diálogo e interpretação de significados (THIOLLENT, 1988).

O que nos importa reforçar é que houve trocas com a realidade contextual sempre, neste trabalho, que se esboçou de um modo e foi se transformando ao passo que os trabalhos caminharam. Em certo momento, abandonamos algumas perspectivas, como a construção de um texto sobre sexualidade para a leitura do jovem em classe. Professores o aprovaram, porém, sentimos que não estava suficientemente interessante para o jovem, que não participou de sua elaboração. Também medidas julgadas democráticas, como deixar que o grupo procurasse o pesquisador, foram substituídas por atitudes mais sistematizadas e diretivas de condução do grupo.

Nosso compromisso era com o avanço emancipatório dos pesquisados e, para isso, colocamo-nos numa postura de troca com eles, admitindo a legitimidade de seu saber, diminuindo essa distância entre o que sabe e pesquisa e o que não sabe e é pesquisado. Evitamos a postura alienante, aquela que toma o pesquisado como objeto, como uma categoria padronizada, do qual se extrai informações que, às vezes, até reforçam a sua marginalidade. Reconhecemos que a história pessoal de cada um deve ser respeitada na compreensão "de fora" desse fenômeno, tão íntimo, que dificilmente poderia ser penetrado como "campo" de análise.

Rowan (1985) coloca a pesquisa participante como a metodologia de pesquisa com menor possibilidade de alienação e com possibilidade de provocar mudanças, porque nela os sujeitos não se

ocultam atrás de "papéis" e o pesquisador envolve-se continuamente no processo, experienciando, inclusive, as contradições de sua proposta. Há avanços de "mão dupla" nesse processo, que permitem o aperfeiçoamento do próprio processo e técnicas da pesquisa. Os investigadores estão presentes no planejamento, elaboração e execução dos trabalhos e, também, na apresentação dos resultados e decisões sobre sua destinação última.

A pesquisa participante tem-se colocado como um meio de denúncia da opressão sócio-cultural, razão pela qual se desenvolve com considerável facilidade nos países do terceiro-mundo.

Segundo Paulo Freire, a "realidade social, objetiva, que não existe por acaso, mas como produto da ação dos homens, também não se transforma por acaso... Ao fazer-se opressora, a realidade implica na existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação, juntamente com os que com eles se solidarizam, precisam ganhar consciência crítica da opressão, na praxis desta busca." (FREIRE, 1983, p.39)

Nossa opção por essa metodologia é, também, uma postura política enquanto busca de um processo conscientizador do comportamento sexual, visando a libertação da opressão de toda a natureza, tanto para o aluno, como para o professor, pais, enfim, para toda a comunidade.

Ter consciência crítica dos fatos relativos à ignorância sexual, ao 'sexismo', à violência contra a mulher, ao desprezo e abuso à criança, são as metas da educação sexual que defendemos. Só poderemos melhor esclarecer esses fatos a partir da participação dos sujeitos desse trabalho manifestando-se em sua plena cidadania.

1. O Universo Pesquisado

Usaremos o termo universo pela amplitude que revela, pois foi a escola "fora dos documentos" que nos interessou pesquisar. Foram escolas de diversos níveis e tipos, mas sempre uma escola inteira, com história, com determinações e contradições. E nesse universo estão também os construtores da escola que, na sua movimentação, criam um cotidiano de vida. Escola onde o pedagógico e o político se misturam.

Para se desvendar teoricamente esse cotidiano, é preciso confrontá-lo com as forças que o regem. É preciso desmontá-lo de sua hierarquia, suas classificações, suas correntes de poder, seus vícios de comunicação, seus vincos da rotina. E não se pode perder o fio que dá unidade e sentido a tudo, configurando a estrutura que buscamos. Esse fio nos pertence, a nós pesquisadores, que costuramos as categorias que vão pouco a pouco saltando a nossos olhos e se desdobrando em subcategorias e outras categorias, no processo criativo.

Nos meus três grandes momentos de investigação:

- a coordenação de um projeto
- a entrevista com educadores e o
- encontro com jovens,

tive oportunidade de defrontar a realidade para "encontrar o outro" em vários níveis e por diversos modos.

Não que a investigação se tenha separado, de modo estanque, nessas três partes; pelo contrário, as categorias brotaram de experiências variadas e se sintetizaram num todo único.

Assim, o nosso confronto com o Estado, com o sistema oficial de organização, com o ritual burocrático, com o grande grupo, com a comunicação intermediada, com as limitações materiais e até com limitações físicas (por exemplo, no transporte de um aparelho de TV), poderá ter sido maior no primeiro momento - o de coordenação, onde a observação do movimento das pessoas e dos fatos o realçava, porém, esse confronto perpassou o trabalho das entrevistas e encontros com os jovens, resignificando-se.

Na entrevista com os professores, a investigação se intensificava a nível da penetração no interior do indivíduo e na busca das categorias de análise que pudessem vir de sua fala e que deveriam ser melhor exploradas naquele momento, precioso, em que eles recriavam o seu trabalho para nós. A linguagem era o meio de captar as evidências mais fortes.

Com os jovens, organizados em grupos, nos defrontamos com os processos de relacionamento e organização, com a busca de alternativas de ação (o aspecto político) e com o processo da descoberta do novo.

Que conteúdo para uma educação sexual, com significado, o mundo dos jovens poderia sugerir? Essa foi minha grande indagação ao lado deles, porém, trazia ali os referenciais da experiência de coordenação e da troca com os professores, como contraponto. Realisticamente, a experiência de pesquisa é unitária. Difícil, mesmo, é dissecá-la em partes, para uma tese.

1.1. O Mundo da Escola: A Coordenação de um Projeto.

Inicialmente, numa experiência que durou dois anos, nos familiarizamos com o fenômeno da educação sexual, coordenando um projeto de ação que poderia expandir-se por 900 escolas. É necessário mostrar que essas escolas estavam agrupadas em 13 Delegacias de Ensino, localizadas em 84 municípios vizinhos de Campinas, englobando o contingente humano de aproximadamente 30.000 mil profissionais, sendo 13 delegados, 150 supervisores, 700 diretores, 20.000 professores e 7.000 funcionários. Esse foi o espaço de onde este estudo despontou.

Outro dado importante é nos localizarmos no tempo. Essa coordenação aconteceu entre 1984 e 1986, época em que a sexualidade apresentava características de menor abertura, enquanto discurso permitido, principalmente no meio escolar. Desde então, ocorreu uma incrível mobilidade nas posturas sociais quanto à aceitação de palavras sobre o sexo, grandemente influenciadas pelas discussões em torno da AIDS. A palavra "camisinha", por exemplo, tinha uma ressonância de obscenidade em 1984, assim como, a expressão "sexo anal" e, mesmo combinações como "atividades de educação sexual", provocavam pruridos entre os burocratas.

Campinas colocou-se numa posição de vanguarda, enquanto interior, ao aceitar implantar o projeto "Sexualidade Humana, Uma Abordagem Curricular com Enfoque Educativo", da Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas (CENP) da Secretaria da Educação de São Paulo. (Anexo I)

Não poderíamos deixar de realçar, neste momento, as atividades que antecederam este projeto, ou sua história. Este projeto surgiu após reivindicações da comunidade, em 1979. Nunca se tornou uma ação massiva no sistema, mas caminhou por projetos pilotos e experiências isoladas.

A CENP, cuidadosamente, realizou estudos e preparação de equipes, providenciou recursos técnicos, escolheu um modelo de execução de programas e providenciou um rigoroso sistema de avaliação contínua dos trabalhos do projeto. Pensado como um projeto experimental, foi inserido, dentro das possibilidades existentes no currículo, e dirigiu-se aos Professores de Ciências e aos Orientadores Educacionais.

Ao iniciar-se, em 1981, o projeto denominava-se "Programa de Saúde - Aspectos do Crescimento e Desenvolvimento Humano", sendo que, só mais tarde, acrescentou-se "Relativo à Sexualidade". Com o objetivo de dar informação sexual aos alunos, assim como, levantar subsídios para a incrementação desse tipo de conhecimento, o projeto previa o envolvimento dos pais, o aumento da reflexão entre os professores, e, logicamente, um aprimoramento (influenciar na informação, responsabilidade, identidade) do aluno, em profundidade, quanto ao comportamento sexual.

Iniciado em seis escolas, ampliou-se para 20, e, já em 1984, promovia um grande "treinamento" para educadores do interior, qual fizemos parte. Palestras, grupos de discussão, materiais facilitadores, foram os recursos desse treinamento que nos comprometeu com a dimensão pedagógica da sexualidade.

Esses fatos estão sendo aqui apontados como sinais de um espaço e de um tempo que, se esquecidos, dariam margem à

distorção dos significados. Por outro lado, são categorias a serem analisadas em si mesmas, numa proposta educacional. Qual o sentido da implantação de projetos na escola pública? Que procedimentos são possíveis nas tramitações oficiais? Qual o compromisso dos governos com esses projetos? Quais as condições de execução desses projetos? Que garantias têm eles de continuidade da ação educativa?

Caminhando por passos denominados sensibilização, treinamento, acompanhamento e avaliação, iniciamos contatos com delegados, supervisores, diretores, professores, funcionários, alunos e pais de alunos. Diríamos que nos aproximamos deles porque, pelo próprio tema e pelas condições sui generis de uma proposta, com critério de adesão voluntária, sempre nos foi possível uma espontaneidade, uma postura relativamente menos rígida, uma maior flexibilidade, criatividade e autonomia na ação.

Assim, fizemos treinamentos onde reunimos pais, professores, supervisores e diretores conjuntamente, unindo educação sexual e técnicas corporais e de dinâmica de grupo, e nessa ação estávamos unindo um trabalho da Secretaria da Educação (DREC) e Secretaria Regional da Cultura. (Anexo II)

Depois, em "oficinas de trabalho", procurávamos sensibilizar os participantes para a questão da sexualidade na escola, permanecendo, durante um dia, com um grupo, onde iniciávamos com uma palestra sobre a construção social do sexo, realizada por um professor de História (Prof. Cesar A. Nunes). Figura culta e carismática, esse professor realmente sensibilizava os ouvintes, ao mexer com valores enraizados culturalmente. A palestra se prolongava por uma troca de experiências e relatos de casos,

durante o período de descanso para o almoço. No segundo momento da Oficina, discutíamos perspectivas metodológicas e pedagógicas e, finalmente, projetávamos um vídeo sobre os processos biológicos da reprodução humana, como a menstruação, ejaculação, fecundação, parto, primeiros cuidados com o bebê.

As oficinas ofereciam assessoria ao professor que quizesse iniciar um trabalho de educação sexual em sua unidade escolar. Aguardávamos que o professor nos chamasse para uma reunião, que inicialmente incluía a direção da escola, professores e funcionários e, mais tarde, retornávamos para a projeção do vídeo para as classes, depois que o professor já tivesse abordado o tema com os alunos.

Burocraticamente, como o projeto se dirigia aos professores de Ciências, deveríamos trabalhar mais com 7as. séries e 2os. colegiais, cujos programas tratam da reprodução humana. Porém, o projeto rompia esses limites e, uma vez na escola, encontrávamos todos os professores e quase todos os alunos que lá estavam, de 5a. à 8a. séries e os colegiais. Também os conteúdos biológicos do vídeo traziam abertura para o "como lidamos com esses fatos", onde falava-se dos comportamentos e de seus aspectos culturais.

Realizávamos, também, reuniões com os pais dessa escola, quando possível, antes que seus filhos tivessem freqüentado as aulas sobre o assunto.

Ao nosso trabalho seguiram-se, em muitas escolas, outras palestras de temas afins, como "Métodos Anticoncepcionais" e "Doenças Venéreas", ministradas por médicos da comunidade. De tal forma isso se repetiu, que esses profissionais já estavam se integrando na discussão dos nossos trabalhos. Entretanto, nunca

tivemos autonomia financeira para incorporá-los a um trabalho mais efetivo.

Consultando nossos relatórios, vemos que realizamos 85 encontros com grupos, por escolas de diferentes graus e em diferentes cidades, somente durante o ano de 1985. (Anexo III)

Hoje podemos afirmar que muito do sucesso dessa ação vinha do próprio tema. Professores carrancudos e desmotivados para mais um dia de trabalho, ou mais uma palestra, ou mais um treinamento, aos poucos se transformavam. Abriam sua fisionomia em sorrisos, seus olhos em interesse, sua postura em envolvimento. O clima geral era sempre de uma aproximação amigável e, para muitos, de confiança mesmo.

Olhando para trás, percebemos a evidência dessa característica que poderíamos chamar de espontaneidade, ou de vida, ou de prazer na ação educativa. Era mesmo um clima erótico, enquanto "festa" ou liberação de algo irracional como palavras condenadas, imagens proibidas, tabus intocáveis, repressões profundas que, abertas ao questionamento, provocavam uma transgressão ao ambiente asséptico, sagrado e enfadonho da escola.

Não podemos confundir "festa" com "orgia", que seria a sua negação e que alguns associam a tudo que se relacione a sexo. Ao longo desse trabalho, o aspecto do "horror" à sexualidade, a postura pornográfica, surgiram raríssimas vezes.

Por outro lado, era "festa" também, porque arrebatávamos a couraça burocrática da escola, pois interrompíamos aulas, modificávamos o horário, fazíamos agrupamentos diferentes das classes habituais, quebrando cronogramas e planejamentos. Desde o início sentimos a necessidade de inventar um espaço, já que não

estávamos previstos nos esquemas. Vivemos realmente a experiência de estar "com eles" e não "para eles", uma vez que discutimos um tema vivido por todos, em diferentes situações, diferentes níveis de experiência e com diferentes repertórios, porém, para todos, era uma questão fundamental de vida.

Muito recebemos nessa posição privilegiada, tanto no aprofundamento do conteúdo do tema, quanto na análise de sua especialidade enquanto ação pedagógica.

1.2. A Fala dos que Ensinam: Entrevista com os Educadores

É preciso se livrar da noção de falsa consciência, que é pensar que todos os professores são fantoches, que tudo o que eles fazem é passar valores de percepção incorreta e equivocada, porque não penetram no que está acontecendo, à sua volta, com seus empregos, com as crianças, com a sociedade.

M. Apple

É através da linguagem que o ser humano se expressa na realidade, através dela o ser humano revela o seu mundo interior, gradualmente construído.

A palavra, que é a principal ferramenta do "trabalhador da educação", faz o cotidiano da escola. É com ela - e quase só com ela - que nossos educandos aprendem.

A linguagem é algo que revela o apropriado pela pessoa. O vocabulário, as expressões, a entonação, os silêncios, os gestos, a alteração de ritmo, as mudanças de postura, são os indicadores de um discurso onde se revela o ser no seu modo de agir e pensar. As palavras podem vir com o verniz da insinuação, com o jogo da brincadeira, com a estereotipia da forma, ou com o vazio do descompromisso.

Nas entrevistas, encontramos mais a empatia da reciprocidade do que o martelar das verbalizações ocas que, às vezes, brotam em "falas para serem gravadas". O que se dizia era o que se experimentava realmente na vida, por isso, essas entrevistas tornaram-se trocas, discussões mesmo, na maioria das vezes. Como o clima era de interação, não fazíamos uma entrevista estruturada, mas

apenas acenávamos para maior aprofundamento, caso o enunciado não se apresentasse com plena clareza (Anexo IV).

Procurávamos a informação entre dois tipos de entrevistados:

- 1) educadores que já trabalharam com educação sexual e
- 2) aqueles que nunca haviam assumido tal tarefa.

De um modo aberto, pedíamos que falassem sobre o que considerassem importante. Aos primeiros, em relação à experiência vivida e, aos outros, pedíamos a projeção do que achavam que poderia ser a experiência em educação sexual.

Tentávamos captar o universo próprio do entrevistado, desde a maneira como ele mesmo recebera informações sobre a sua sexualidade, quanto à sua visão pedagógica da sexualidade e, ainda, o seu nível de compromisso como educador. Naturalmente, nossa postura era de aceitação e respeito pelos valores do entrevistado.

Sobre o que falaram os professores? Em que consistiu o seu discurso sobre o sexo?

Os professores falaram de seu sentimento de adequação ou não em lidar com educação sexual na escola. Relataram o seu temor em enfrentar o "falar de sexo na sala de aula". Aqui ficou evidente uma diferença entre os que já haviam trabalhado e sido preparados para tal e, mesmo, tinham uma assessoria constante, e os que nunca haviam tido oportunidade de "discutir esse assunto" com ninguém.

Diziam os professores que tinha recebido preparação:

"Eu, por exemplo, mudei a minha postura com relação ao assunto..., a ajuda na metodologia é a mais importante,

porque desmistifica, tira assim a idéia do proibido... do suspeito... você pode colocar as coisas abertamente. E, depois, cada dúvida que surge, a gente coloca e o grupo faz sugestões e a gente vai ganhando segurança." (Pedagoga, 41 anos, Escola Municipal)

Dizia a professora que deu aula, mas sem preparo:

"Então eu cheguei com tudo, sem um esquentamento, apenas respondendo as perguntas que fizeram num papelzinho, anônimo. Comecei sem uma preparação e me dei mal, começaram as reclamações sobre o que eu estava fazendo na 6a.série." (Professora de Educação Moral e Cívica, 21 anos, Escola Estadual)

E os professores que nunca assumiram esse tipo de aula:

"Penso que sexo seja algo assim como uma flor delicada, não se deve falar de coisas muito cruas, mas falar do amor entre as pessoas." (Professora I, 45 anos, Escola Estadual)

"Eu não gostaria de dar esse tipo de aula. Não saberia responder certas questões. Não teria nada a dizer aos jovens de hoje. Eles sabem mais do que a gente." (Professora de Português, 50 anos, Escola Estadual)

"Falar o quê, a essas meninas, que as mães até levam para a prostituição, porque contam com o dinheiro delas para ajudar em casa?" (Pedagoga, Supervisora, 40 anos, Escola Estadual)

Os educadores falavam também de uma certa surpresa ao perceberem o quanto o "jovem apresenta uma postura mais aberta e fácil do que o adulto, para falar de sexo".

Muitos dos que tinham experiência relataram:

"É o adulto que já traz um jeito mais preconceituoso; o jovem não; se ele está perguntando é porque quer aprender, sem problemas..." (Professora de Educação Moral e Cívica, 21 anos, Escola Estadual)

Nas entrevistas que realizamos, ficou evidente que é preciso "se trabalhar o como falar", e que as palavras "não são tranquilas quando se designam os fatos sobre a sexualidade":

"A palavra correta eles não sabem, as outras eles não podem falar... então eles percebem que a gente aceita e, aos poucos, com o tempo, eles vão tendo naturalidade para colocar as coisas." (Pedagoga, 29 anos, Escola Municipal)

"Mesmo entre a gente isso mudou, a gente cresceu... af eles perderam o medo de falar, venceram essa barreira... e fica de outra forma quando se ouve o palavrão..." (Pedagoga, 30 anos, Escola Municipal)

Assim como revelaram que há um "grande interesse pelas aulas de educação sexual e, por isso elas devem ser sistematizadas, ter horário fixo e garantir uma certa continuidade:

"Eu fazia aquele envelope com perguntas e todos os dias eles queriam tirar perguntas e conversar a respeito... acho que

ter um horário, um dia por semana marcado, é preciso, senão a matéria não caminha." (Professora de Português, 39 anos, Escola Municipal)

Tive a felicidade de ficar com a mesma turma três anos, e fui acompanhando... os alunos fazem sempre as mesmas perguntas, mas só que elas se vão ampliando, eles querem mais pormenores a cada ano que passa." (Professora de Inglês, 40 anos, Escola Municipal)

Os professores revelaram ainda preocupação com a "falta de recursos facilitadores para a compreensão do tema" e, também, mostraram seu potencial para superar essa carência:

"Trabalho muito com texto livre e ali o aluno acaba revelando o que foi discutido na aula de Educação Sexual." (Professora de Português, 30 anos, Escola Municipal)

"Eles gostam de ver figuras, mas revistas quase não tem, o jornal o que tem é para vender, então eles não estão acostumados com material assim diversificado (Revistas Pais e Filhos). Só o que fazem é ver TV." (Professor de 4a. série, 40 anos, Escola Municipal)

"Quando estão motivados, eles vão atrás; como a escola só tem um livro, é aquela briga entre as classes." (Professora de 3o. ano, 43 anos, Escola Municipal)

Quanto ao conteúdo de suas aulas, os professores trabalham com aspectos biológicos da sexualidade:

"Perguntam a partir de que idade já pode engravidar... se a menina de 12 anos com menino de 13 já dá nenê..." (Professora de História, 25 anos, Escola Municipal)

"Dividi a classe em grupos e cada grupo pesquisou um método anticoncepcional. Eu xeroquei um material de cada método e levei para eles e aí, cada grupo relatou o que fez para os outros grupos." (Professora de Ciências, 35 anos, Escola Municipal)

"Aí os meninos queriam saber de AIDS. A gente mandou que eles pesquisassem, trouxessem revistas, fossem ao Posto de Saúde pegar material. Então discutimos." (Pedagoga, 29 anos, Escola Municipal)

"Surgiu a questão da virgindade, que para eles aqui não é problema, não há aquela preocupação." (mesma professora citada acima)

Ainda houve o testemunho de muitos quanto a machismo e desvalorização da mulher, na fala das crianças sobre as experiências familiares, que revelam pobreza, muito violência e alcoolismo:

"E tem isso de que menino não pode chorar, tem que ser durão, um homem não vai nunca poder trocar uma fralda de nenê." (Professora de 4a. série, 40 anos, Escola Municipal)

"Então a mãe sustenta a casa... a criança trabalha fazendo bico e o pai é assim eventual... ele simplesmente dá no pé, fica por conta da mulher toda a responsabilidade de 4, 5

filhos... é uma luta para sobreviver mesmo." (Professora de 3a. série, 21 anos, Escola Estadual)

"Eu acho que o conceito de família deles é diferente do conceito da gente, e, tem o problema do alcoolismo. Então eu pedi para fazerem uma carta para o Dia dos Pais e um aluno falou: 'Eu não vou levar nada, meu pai é um bêbado'. Estava com muita raiva." (Pedagoga, 43 anos, Escola Municipal)

"Eles acham que depois que casa, briga muito, sofre, o marido manda, briga, bate, apanha. O gostoso é namorar, depois não vai mais ser igual." (Professora I, 34 anos, Escola Municipal)

Nessas palavras dos professores, ressaltamos algumas evidências que se remetem tanto a conteúdos do corpo teórico da sexualidade, enquanto dimensão pedagógica, como revelam preocupações com uma metodologia de educação sexual.

Em dados recentes levantados na DREC, por Margarita Diaz (1988) na avaliação do Curso de Educação Sexual no Contexto da Educação em Saúde, pudemos acrescentar às nossas entrevistas depoimentos de significância qualitativa muito enriquecedores.

O referido curso realizou-se durante cinco dias, em local apropriado para reflexão, e dele participaram 45 educadores da rede pública, entre supervisores, professores, monitores de ciências, e outros. A metodologia utilizada foi a da dinâmica de grupo, sendo desenvolvidos temas tanto do conteúdo específico, como da anatomia, fisiologia e biologia da reprodução e da contracepção, e, ainda, uma "conscientização" e "sensibilização"

relativas aos valores, atitudes, posturas pessoais sobre a própria sexualidade dos participantes.

Interessa-nos tomar aqui algumas respostas, colhidas em questões abertas sobre a predisposição e prontidão do educador para o curso, dados estes levantados em um pré-teste onde se perguntava tanto sobre pontos metodológicos da educação sexual, como sobre: quando iniciar, quem deveria ser o agente, qual a importância da escola na educação sexual, que programa desenvolver para temas prováveis, e ainda se indagava da facilidade para se conversar sobre sexo e das expectativas frente ao curso.

Não nos cabe aqui detalhar o curso e seus resultados quantitativos, mas analisar o conteúdo de algumas respostas do educador antes do curso.

Os profissionais mostraram, a nosso ver, um estado de maturidade e um entendimento muito claros de suas limitações e possibilidades de concretizar a educação sexual na realidade. De um modo quase unânime e prioritário, reivindicaram oportunidades de crescimento pessoal e treinamento profissional especializado. Referiram-se esses profissionais à essa necessidade de aperfeiçoamento como: "sede de saber mais", "mais subsídios para uma reflexão sobre a responsabilidade de educar sexualmente, "troca de experiências necessárias ao nosso dia-a-dia de aulas", "rever tabus e preconceitos e rever conhecimentos científicos". Esses educadores não revelaram alienação, acomodação, ou inércia, como é comum apontar-se como qualidades dos educadores de hoje.

Perpassa por toda avaliação essa predisposição a fazer o curso com seriedade, exigindo-se um aprofundamento de um tema sobre o qual sentem-se inseguros e têm dúvidas, porém, estão

conscientes de que a escola é um lugar que deve assumir a educação sexual e não se furtam à essa responsabilidade.

Os educadores reconhecem, também, que a educação sexual deve ser um processo contínuo ao longo da vida, e que a criança deve começar a recebê-la desde que entra na escola. Alguns indicam os incios de ciclos - 1a. série, 4a. série, pré-escola, como a época para se começar a educação sexual, enfim, percebem que devem sempre "respeitar o desenvolvimento, em qualquer idade", como mencionou uma participante. Educação sexual para "aumentar informações", "ajudar a descontrair", "intercâmbio de experiências com os jovens", "quebrar tabus", "esclarecer a sexualidade na experiência própria e com os outros", é como percebem o objetivo da educação sexual na escola.

E por que educação sexual na escola?, foi-lhes perguntado. Suas respostas revelaram uma equilibrada visão do tema e de sua responsabilidade como educadores:

"... a escola pode relativizar as diferentes visões, trazidas do lar e da cultura diversificada de alunos de uma mesma escola, mostrando que atitudes, procedimentos e conceitos de sexualidade podem ser diferentes."

"A escola é, para a grande massa de jovens, a única chance de informações seguras, sadias e saudáveis. A família e outros setores da sociedade, dificilmente poderão atendê-los em grande escala. Não chegaremos a um atendimento tão maciço por outra instituição. É preciso ir aos jovens, onde eles estão concentrados"

"Só na escola o aluno pode encontrar informações sobre o sexo, sem o véu da pornografia."

"Os alunos têm que ser 'ouvidos e sentidos' primeiro, só depois trabalhados."

E à pergunta "Como realizar a educação sexual?", também os educadores revelaram posições metodológicas realísticas e interessantes:

"A escola é parte da vida do aluno, e assim devemos trabalhar a sexualidade como algo normal da vida, orientando e até suprimindo alguma deficiência do lar."

"A criança tem mais liberdade conosco, seus educadores, do que com a própria família, daí a importância de acompanhar seu desenvolvimento, porque ela apresenta diferentes necessidades em diferentes épocas."

Quanto ao conteúdo para os programas, os educadores revelaram o seu conhecimento das exigências pedagógicas: "... temos que ter um programa bem elaborado, com objetivos claros"; "o programa exige recursos que tornem claros os temas, como slides, fotos, vídeo, palestras de profissionais especializados"; "um bom programa deve visar a transmissão dos conhecimentos específicos, e formar hábitos higiênicos mas, também, ao equilíbrio emocional e saúde mental do aluno."

Alguns educadores chegaram a formulações mais completas, como:

"O programa de educação sexual nas escolas deve visar propor

ao aluno uma nova visão de sexualidade, onde esta faz parte da vida normal do indivíduo e não deve ser encarada como 'coisa feia', ou seja, que o aluno possa encarar o sexo como algo natural, sem subestimá-lo ou supervalorizá-lo."

Quanto aos temas, os educadores mostraram-se conhecedores do escopo global dos conteúdos necessários a um programa de educação sexual, partindo sempre dos temas biológicos, como era de se esperar, devido à tradição das questões sexuais serem tratadas como "Biologia e Ciências", nas escolas. Porém, esteve presente, na maioria das respostas, um acréscimo aos conteúdos meramente biológicos, revelando preocupações psicológicas com o desenvolvimento, em geral, e com o crescimento emocional, em particular, e, também, com os papéis sexuais, com o comportamento moral, reivindicando uma maior abrangência, tanto no conteúdo específico - que deve abordar homossexualismo, AIDS, DST, métodos anticoncepcionais, aborto, gravidez na adolescência, como pedindo acesso a metodologias mais avançadas para a escola.

Os educadores falaram ainda que não percebem a educação sexual como uma "matéria" ou "disciplina", mas não foram claros como ela deve ser inserida na escola. Falam em inserção no grupo de jovens, falam em "não um agente, mas todos envolvidos", "professores de ciências, educadores, médicos, psicólogos", "toda a comunidade". Há consenso apenas que "pessoas devidamente capacitadas" devem assumir a educação sexual, mas não há clareza sobre como essa pessoa atuaria.

Finalmente, esses educadores revelaram que gostariam de se preparar melhor para conversar sobre sexo com mais segurança. De

modo geral, afirmam que é preciso um ambiente de aceitação e confiança para se falar de sexo com naturalidade. Alguns acham que na família estão mais à vontade; já outros revelam que têm ambientes familiares repressivos e que é justamente na escola que conversam mais abertamente sobre a sexualidade, com os colegas. Enfim, muitos enfatizaram o clima de reciprocidade de abertura, necessário para esse tipo de conversa, revelando dificuldade para falar com "os mais velhos", ou mesmo "com os alunos".

Concluindo essas considerações sobre a fala dos educadores, queremos reafirmar a nossa crença no profissional da escola como um possível educador sexual. O que o aponta como o mais viável para assumir esse papel é o fato de poder oferecer identidade como "um adulto que se liga ao jovem de modo constante", e um adulto supostamente conhecedor do processo de aquisições cognitivas, afetivas, sociais e filosófico-morais, pois é um educador. Nada disso contará se ele não se dispuser, intencionalmente, a assumir esse papel de educador sexual e, para tal, responder aos meios de aperfeiçoamento e atualização que a escola se proponha a lhe oferecer ou incentivá-lo a adquirir por si mesmo.

1.3. Aqueles que Descobrem: O Encontro com os Jovens

Nossa intenção, ao nos aproximarmos de um grupo de jovens para um trabalho participativo, era acompanhar o aspecto emancipatório do grupo, uma vez que essa é uma possibilidade da pesquisa participante.

Acreditamos que aqui estaremos desvendando mais o lado negativo de uma intenção, ou os pontos pelos quais ela não aconteceu, do que a realização de nossos objetivos propriamente ditos. Achamos que uma revisão crítica poderá ser proveitosa a esse estudo.

Iniciaremos pelas pretensões da proposta, que eram as de incentivar um grupo de jovens a desenvolverem uma discussão especial sobre a sexualidade, em grupo, esperando-se que caminhassem de um modo aberto e livre, direcionando-se conforme seus próprios interesses. Uma espécie de grupo de trabalho.

Como já tínhamos um contato anterior com esse grupo, quando de uma palestra, entramos em contato e, em princípio, a idéia foi bem aceita.

É um grupo de encontros contínuos, que se organiza em torno da Paróquia de Barão Geraldo, Distrito de Campinas, e que agrega, no total, mais de cem jovens, de classe média baixa, que se subdividem em grupos parciais, de 20 a 30 membros, pelas diferentes capelas dos bairros do Distrito.

Visitamos cinco desses sub-grupos, em seus encontros dominicais onde, em uma palestra, respondíamos suas perguntas e fazíamos o convite para a formação do grupo espontâneo de trabalho.

Havia um interesse grande em que o tema fosse retomado. Os grupos visitados variavam de 4 a 60 participantes. Em um desses grupos, retornamos para a projeção do vídeo e recebemos avaliação escrita do trabalho com os jovens.

Em termos gerais, notava-se boa participação nesses encontros e quase sempre pedidos para "conversas" a nível individual, sendo que tivemos muitos desses atendimentos, onde se discutiam problemas e dúvidas pessoais.

Não conseguimos, no entanto, formar esse grupo especial, porque, como eles tinham os encontros programados para os fins religiosos ocupando o seu espaço de fins-de-semana, tornou-se praticamente impossível que frequentassem um outro grupo regular. Ainda devido a distâncias e ausência de meios de transporte próprios, eles não conseguiriam sair dos bairros para um local comum central, em dias de semana.

Tentávamos equacionar essas dificuldades, quando surgiu um concurso nacional para uma proposta de educação sexual a ser apresentada por jovens de menos de 18 anos. Procurei-os novamente para a divulgação do concurso e aí, então, formou-se um grupo com elementos de todos os sub-grupos e acompanhei os primeiros encontros desse grupo de trabalho, gravando suas discussões. No final do trabalho, novamente nos encontramos para alguma troca crítica e devolução de bibliografia.

Esses jovens têm entre 14 e 22 anos, todos trabalham, e alguns trabalham durante o dia e estudam à noite.

No seu discurso, podemos levantar algumas evidências interessantes que, para fins metodológicos, vamos agrupar na categoria dos conteúdos programáticos.

Assim, ficou claro, na fala dos jovens, a "controvérsia quanto a papéis sexuais". Não só o choque das posturas se dá a nível dos rapazes e das moças como há um evidente "conflito com as posturas de seus pais":

"Por que não colocar nenhuma barreira para o homem e colocar para a mulher? Acho que não devia haver essa desigualdade, ter todos o mesmo direito." (Moça, 17 anos)

"É... mas por que é que o homem vai trabalhar fora e a mulher é que fica dentro de casa?" (Moça, 15 anos)

"Eu, se fosse casado... não ia deixá... não, não ia falar que não ia deixar... cada um sabe o que faz, se ela vai trabalhar é ela que quer, não sou eu que estou obrigando..." (Rapaz, 18 anos)

"A culpada é a mãe, desde cedo ela põe roupinha azul no filho e rosa na filha e depois 'O que é isso? Meu filho brincando com boneca?'" (Moça, 14 anos)

"Mudar a cabeça dos jovens é mais fácil, mas os mais velhos eu acho difícil, eles já têm a cabeça deles... têm influências do passado." (Moça, 17 anos)

"Isso de traição, acho que as pessoas, principalmente nas últimas gerações, 'não são tão más', as pessoas não têm tanta maldade, mas a traição existe na vida real..." (Moça, 14 anos)

"No meu grupo, os jovens têm muitos problemas, mais sei que os pais deles não são informados e vão falar: 'Pô, você está indo ao grupo para aprender besteira?' Porque para eles tudo é besteira... eles morrem de vergonha dos filhos." (Rapaz, 16 anos)

"Acho que principalmente as mães, elas não estão sabendo ensinar as filhas para o futuro... é preciso que um pessoal vá aos bairros, ensinar as mães a conviver com as filhas..." (Moça, 19 anos)

"Aqui em Barão, matavam. Se houvesse uma traição assim, passavam chumbo na mulher. Ah, matavam mesmo. Se bem que, tem os que sabem e fingem que não sabem. Aham que são machos... cabeça da casa, preferem fingir que não vêem." (Rapaz, 18 anos)

Não nos foi possível detalhar depoimentos sobre outros conteúdos ventilados por esses jovens, devido à ausência de gravações de muitos de nossos encontros, porém, é nossa intenção retomar o trabalho junto a esses grupos, no futuro, mesmo porque uma expectativa foi criada e nos sentimos comprometidos com ela. O que aqui nos interessa é a reflexão sobre o processo de trabalho, como o entendemos, enquanto metodologia participativa. Se, idealmente, me propus a "acompanhar o movimento emancipatório do grupo", isso implicaria em condições mínimas de disponibilidade de tempo e espaço dos jovens, garantia de continuidade dos encontros, o que a nossa sociedade não permite a esses jovens de classes menos favorecidas, escravizados que estão por um trabalho

de 8 horas diárias e freqüência à escola noturna.

Precisamos repensar, enquanto comunidade, o tempo livre das gerações mais novas e suas condições de aperfeiçoamento e crescimento cultural.

Nossos planos foram então cerceados por esses impedimentos, que aparentam ser corriqueiros, mas que interceptam radicalmente um processo educativo mais exigente, como o participativo. Resaltamos que foi possível realizar palestras, mas não queremos considerar aqui esse nível de trabalho, porque nelas pouco ocorre a nível da troca do jovem para o adulto, não permitindo o desenvolvimento, que interessava, da cultura do jovem.

2. A Síntese: Organização e Interpretação dos Dados

Ao aglutinar o material colhido, numa ordenação coerente, esperamos levantar os pontos mais significativos dessa reflexão. Como "o caminho se faz ao caminhar", esperamos que surjam dados peculiares ao contexto, de modo a acrescentar algo à teorização sobre escola e sexo.

Nesse momento, tudo o que foi relatado será reavaliado, pedindo novas relações, inferências, em um nível de abstração mais refinado. É preciso sistematizar e dar uma forma ao que perpassou, num processo contínuo de reflexão, por todo o trabalho. Delimitar a abrangência do tema, extrair-lhe a espinha dorsal, verificar relações e derivações dos pontos mais significativos, não perder desdobramentos importantes, voltar à literatura básica, contatar os sujeitos para maior esclarecimento, usar comentários que colorem, cuidar que tudo não caia num lugar comum de repetição do óbvio. Segundo André (1986), esses são os primeiros passos da síntese na metodologia qualitativa.

Ao tomarmos "tudo aquilo" para a análise, inicialmente releemos todos os materiais, várias vezes, sublinhando evidências ou fatos peculiares e significativos. Num movimento do todo para as partes e, depois, reagrupando as partes por semelhanças, voltando a "todos" unitários, chegamos às categorias de análise.

O quadro geral (Quadro I) dessas significâncias pode se organizar por duas grandes vertentes de análise, que são:

A) espaço institucional da educação sexual: o que acontece com o tema sexo na escola;

B) processo educativo em si: como se pode trabalhar sexo na escola.

A primeira vertente vai se desdobrar em categorias:

CATEGORIA I, que revela o aspecto estrutural da escola, através de sub-categorias como: comunicação burocrática, os procedimentos sistemáticos, a dinâmica do poder, recursos materiais e recursos humanos, alijamento da comunidade;

CATEGORIA II, potencial de mudança do comportamento sexual, através das sub-categorias: posturas estereotipadas, repressão, normatização, valores, dimensão social, potencialidade de recuperação e transformação.

A segunda vertente nos faz mergulhar no processo educativo intencional sobre a sexualidade, e nesse processo surgem as categorias:

CATEGORIA III, o pedagógico, que se desdobra em sub-categorias como a preparação do professor, assessoria constante, recursos didáticos, possibilidade de encaminhamentos;

CATEGORIA IV, o relacional, onde temos vários níveis de relacionamentos em sub-categorias: a troca professor-professor, a troca professor-aluno, a troca aluno-aluno, a troca professor-pais, a troca adultos-jovens;

CATEGORIA V - o curricular, que se desdobra nas sub-categorias dos conteúdos programáticos.

Aqui estaria a base estrutural do fenômeno compreendido. Vemos que ela obedece a uma "consistência conceitual" que revela a nossa própria formação e experiência pedagógica.

QUADRO I

EDUCAÇÃO SEXUAL EM DUAS VERTENTES E CINCO CATEGORIAS

A - ESPAÇO INSTITUCIONAL

I - Aspecto estrutural da escola:

- Comunicação burocrática
- Procedimentos sistemáticos
- Dinâmica do poder
- Recursos materiais
- Recursos humanos
- Alijamento da comunidade

II - Potencial de mudança do comportamento sexual:

- Posturas estereotipadas
- Repressão
- Normatização
- Valores
- Dimensão social
- Potencialidade transformada

B - PROCESSO EDUCATIVO

III - O Pedagógico:

- preparo do professor
- assessoria constante
- recursos didáticos
- encaminhamentos

IV - O Relacional: trocas

- professor-professor
- professor-aluno
- aluno-aluno
- professor-pais
- adulto-jovem

V - O Curricular:

- conteúdos programáticos

Assim colocada apenas em conceitos, essa síntese esquematizada poderia ser entendida como soma vazia de pedaços educacionais. Entretanto, contextualizada e articulada por nossa experiência vivida, ela se totaliza e ganha movimentos através das palavras das pessoas, das vontades, dos sonhos de descobrir, dos esforços de experimentar e de todas as criações que foram daí surgindo, acumulando-se, transformando-se e em nós penetrando.

Caracterizando a realidade da Vertente A, que é relativa ao espaço institucional para uma educação sexual, temos a escola como uma instituição social que precisa mudar, caso queira assumir a educação sexual seriamente. Ela está desatualizada e precária na sua organização, comunicação, procedimentos e recursos.

A escola é anacrônica, no modo como distribui seu trabalho e enquanto sistematiza suas diferentes instâncias, pois é muito burocratizada e centralizadora. Também a distribuição de recursos e do poder de decisão é desequilibrada, e obedece a tal lentidão nas tramitações legais que a impossibilita agilizar-se conforme o ritmo solicitado pelas demandas sociais.

A não participação dos que executam as tarefas, nas decisões que as administram, faz com que o nível de compromisso de continuidade de um trabalho fique totalmente à mercê da vontade política constituída. Existem constantes transmutações e mudanças de orientação em projetos e, como não há uma avaliação comprometida, vamos perpetuando uma tradição antropofágica, onde nada se acumula do que vai sendo elaborado pela prática.

Quanto aos recursos materiais, estes estão sujeitos a decisões muito rígidas e os rituais dos pagamentos são inflexíveis, impossibilitando contratações de curto prazo, ou

remuneração em situações não previstas de antemão.

Não há uma expectativa realística, quando se propõe um trabalho no qual uma única pessoa irá coordenar um projeto envolvendo 900 escolas, porque é preciso, pelo menos, auxílio para transporte, montagem de equipe de assessoria, e dotação de verbas especiais para manter os trabalhos com autonomia. É absolutamente alienada a forma de administração, uma vez que o trabalhador é controlado pelo tempo em que permanece no local de trabalho, assim como, é remunerado pela referência do padrão profissional a que responde, nada tendo a ver com o tipo de responsabilidade do que está assumindo como nível de retorno do que produziu, ou sua necessidade de movimentar-se fora da sede do trabalho.

Acredito que essa experiência de coordenação evidenciou um momento privilegiado de contraposição a essas dificuldades organizacionais, porém, se pensarmos numa proposta educacional válida permanentemente, temos que denunciar os mecanismos ultrapassados da rotina do sistema.

Uma administração esclerosada é cara e redundante em rendimento ínfimo, com desgaste humano e cultural enormes.

Aqui dentro desta Vertente A, temos a questão do potencial de mudança que a educação sexual possa ocasionar nos comportamentos, se assumida pela escola. Não advogamos a postura ingênua de que a educação sexual possa ser "salvadora de todos os males", pois, realisticamente, não podemos equacionar a educação sexual nem com gravidez precoce, nem com ajustamento sexual, nem com controle de doenças venéreas, de um modo linear.

Aqui podemos agrupar, para fins de análise, as subcategorias levantadas, relativas à questão de normatização das

posturas estereotipadas e repressivas, sejam as sanções de origem religiosa, moral, de saúde, ideológica, ou para controle demográfico, e englobá-las todas no aspecto estático, paralizante e conservador da escola. E, por outro lado, verificar o potencial de mudança que a escola, enquanto local de educação, possa ter, numa perspectiva transformadora social, pelo menos de uma geração à outra.

Estaríamos abordando, então, a questão da responsabilidade dos sistemas escolares, enquanto mecanismos públicos de um estado democrático, e sua destinação de proporcionar, a todos os membros de sua comunidade, bens sociais e educacionais.

Inicialmente, diríamos que é verdade que a escola tem o seu aspecto conservador e repressor, e que, quanto mais ela estiver acontecendo através de uma estrutura anacrônica e desleixada, tanto maior será sua tendência de apenas perpetuar mecanismos repetitivos e controladores. A atualização de um organismo funcional só acontece com constantes transformações, por mecanismos auto-corretivos e agilizadores, que exigem recursos humanos (para inventar, criar) e recursos materiais (para manter, aparelhar, renovar a tecnologia). Não é demais repetirmos esse jargão de denúncias, porque ele é um condicionante prioritário.

Afirmamos, também, que a educação sexual apresenta um grande risco de tornar-se essencialmente repressiva. Sabemos que, sobretudo entre nós, latinos, existe uma forte herança de educação moralista, com influências repressivas religiosas (todas as religiões) muito presentes.

Encontramos, nas escolas, alguns casos de crianças que tinham uma proibição de participar das aulas de educação sexual.

Nos foram relatados casos de crianças que, por ordem dos pais, deveriam sair da sala de aula, ou depoimentos como este:

"Ela ficou a aula inteira virada de costas, enquanto falei das coisas que surgiam ali (revista pornográfica) e eu, de início, não entendi, achei que era gozação, mas aí reparei que era uma menina de cabelos compridos, dessas religiões..." (Professora de Moral e Cívica, 21 anos, Escola Estadual)

Existe, também, a idéia de que a "educação sexual deverá ser algo para higienizar, para esterilizar, para curar". Se o enfoque religioso quer exorcisar o sexo, o enfoque médico-biológico quer clinicá-lo para prevenir doenças. Novamente uma forma de representação que, hoje, com o fenômeno da AIDS, se torna horrivelmente ameaçadora, senão avassaladora. Penso que a questão da AIDS merece um estudo especial e aqui apenas vamos passar pelas repercussões, na escola, daquilo que se passa na realidade social, relativo à AIDS, e não oferecer uma reflexão aprofundada sobre a questão que, pensamos, ultrapassa nossos objetivos.

Também encontramos muito, em nossa cultura de veneração ao médico, a tendência em reduzir todas as preocupações com a sexualidade em problemas físico-fisiológicos ou religiosos, de tal maneira, que "a conversa com o ginecologista" é buscada para resolver todos os problemas e insatisfações.

Em nossos encontros com os alunos, notamos essa tendência, sobretudo nas meninas. Sempre se referiam à ida ao ginecologista com uma postura de certa gravidade e orgulho, como se dissessem "já sou uma mulher adulta". E uma freqüência grande de

referências a "doenças", "problemas", "dores", "sofrimentos", ao se referirem ao aspecto ginecológico-reprodutor.

A própria escola, quando pensa no professor de Ciências como o único responsável por educação sexual, está fazendo a redução do sexo à dimensão biológica.

E temos, ainda, a repressão do chamado "sexo desempenho", ou "sexo consumo", que são novas formas repressivas e que estão exercendo seu poder também na escola. A pergunta "O que é orgasmo?" perpassou o nosso trabalho, por todos os níveis. Meninas, da 6a. série ao colegial, querem falar sobre orgasmo, como quem persegue um objeto de moda. Exatamente como se o corpo fosse um aparelho que se pode ligar e desligar com um controle mecânico. Pareceu-nos que há uma nova obrigação sexual, a do desempenho perfeito para obtenção do orgasmo.

... então a preocupação delas é se vai dar certo, não vai dar certo, se o cara vai ficar desapontado com elas e aí não vai topa mais, voltar ao motel com ela..." (Jovem, 16 anos, estudante)

Enfim, notamos, entre os nossos jovens, grande preocupação com uma sexualidade quantitativa e mecânica, como se toda a vida sexual se resumisse em "consumir pessoas".

A repressão pode também surgir mascarada pela própria psicologia, tomada como uma receita, talvez, remetendo-se a uma tendência psiquiátrica original. A sexualidade não é mais uma doença, mas é "problema" a ser resolvido pelo psicólogo, como se fosse mágica.

Que papel teria a escola sobre todas essas formas repressivas que influenciam o comportamento sexual?

A escola é também acusada de ser "homogeneizante", ou seja, ela se refere aos educandos como se eles fossem padronizados, mas sexo é algo muito único e peculiar em cada um. Teria a escola meios de particularizar o aluno e dar a ele respostas personalizadas, necessárias à elaboração de sua identidade sexual?

Quanto à questão dos valores, eles estão presentes na sexualidade, sempre. É por ter valores desta ou daquela conotação que o homem aprimorou ou, ao contrário, até degradou, o sexo. Conseguiria a escola realizar uma educação sexual que respeitasse as diferentes posturas valorativas, sem ditar normas?

Poderia, ainda, a educação sexual, vir a ser tomada como um meio de se formar, no jovem, condições que o levariam a um comportamento reprodutivo adequado a uma política demográfica, de interesse político controlador? Esta seria outra ameaça terrível.

E, por último, poderíamos considerar a questão do "sexismo", como uma forma de manutenção da estereotipia dos comportamentos masculino e feminino. A escola pode ser uma grande reforçadora das diferenças e discriminações entre homem e mulher. A educação sexual poderia ser um espaço da "doutrinação" sobre as qualidades femininas e masculinas, reforçando a submissão feminina e o machismo.

Todas estas questões levantadas são relativas aos aspectos negativos da educação sexual, porém, poderemos procurar o seu lado positivo, em que a educação sexual se revela desejável e necessária.

Temos conhecimento de experiências inovadoras em educação sexual, no Brasil e fora do país, onde se obteve resultados muito positivos. Em geral, são propostas que assumem a educação sexual como um desafio transformador. Essas propostas partem sempre dos interesses e necessidades dos alunos, não sendo matérias "obrigatórias" e "oficiais".

O potencial de mudança é grande quando o aluno é levado, de um modo adequado, a abrir-se a uma nova compreensão de determinados fatos relativos à sexualidade, quando é dado a ele um espaço para colocar e discutir suas dúvidas, quando é incentivado à conversa aberta entre jovens, e lhes é facilitado o acesso livre a materiais informativos e provocadores de reflexão crítica sobre o sexo.

Fechamos esta síntese da Vertente A, dos dados colhidos, lembrando que a escola tem potencial para uma boa e uma má educação sexual, e que ela está irremediavelmente comprometida com uma das duas posturas.

Como instituição educacional, a escola não escapa de ser o local onde uma educação sexual está sempre acontecendo. Quando se "recusa", se "omite", se é "defensivo" em assumir uma educação sexual intencional, o que está se passando é uma "postura de temor", de "proteção contra algo ameaçador" e, portanto, reforçando tabus e preconceitos.

"Se a escola não está tratando o assunto, ela está transmitindo ao aluno que o sexo é um tabu, do qual não se pode falar. É algo tão individual, que cada um guarda para si e não deve comentar com os outros. Ou

que é algo sem importância, não faz parte do conhecimento humano, ou, o que é pior, que é alguma coisa feia, da qual se deve envergonhar. Ainda é possível que passe a idéia de que sexualidade não faz parte da educação, é algo que se aprende na rua, com os colegas, através da revista pornográfica, do filme 'pornô', ou nas zonas de prostituição." (A.C.EGYTO, 1988).

A Vertente de Síntese B, nos levaria a considerar o aspecto do processo educativo em si, da educação sexual.

O estudo teria uma terceira categoria para análise: o pedagógico. Que preocupações pedagógicas uma proposta de educação sexual poderia apresentar?

Iniciáramos com a questão do professor. Quem deveria assumir o papel de educador sexual na escola?

Aqui notamos algumas tendências. Uma delas é destinar a educação sexual ao professor de Ciências, que, no caso do Projeto CENP (Anexo I), foi justificado por três motivos: aproveitamento do componente curricular, facilidade de inserção nos programas, e ser acessível ao 2o. grau, através dos Programas de Saúde. Todas essas razões se apóiam mais em critérios administrativos e metodológicos do que na necessidade dos alunos. Acomodação ou alternativa única possível?

Temos visto, também, propostas de educação sexual ficarem a cargo da coordenação pedagógica, na unidade escolar, sendo o Orientador Educacional, ou outro especialista, o assessor da atividade realizada pelos diferentes professores. Existe, ainda,

a tendência de se "especializar" um educador sexual e criar um espaço de aulas para a educação sexual, de um modo programado e, por último, em certas escolas, a educação sexual é "algo à parte", artificialmente enxertado por palestras, fora do horário normal de aulas, realizadas por pessoas estranhas à escola.

Que tipo de formação esse profissional deveria ter? O que colhemos foi que esse profissional requer uma preparação especial, ele mesmo a reivindica, e a escola assim o espera.

Não defendemos, no entanto, a reificação de "um professor de educação sexual", com um diploma, uma outra especialização para se dar uma "matéria nova", somando mais aulas estanques.

Pareceu-nos que os professores, em geral, estão abertos a se atualizarem e a se envolverem com programas de educação sexual.

A verdade é que, em nossos trabalhos, apontava-se sempre para a necessidade de uma assessoria constante para preparação e atualização do profissional, assim como havia a solicitação de possibilidade de encaminhamentos, caso o professor não resolvesse sozinho as dificuldades surgidas. Gostaríamos de destacar essa evidência, pois ela está ligada ao fator "mobilidade nos conteúdos e conseqüências na ação educativa", onde o assunto "sexo" requer uma agilidade e um compromisso novos na escola.

Ainda do ponto de vista pedagógico, é preciso pensar em recursos facilitadores na sala de aula, não só a questão dessa linguagem especial, que vai sendo elaborada ao passo que o assunto se torna familiar, como também meios intermediários de demonstração, como ilustrações, 'slides', filmes, cartazes, moldes, maquetes. É necessário ressaltar aqui uma surpreendente ausência desse tipo de material em nossa cultura, em

contraposição a um enorme investimento em literatura pornográfica.

Chegamos à Categoria IV, que é a relacional. Entendemos aqui a discussão sobre a qualidade dos relacionamentos na escola. Ouvimos vários relatos de mudança no relacionamento entre os professores, por estarem agora abrindo-se a discutir, com naturalidade, as questões sexuais. Referiam-se esses relatos tanto a uma "afeição" que o aluno passa a demonstrar, como ao fato de que os próprios professores "diminuem a guarda" diante das classes.

Quanto ao relacionamento aluno-aluno, tivemos o relato de um dos coordenadores do Programa de Educação Sexual da Prefeitura Municipal de Campinas, o psicólogo Ricardo Castro e Silva, sobre comportamento dos alunos que já recebem educação sexual há cinco anos.

Esse coordenador mencionou que os alunos venceram inibições entre menino e menina, elaborando uma linguagem equalitária e espontânea entre eles, de modo a superar aquela fechada "conversa de meninos, só com palavrões", e "conversa de meninas, só com ingenuidades sentimentais". Os alunos discutem o prazer, o amor, os problemas de relacionamento dos familiares, a masturbação, o homossexualismo.

A educação sexual, como tema de encontro entre pais e professores, foi por nós presenciada várias vezes. Percebíamos um desvendamento muito grande dos valores da vida familiar do aluno, para o professor. Era comum, na avaliação desse trabalho, notarmos a carga preconceituosa da escola contra o "nível" de vida dos alunos. Há uma diferença de valores entre as classes sociais, como sabemos, mas ao se abrir um espaço para a colocação dos

fatos reais, onde os pais revelavam suas condições de vida, suas limitações massacrantes, os professores ficavam perplexos. Relatos como: "Dormimos sete num quarto"; "Só chego em casa de madrugada e saio logo às seis"; "Elas ficam é sozinhas mesmo e tomam conta de todos os pequenos" (crianças de 7 anos); "Agora o pai dela fica rondando a escola e quer seqüestrá-la para levar ela embora"; "O pai tranca o portão e se ela quizer sair, tem que gritar para os vizinhos" (adolescente de 16 anos), são alguns exemplos verídicos.

Enfim, tivemos vários relatos sobre a mudança de relacionamento entre jovens e adultos. Diziam os adultos que passaram a tratar diferentemente os filhos, passaram a ouvir mais e a interessar-se de modo diferente pelas questões da sexualidade, mudando o seu comportamento anterior.

O que gostaríamos de realçar é a possibilidade da existência de laços afetivos significantes na escola e, uma vez que a educação sexual só pode ser entendida nessa dimensão, a escola poderá ser um local de boa educação sexual.

A Categoria IV é a que denominamos curricular e que em si mesma encerra um tema de tese. Aqui apenas acenaremos para a questão que, de acordo com nossa visão, o currículo deverá ir se elaborando a partir da realidade e com as peculiaridades de cada escola e da comunidade onde ela está inserida.

Poderemos delinear alguns pontos, que nos pareceram básicos nos currículos de educação sexual. Inicialmente, todo currículo revela uma filosofia de educação; assim, também, deve uma programação de educação sexual revelar as suas intenções últimas: Educação Sexual por quê? Educação Sexual para quê?

Acreditamos que essa explicitação de uma filosofia deva ser decidida pela escola, em conjunto com a sua comunidade. Temos hoje, na escola pública paulista, o Conselho de Escola, que deveria encarregar-se desse entrosamento com os pais, para a definição dessa filosofia.

Insistimos que esse é um ponto crucial, caso queiramos uma educação sexual legítima, isto é, a partir de nossas raízes culturais. O currículo não deve ser padronizado, a não ser em orientações muito gerais, porque ele deve atender às necessidades reais emergentes de cada comunidade escolar.

Como já mencionamos anteriormente, o problema da AIDS modificou muito a reflexão sobre a educação sexual. Um currículo que não levasse essa problemática em conta, hoje, seria totalmente alienado. Igualmente, diferentes escolas têm diferentes prioridades. Por exemplo, uma escola rural e uma escola urbana, uma escola na zona de prostituição, uma escola junto a alunos afastados de suas famílias, como numa base militar, teriam prioridades diferentes ao se abordar a sexualidade.

Examinamos vários currículos nacionais e estrangeiros e notamos, em projetos experimentais, nossa tendência a nos remetermos a objetivos muito amplos, senão remotos e abstratos, como, "Favorecer o respeito à dignidade do homem e da mulher e o reconhecimento de seus direitos iguais na ordem política, legal, sócio-cultural, econômica e sexual", ítem do Projeto CENP.

Está correto, mas, extremamente aberto. Acreditamos que essas formulações muito abrangentes dificultam o processo de avaliação dos resultados daquilo que foi proposto como objetivo.

Os currículos americanos costumam reduzir seus objetivos a um modo operacionalizado, surpreendentemente simples, como: "promoção de um estilo de vida, com saúde ótima e 'felicidade'", que se resume em: "algo para fazer, alguém para amar, e uma meta a atingir" ("something to do, someone to love, something to hope for"). Isto, porém, soa como de uma simplificação inconcebível em nossa cultura. (BURT & MEEKS, 1985)

Já Bruess & Greenberg (1985) falam em: "Consideração de uma visão global da sexualidade humana, levando em conta que a sexualidade pode relacionar-se ao bem estar pessoal e ao relacionamento interpessoal, reconhecendo-se a sexualidade em todas as idades e estágios de desenvolvimento."

O Manual de Instruções Relativas ao Relacionamento Interpessoal do National Board of Education da Suécia (1982) diz, em resumo: Conhecimentos necessários ao aprimoramento em relações interpessoais, que devem se caracterizar por afeto, responsabilidade e consideração, garantindo a felicidade a ser experimentada juntamente com outra pessoa. Conhecimentos objetivos e imparcialidade de valores... ser capaz de adotar pontos de vista pessoais quanto a relações interpessoais."

Tivemos acesso à programação curricular de Educação para a Vida Familiar, do Distrito de Fairfax, Estado de Virgínia, Estados Unidos, para o ano de 1989 (FLE - Family Life Education Advisory Committee - Proposed Objectives for Family Life Education, Fairfax County, Virginia, USA, 1989)

Os conteúdos programados revelaram uma certa surpresa para nós. Divididos em áreas, assim se resumem:

- 1) Vida familiar e relacionamento comunitário;
- 2) O valor de pospor as atividades sexuais para após o casamento;
- 3) Sexualidade Humana;
- 4) Reprodução Humana e Contracepção;
- 5) A etiologia, prevenção e efeitos de doenças sexualmente transmissíveis;
- 6) Controle do stress e resistência à pressão de grupo;
- 7) Desenvolvimento de auto-conceito positivo e respeito aos outros, incluindo todas as raças, religiões e origens;
- 8) Habilidades como pais e mães;
- 9) Abuso de substâncias;
- 10) Abuso à criança.

Para a implementação do programa recomenda-se que em nenhum momento uma criança deva interromper o programa global, que vai da pré-escola à escola de 2o. grau. Há referência a um programa especial para a criança defeituosa. O planejamento fala em separação dos sexos, para aulas de conteúdos de sensibilização, assim como, o pai tem o direito de excluir o filho do programa. A pessoa a ministrar tal programa poderá ser pai, mãe, ou professor e deverá passar por um treinamento especial, oferecido pelo Estado (Department of Education). A comunidade é chamada a envolver-se e a criticar o programa.

Trouxemos aqui esses exemplos, apenas para ilustrar as diferenças e argumentar da necessidade de se elaborar um currículo a partir da realidade cultural, e reforçar que o assunto em si, pede uma abordagem genuína, específica, ultrapassando uma Proposta Curricular de Ciências, apenas.

Em um currículo que contemple a questão da educação sexual, as discussões devem ir além de meras informações sobre a reprodução e a mecânica do ato sexual, abordando os aspectos emocional e psicológico, os desdobramentos sociais e políticos ligados à sexualidade, e discutindo habilidades de tomada de decisão, classificando valores, assim como, facilitando a comunicação.

Muitos tópicos podem constituir os conhecimentos a serem desenvolvidos numa proposta curricular de educação sexual, como: Sistema Sexual Masculino e Feminino - Anatomia e Fisiologia; Relacionamento Sexual em Diferentes Fases da Vida; Concepção, Gravidez e Parto; Masturbação, Comportamento Auto-Erótico; Homossexualidade e Outros Comportamentos Não Padronizados; Fertilidade e Controle da Natalidade; Aborto - Questões Morais e Legais; Doenças Venéreas - AIDS; Papéis Sexuais, Diferenças Biológicas, Sociológicas e Psicológicas; Paternidade e Maternidade; Tomada de Decisão em Sexualidade; Crenças Religiosas e Culturais em Relação ao Sexo; Relações Familiares - Perspectivas Futuras; Estilos de Vida Alternativos; Sexualidade e Deficiência; Concepções Históricas da Sexualidade, Questões Polêmicas Relativas ao Sexo; Violência, Abuso de Crianças; Incesto; e muitos outros.

O importante é que os temas surjam de um modo integrado à vida e ao comportamento humano, para a análise do aluno, e não como partes fragmentadas de um "ponto escolar".

Quando digo "é evidente", quero acaso dizer "só eu vejo"?

Quando digo "é verdade", quero acaso dizer "é minha opinião"?

Quando digo "ali está", quero acaso dizer "não está ali"?

Fernando Pessoa

CAPÍTULO IV

PALAVRAS CONCLUSIVAS: DE QUE EDUCAÇÃO SEXUAL FALAMOS

Toda proposta educacional é complexa, porém, esta se torna particularmente complexa, pela especialidade do tema e pela fragilidade que a escola apresenta, hoje, enquanto instituição, em nossa sociedade. Diríamos que construir qualquer coisa sobre o caos implica em pensar a calamidade primeiramente, e os seus circunstantes.

Impossível esquecer essa condição que, em profundidade, marca o atual momento do educador, que busca manter sua identidade lutando por uma heróica emancipação social e política. Qualquer proposta que se faça para a escola tem que estar comprometida com os dados da realidade e suas implicações, caso se pretenda um sistema educacional verdadeiro e legítimo, que com realismo pense uma educação para todos, abrindo os caminhos do saber e da ciência a uma comunidade inteira, rompendo as barreiras da dominação.

Se uma férrea vontade política mantém a instituição escolar em níveis mínimos de sobrevivência, é evidente que nessa estrutura não podemos projetar a melhor educação sexual, sob o risco de ficarmos apenas no vazio de um exercício teórico. Por outro lado, teremos que partir sempre das "primeiras perguntas", se quisermos respostas que provoquem verdadeiras mudanças. Chamamos aqui de "primeiras perguntas" aquelas indagações críticas

fundamentais: É possível que a educação sexual aconteça nessa escola? Que possibilidades transformadoras tem a escola? Qual o papel do educador na sociedade? Quem é o educador sexual? Educação sexual para que? A quem servirá essa educação sexual?

Assumindo que a educação sexual seja um ponto crítico do processo educacional, diríamos que ela se torna "uma crise dentro de outra crise", quando entendida no contexto escolar, daí estar se tornando um alvo de análises teóricas, assim como, de improvisadas propostas de profissionais fora da escola. Pela agudeza em que se evidenciam os paradoxos, as faltas, as contradições e o descompromisso no aspecto da formação sexual, fica revelada a mais crua pobreza educativa do país.

É possível que um conflito aparentemente supérfluo contenha essas contradições profundas, como na simples questão da denominação do educador sexual. Tomar o detalhe e realçá-lo pode clarificar isso.

De um lado, vimos, na história de educadores brasileiros, a luta pela sedimentação de programas de educação sexual na escola. Professores, orientadores, diretores - gente da escola, tendo suas iniciativas cerceadas, interrompidas, frustradas, punidas. Esses profissionais deram início a tentativas de uma ação real que visava continuidade, consistência e que, embora tenham permanecido longe de uma elaboração perfeita, traziam o compromisso com o coletivo da escola. Esses programas sempre foram esvaziados por razões políticas, intenções de redução de gastos, divergências administrativas, descompromisso.

Por outro lado, vemos que profissionais fora da escola, ao lidar com clientes em consultórios e clínicas, percebem a

carência de informação e o desconhecimento, pedindo educação sexual e tentando organizá-la. A esses, os órgãos oficiais costumam dar mais créditos e até incentivos. O que questionamos é a facilidade com que esses profissionais oferecem "soluções" para a educação sexual e se intitulam "educadores". Muitas vezes, um mero encadeado de dinâmicas de grupo contendo pontos informativos da biologia e do desempenho sexual, é considerado um paradigma de programa educativo em sexualidade. Treinamentos delimitados em horas dessa prática, credenciam como "educadores" seus participantes.

Será que podemos denominar "educador" a todo profissional que passa uma informação de sua especialidade? Será que a escola pode aceitar esses "educadores" e seus "programas" como o melhor em educação sexual? Por que esses programas não se enraízam no processo escolar, mas passam com o sabor de "campanhas" momentâneas sempre?

Também perguntamos por que ao verdadeiro educador não é possível convencer os órgãos administrativos de sua possibilidade de assumir essa tarefa? Por que o educador nunca tem acesso a recursos e técnicas mais sofisticadas, que melhor objetivam as questões sexuais? Por que ele permanece sendo percebido como "menos capaz" do que médicos e outros profissionais da saúde para o desempenho dessa tarefa educativa?

Buscando esclarecer essas indagações, lembramos que nosso estudo limitou-se ao que intencionalmente a instituição assume ou deixa de assumir em relação ao sexo, aquilo que se passa dentro ou fora da sala de aula, no ambiente da educação formal, tendo-nos interessado tanto os produtos da organização e convivência

escolar, quanto a intervenção pedagógica deliberada.

Sabemos, no entanto, que a educação sexual informal, ou educação sexual lato senso, aquela que o indivíduo recebe desde o berço, e mesmo antes dele, pela ação rotineira do contato com os adultos significativos ao seu redor, é a primordial, porque de repercussão profunda em toda a sua vida, e sabemos de seu papel determinante à ação da escola, que é a "educadora sexual secundária", sempre.

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar a educação sexual na escola, mesmo porque, as sementes iniciais de como uma criança vai se perceber "como homem" ou "como mulher", já estão nela bem plantadas, quando de sua entrada na escola.

Seria inútil tentar ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar, as influências primeiras na estruturação da sexualidade nos programas educacionais sobre o sexo. As informações, as posturas que os alunos trazem de suas famílias, de sua comunidade, são as demarcações para o início do trabalho em educação sexual e aí estarão sempre presentes, uma vez que são os pais a fonte de manutenção das relações afetivas do filho. A família deverá estar incluída, portanto, e participativamente, ao se pensar a educação sexual nas escolas, e os conteúdos escolares deverão brotar de vivências reais que acontecem na comunidade e que são os pontos vitais de discussão, mesmo que esses pontos se apresentem, inicialmente, como "deformações" ou "informações erradas" aos olhos da escola. Se o educador se afastar da sexualidade vivida pelo aluno, ele incorrerá no erro da doutrinação ou do academicismo vazio.

Um aspecto a se levar em conta em educação sexual é a consciência de sua intencionalidade pelos seus atores. O professor e a professora são modelos de "homem" e "mulher", ao realizarem suas atividades com os alunos. Como são sexuados e assumem papéis "masculino" ou "feminino", não importa se com maior ou menor correspondência à estereotipia social - são modelos sexuais, também. Na sua rotina de trabalho interativo com os alunos, estão sempre a revelar como lidam com a dinâmica interpessoal, como se aceitam, como se colocam frente à sexualidade própria e dos outros. Enfim, é a sua carga de medos, preconceitos, tabus, assim como, de compreensão, aceitação e experiência de prazer, de alegria, que transparece em seu cotidiano profissional.

O que é peculiar, porém, é que os professores em geral não assumem que estejam educando sexualmente, assim como, o aluno também não tem consciência de que está sendo influenciado pela escola, nessa área.

Há como que uma inocência de mão dupla, o que oculta a perpetuação de determinadas posturas preconceituosas, discriminatórias, desinformadoras, medrosas e ameaçadoras.

Essa é a educação sexual que não mais queremos e que nossos dias exigem que seja ultrapassada.

A escola agora precisa tomar a educação sexual como um aspecto natural, positivo, do desenvolvimento, indo de encontro ao vazio criado pelos padrões morais rígidos, as pressões sociais de dominação e as exigências sócio-sexuais do indivíduo. Ela deve assumir intencionalmente essa postura, porque a descoberta da sexualidade, ou a tomada de consciência da dinâmica sexual, se dá em seu meio. Sendo um processo pessoal, lento e de gradativo

crescer, onde os conhecimentos recebidos são lentamente assimilados e integrados na estrutura da personalidade, os educadores podem cooperar para fazer surgir, aos poucos, a capacidade de se relacionar, podem permitir e apoiar o relacionamento a nível de intimidade interpessoal, com autonomia e responsabilidade, entre os alunos.

Os conhecimentos acumulados permitem hoje uma compreensão ampla da sexualidade, e as pessoas têm o direito de conhecer em profundidade essa qualidade existencial, tão única porque fonte do desejo e do prazer.

Uma proposta de educação sexual deve pretender o envolvimento da capacidade de aprender, o estímulo ao amadurecimento emocional, o exercício de habilidades de decisão e escolhas, a compreensão das relações sócio-político-culturais do sexo, e a discussão das questões ético-morais.

Assim encarada, a educação sexual jamais poderá ser apenas uma intervenção episódica diante de emergências, mas deverá estar inserida, de modo permanente, nas atividades normais do currículo escolar. Por seu aspecto dinâmico, decorrente da constante troca entre as pessoas, a educação sexual poderá funcionar como uma corrente inovadora em duplo sentido, pois pode provocar arejamento e renovação do pensamento de geração para geração, porque tanto haverá aprendizagem do jovem com o adulto, quanto atualização deste através do conhecimento das posturas do jovem.

A educação sexual deve ser elaborada a partir de uma postura aberta, pois o novo é freqüente nessa área, os modelos se modificam com evidência e as demonstrações de atitudes amorosas ou da atração sexual "acontecem", ou seja, mudam à cada geração.

A postura aberta não exclui a sabedoria e firmeza que vêm da experiência e que eliminam equívocos e solidificam o enraizamento de princípios e valores que servirão como parâmetros norteadores ao jovem. Do mesmo modo, a abertura significa a possibilidade de mudanças, a flexibilidade para que novas posturas surjam, adaptando o comportamento às mudanças sociais. Nesse sentido, a própria escola poderá "abrir-se" incluindo alguns pontos essenciais da sexualidade em seus conteúdos e atividades práticas.

Uma questão a ser seriamente repensada pela educação é o próprio corpo humano. Na escola, ele surge fragmentado em disciplinas especializadas para o estudo, e controlado, cerceado e punido enquanto corpo real dos alunos. Sua condição é sempre de sustentáculo das atividades mentais e, quando muito, é estimulado a ser um corpo forte, belo e saudável para uma boa saúde e produção. Um corpo visto como um investimento.

A educação formal, através de disciplinas como a biologia, psicologia, informação sexual, atua de forma a reforçar os fragmentos. Temas como: aparelho respiratório, circulatório e reprodutor, são examinados como se não tivessem nada uns com os outros a não ser uma justaposição quase mecânica. Esse ser fragmentado não se integra num todo, não é visto como um indivíduo... Além disso, há que se levar em conta a preocupação com os corpos fortes e adestrados, muito presente num sistema econômico e político como o capitalista com seu imperativo de trabalho e da produção. (VERARDO, 1989)

É preciso que a escola assuma uma mudança quanto ao corpo educável, que após os anos sessenta tem sido percebido e elaborado de uma maneira muito diferente pela sociedade em geral. Academias de ginástica proliferam, hábitos de treinos corporais (corrida, musculação, expressão corporal, antiginástica, bio-dança, alongamentos, etc.) estão se integrando ao cotidiano das pessoas; os esportes amadores e profissionais estão cada vez mais em prestígio, enquanto as aulas de educação física, na escola, são percebidas como enfadonhas, em horários os mais inadequados e desprovidas de recursos materiais que motivem, em contraposição com as ofertas de consumo da "indústria do corpo".

Também é necessário que a escola "se abra" quanto ao processo de comunicação para nela incluir a linguagem da sexualidade. Quais as palavras, as falas da sexualidade na escola? Como são expressos os "pré-conceitos" e "inter-ditos"? Sabemos que o silêncio, o controle do olhar, do sorriso irônico e do cochicho são a linguagem do sexo na escola, sempre camuflada por formas de repressão implícita. Essa vigilância silente é interiorizada como forma auto-controladora rífgida.

Abrir-se a questionar essa postura é o passo que a escola agora deve dar para começar a encontrar respostas para a construção de uma outra linguagem, onde se possa passar mais verdade na questão do sexo. Em nosso trabalho, tivemos que quebrar esquemas para encontrar professores e alunos como pessoas mais inteiras e desarmadas, e então falar de sexo. Cabe à escola dar informação científica correta, porém, por um diálogo possível de ambos os lados, de início ensinando e aprendendo, para reconstruir-se.

Entre o artificioso e doutrinário, e o autêntico e comunicativo, tem-se que estar atento e compromissado com a comunidade e com o genuíno no social e cultural.

Só quando o professor tornar-se consciente de sua "permissão" para ser educador sexual, ele poderá contribuir para a elaboração de uma comunicação mais fácil sobre o sexo. Só através do professor chegaremos à criação de conteúdos significativos para programas de educação sexual.

É preciso repensar também os relacionamentos, as trocas afetivas, entre as pessoas da escola. Discriminações, estereótipos, machismo, repressão da afetividade, existem na escola? Como a escola se posiciona quanto aos papéis sexuais? Como abrir-se ou avançar nesse aspecto específico? Como estimular o desenvolvimento emocional, as habilidades de decisão e escolha, a compreensão das relações interpessoais mais íntimas?

Não estamos aqui, ingenuamente, propondo modelos e receitas de meras dinâmicas, mas estamos afirmando que a educação sexual exige que a escola "se contamine" por essas preocupações. Não é possível continuar o jogo de se descalçar os chinelos da sexualidade e dos sentimentos nos portões da escola e fingir que todos ali são indiferentes.

Todos os recursos deveriam ser empregados para a tomada de consciência dos profissionais da escola, da resistência emocional às mudanças, quando essas envolvem hábitos, valores, padrões morais. Acreditamos que os educadores tanto terão que se beneficiar de modernos "workshops", oficinas de trabalho, treinamento fora da escola, como de assessorias permanentes, treinamento em serviço, de forma contínua, e propostas curriculares novas, para

que uma mudança desponte a nível do cognitivo, das habilidades, mas também das atitudes mais profundas, como valores e novos padrões de comportamento filosófico-moral.

Seria necessário a elucidação das discriminações, do sexismo, da estereotipia. Alguns estudos (BARROSO, 1975; CAMPOS & SPOSITO, 1975; MARIN, 1975; MELLO, 1975; RONEY, 1975; ROSEMBER, 1975; JEGHELIAN, 1976; BARROSO et alli, 1978; DELAMONT, 1980; MICHEL, 1986; BARROSO & BRUSCHINI, 1987)) já começam a desvendar essas questões, esclarecendo desde os aspectos materiais, como uniformes, brinquedos, jogos, livros, objetos, até os ambientes de salas de aulas, corredores, banheiros, pátios, refeitórios, assim como os aspectos subjetivos, tais quais, sucesso, aprovação, êxito, fracasso, punições, tanto para professores como para os alunos.

Um outro ponto a se pensar em mudanças culturais seria a necessidade de modificações no corpo dinâmico da escola. Por que a rigidez hierárquica, às vezes exagerada, na relação diretor-professores, diretor-funcionários, diretor-alunos? Por que o controle mecânico das horas de trabalho e de aulas? Por que avaliações descontextualizadas, primordialmente quantitativas, desumanizadas, tanto para os profissionais quanto para os alunos? Por que as tarefas escolares caminham normatizadas, dosadas, repetitivas? Por que não usamos bibliotecas? Que oportunidades de atividades livres, criativas, espontâneas e autônomas têm os nossos alunos e mesmo os professores? Por que a escola é um local de trabalho para mulheres, sobretudo? Por que nas chefias, quase sempre, estão os poucos homens do sistema escolar? Por que certas matérias, como Ciências e Matemática, são consideradas de mais

sucesso para os meninos? Por que considerar os educadores como uma minoridade profissional, tanto em salários como em decisões e autonomia? Por que hoje nossa sociedade "desrespeita" o professor e a professora?

Todos esses fatos estão condicionando papéis sexuais, posturas, valores sobre o que é "ser homem" e "ser mulher", cidadãos de uma sociedade. Se quisermos mudar, teremos que oferecer modelos novos de plenitude humana.

Sabemos que mudanças culturais são lentas e que não ocorrem sem uma intencionalidade e um investimento. Acreditamos que uma alteração no processo de dominações que a escola perpetua implicaria num gigantesco esforço educacional, que exigiria uma mudança radical no modo de se encarar a escola, entre nós. Implicaria mesmo numa postura político-administrativa da educação diferente, priorizando uma escola de qualidade. Nessa escola, o quadro de referências, tanto didático-pedagógicas quanto valorativo-ambientais, teria que oferecer uma nova dinâmica, mais igualitária, mais rica de solicitações e interesses para o jovem e a comunidade, com recursos mais modernos e atualizados de ensino, com espaços de encontro legitimando a afetividade do jovem, com troca de experiências entre os adultos e os mais novos, de modo a poderem expandir os vínculos de confiança e afeto que os minutos cronometrados da vida escolar de todos, hoje, sequer permitem aflorarem. A escola deve pensar a preparação do profissional, se quiser oferecer educação sexual para verdadeiras mudanças, e para isso deve prever assessorias, com profissionais capazes de conduzir esse processo no cotidiano, com profundidade e compromisso, e de modo permanente.

A escola deverá repensar, então, uma nova postura frente a papéis sexuais. Uma nova mulher, um novo homem, despontam com identidades muito diferentes para a sociedade futura. Em que medida a nossa escola participará desse processo? Como um agente refrator, esclerosado e decadente, tentando segurar o avanço histórico com suas atitudes machistas, discriminatórias, ou como uma mola incentivadora da pesquisa e descoberta de novas posturas?

Finalmente, é preciso que numa proposta de educação sexual não esqueçamos a questão da responsabilidade da escola frente a uma macrossexualidade, ou seja, a questão demográfica, que conforme vimos no histórico, tem sido a mola silenciosa de muitos programas de educação sexual entre nós.

Educação sexual para que? Para muitos, apenas para a redução do crescimento populacional.

Segundo Bruschini (1982), os últimos "surto" de educação sexual no Brasil tiveram o objetivo de "incutir nos jovens atitudes e conhecimentos que os levem a um comportamento reprodutivo adequado à determinada política demográfica."

Dados recentes de Berquió (1989) mostram que na Região Sul do Brasil o crescimento populacional apenas está repondo as perdas, mantendo-se o número de indivíduos, o que quer dizer que o controle da natalidade já se instalou entre nós. Por que métodos? Sabemos do alto índice de abortos, de modo oficioso, por sua clandestinidade, e sabemos da proliferação de esterilizações e uso de anti-concepcionais sem a devida orientação e controle.

Não nos interessam dados exatos sobre esses fatos, mas sim contrapor à reflexão a diferença de recursos para se disseminarem

esses métodos, que em si são necessários e úteis, mas que, usados como manipulação de uma população ignorante, podem revelar intenções eugênicas controladoras.

Ficam, então, evidentes, a fragilidade da instituição escolar, onde os programas de conscientização engatinham, bem como, a pressão social de outras instituições, que oferecem recursos e soluções práticas diante da emergência dos fatos. Seus processos são muito mais dispendiosos e especializados, porém, surgem os recursos para tais fins.

Pensamos que se a escola desenvolvesse o potencial crítico do aluno como futuro pai e futura mãe, já se poderia computar um saldo positivo nessa questão. O indivíduo teria uma postura mais clara mediante uma visão mais aprofundada das manipulações políticas ocultas nesse assunto.

Queremos terminar reforçando que a escola tem um potencial enorme como educadora sexual secundária e que, à exemplo das nações com melhores qualidades de vida, deveríamos fazer da instituição educativa um veículo de expansão de uma mentalidade nova sobre a sexualidade.

1. O Futuro, sem mistificações

Como mencionamos anteriormente, não chegaremos a uma conclusão - nada está pronto - mas a algumas palavras conclusivas.

A abrangência da relação sexo e escola é imensa e chegamos aqui a uma síntese geral que abre horizontes para novas análises.

Assim, se estamos pensando em uma educação sexual para a escola pública, é necessário tomarmos, primeiramente, as posturas políticas frente à autonomia, ao compromisso, à consequência e à consistência na administração da educação. Talvez pareça irrelevante essa ênfase no institucional, porém não queremos aqui falar do óbvio, mas usar o nosso discurso acadêmico para denunciar o obscurantismo e o descompromisso que se ocultam na máquina burocrática escolar.

Acreditamos que os processos sejam também produtos e que a educação não se esgote apenas em propostas teóricas, mas no desvendar das estruturas que as sustentam e na dinâmica que as agilizam.

A escola tem criticado sua estrutura, que reproduz a fábrica e, às vezes, o cárcere.

A sexualidade acontece e se desenvolve nessas estruturas, embora o erotismo quase não se revele nessa dinâmica.

Cabe a nós, educadores, repensarmos as possibilidades institucionais da escola. Sabemos que a escola não pode prescindir da burocracia, que é a racionalização da produção e da vida social, assim como, sabemos que a burocracia é sobretudo uma questão política e não apenas funcional, porque ela é capitalizadora da

unidade, numa complexa diversidade. É a burocracia o meio de centralização das forças e pode tornar-se tirana e sem inteligência, levando à discriminação, à desigualdade, ao desequilíbrio social, sob a aparência da racionalidade. Pode, também, perpetuar processos desumanizantes e anacrônicos, em seu ritmo rotineiro.

É preciso que na escola haja uma descentralização do poder, que deve ser melhor distribuído, cabendo as decisões também aos educadores e aos pais, enquanto comunidade, porém, mantendo-se a unidade e coesão do sistema escolar, pelo fortalecimento de raízes culturais e aprofundamento científico.

A escola pode estruturar-se de dois modos: como local de ensino ou como local de participação. Tudo se diferencia conforme essas tendências, que não são de aleatória escolha de burocratas, mas um reflexo da sociedade onde ela está inserida e uma projeção da vontade política dominante. Conteúdos, aulas, organização, tudo depende desse posicionamento, que vai gerar um estilo de "sucesso" ou "fracasso" social, uma vez que a escola confere status e enraíza normas sociais.

Portanto, o problema institucional é um problema central da educação moderna. Denunciar o cultural e o ideológico que estão contidos em sua estrutura e procedimentos é fundamental, em qualquer proposta educacional.

Concordamos com Meyer (1987) quando diz:

"Quando a teoria da racionalidade da socialização se tornou institucional como uma religião, como na moderna sociedade secular, essa teoria tem que ser examinada como uma religião." (MEYER, in HALLINAM, 1987, P. 160)

Com isso queremos reforçar a importância do processo pedagógico, já que sentimos uma tendência à desvalorização da análise da ciência da educação na questão da educação sexual, que tem sido causa maior das preocupações de médicos e psicólogos, mais do que dos educadores.

Ao se pensar as possibilidades da escola numa sociedade, temos que pensar na consistência das estruturas e valores dessa sociedade. Evidentemente que não estamos pensando numa relação unilinear, que só seria possível num grupo social homogêneo e primitivo. Aí sim, seria possível apenas a transmissão dos valores gerais, pela escola, no papel de intermediária entre as gerações, para o que bastariam os mecanismos repetitivos e coercitivos.

Uma sociedade complexa da moderna civilização ocidental, não pode pensar numa escola com esse aspecto reprodutor entre as gerações, simplesmente. A instituição passa valores em seus sofisticados e opressivos sistemas e ela deve tornar bastante transparente esses mecanismos de suas estruturas. No caso da educação sexual, os educadores deverão posicionar-se quanto a:

- 1) ser um instrumento social do prolongamento da família e reforço de seus valores, ou
- 2) ser um instrumento social para abrir horizontes para a criança, na linha de sua emancipação, superando os limites de sua própria família.

Evidentemente, esses posicionamentos não são conflitantes. Se a comunidade reflete a família e a escola reflete a

comunidade, uma seria a natural extensão da outra. Porém, se há conflitos sociais, diferenças e distanciamentos gritantes, os conflitos podem acentuar-se.

Enfim, escolas podem levar a mudanças sociais, e estamos advogando uma mudança libertadora de tabus e repressões sexuais, mas isso dependerá da maneira como a escola se estrutura e de como as crianças são levadas à ela e a assimilam. A escola deve ser um prolongamento cultural da comunidade, para então a criança lá encontrar o seu espaço de voz e vida. Fora disso, ela pode se tornar apenas um agente moralizador a mais a reprimir, ou um informador a repetir lições que poderão, ou não, penetrar nos comportamentos.

Acreditamos que a escola deva ser um espaço participativo, onde o aluno tenha oportunidade de exercer julgamentos, assumir compromissos e realizar condutas relativas à sexualidade, como parte natural de sua vida. Escola mais família, menos cárcere, mais sindicato e menos fábrica.

Por outro lado, a escola oferece o espaço dos laços subjetivos, pois sabemos que lá está o grupo oferecendo a experiência de "pertencer", de "estar juntos", que permite a formação de valores, crenças, emoções, habilidades e hábitos intelectuais e sociais.

Dizemos que esse é o canal da irracionalidade, de forças poderosas, dentro da escola. O futuro exige que os educadores descubram a potencialidade educativa dessas forças. Não que devamos devassá-las, mas para abrir-lhes espaços para que se revelem e alcancem uma legitimidade, que é própria de um homem que tem

direito a seu corpo inteiro, às suas emoções, à criação, ao lúdico, ao belo, ao amor.

Se uma sociedade nega desde cedo, ao jovem, o desejo do desejo, pela negação de uma oportunidade de educação plena, essa sociedade está destruindo no cidadão o embrião libertário que reside em seu corpo e é a mola do sonho, do encantamento, da busca e da força transformadora.

Nossa escola pública tem recebido os mais fracos, as vítimas da escravidão sócio-política. Se não lhes oferecemos um espaço para a descoberta de si mesmos e a descoberta do outro, não estaremos cumprindo nem os estágios primeiros da socialização. O aluno permanece conosco, nas escolas, um ano, dois, cinco, dez ou quinze anos de sua vida, portanto, temos responsabilidade sobre comportamentos sociais. Sabemos que se ele não é chamado sequer a "falar sobre" a sexualidade, se é proibido de revelar as relações afetivas ao seu redor, ele não as assume numa dimensão transformadora ao nível dos outros conhecimentos que está recebendo na escola, porque elas não lhe parecem legitimadas.

Por que não incluir a dimensão sexual nos projetos, nas reivindicações libertárias, enfim, na utopia da escola?

Acreditamos que diante do quadro caótico de nossa educação pública, e mediante um fato emergencial de extrema gravidade, que é o surgimento da AIDS, deveríamos pensar em alternativas que acelerassem o processo de integração da educação sexual nas escolas. Que buscássemos programas "do jovem para o jovem", em que as discussões se abrissem entre eles, aproveitando-se essa força natural do seu interesse.

Começam a se reabrir os grêmios livres em nossas escolas paulistas. Talvez por essa vertente, que estimula a autonomia, a busca de emancipação, a criatividade e o exercício político, poder-se-ia também estimular programas que proliferassem entre os próprios jovens. Grupos treinados tornar-se-iam multiplicadores. Caberia ao adulto supervisionar o trabalho e fornecer fontes de conhecimento e constante reciclagem e realimentação dos grupos.

Evidentemente que esse processo em nada diminuiria a necessidade de se introduzir a educação sexual no currículo escolar e de se oferecer aos professores meios de aperfeiçoamento constante.

Falamos em sem mistificações no título deste capítulo, porque realmente não há como fazer mágicas. Não bastam as grandes campanhas de efeitos propagandísticos.

O país está a requerer uma mudança de atitude social, frente à educação. Isso terá que ser conquistado pelos educadores e pela comunidade e, portanto, sabemos que essas transformações exigem tempo e compromisso, que demandam continuidade e perseverança.

Dai surge a nossa pergunta pouco otimista para um final de tese: Pode a educação sexual esperar mais?

BIBLIOGRAFIA

- ADAMO, F. (Coord.). Trabalho, Saúde e Educação, Uma Proposta Para a Formação dos Jovens. Campinas, Unicamp, 1985.
- ADORNO, T.W. & HORKHEIMER, M. Lições de Sociologia. s.l., s.e., s.d., p. 137.
- Temas Básicos de Sociologia. São Paulo, Cultrix, s.d. Original alemão 1956.
- ALMEIDA, L.M. de et alli. A educação na América Latina: continente em vias de desenvolvimento. São Paulo, Almed, 1981.
- ANDRE, M.E.D. de. A Abordagem Etnográfica - Uma Nova Perspectiva na Avaliação Educacional. In, Tecnologia Educacional, 1978. 7(24):9-12.
- ANDRE, M.E.D. & LUDKE, M. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo, Editora Pedagógica Universitária, 1986.
- ANDRY, C.A. & SCHEEP, S. De onde vêm os bebês? São Paulo, Editora José Olímpio, 1979.
- APPLE, M.W. É impossível entender a escola sem uma teoria da divisão sexual do trabalho. In, Educação & Realidade. Porto Alegre, Julho-Dezembro 1986. 11(2):57-68
- ARIES, P. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- ARMANELLI, W. Sexualidade Infantil, Nem Drama, Nem Comédia. Belo Horizonte, Editora I.A., 1967.
- ARATANGY, L.R. O Sexo É Um Sucesso. São Paulo, Editora Ática, 1989.
- AROUCA, L.S.; DESTRO, M.R. Hermenêutica e Histórias de Vida: Tentativa de Estabelecer os Fundamentos Filosóficos. In, Revista da Universidade São Francisco, Bragança Paulista, 1987. v. 5, n. 9, p. 83-89.
- ASOCIACIÓN DEMOGRÁFICA CATARINENSE Y INSTITUTO LATINOAMERICANO DE PEDAGOGIA DE LA COMUNICACIÓN. Quatro Años de Experiencia con una educación participativa para la sexualidade. San José, Costa Rica, 1985.

- BADINTER, E. Um Amor Conquistado: O mito do amor materno. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984.
- Um é o Outro. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1986.
- BARDWICK, J.M. Psychology of Women - A Study of Bio-Cultural Conflicts. New York, Harper & Row, Publishers, 1971.
- BARREIRO, J. Educação Popular e Conscientização. Petrópolis, Vozes, 1980.
- BARROSO, C.L.M. Estereótipos Sexuais: Possíveis Contribuições da Psicologia para a Mudança. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, dezembro 1975. n. 15, p. 135-144.
- BARROSO, C. & BRUSCHINI, C. Sexualidade Infantil e Práticas Repressivas. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., dezembro 1979. n. 31, p. 86-94.
- Pesquisa sobre Educação Sexual e Democracia. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., julho 1980. n. 36, p. 89-90
- Educação Sexual: Instrumento de Democratização ou de Mais Repressão? In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., fevereiro 1981. n. 36, p. 99-110.
- Educação Sexual - Debate Aberto. Petrópolis, Vozes, 1982.
- Sexo e Juventude - Como discutir sexualidade em casa e na escola. São Paulo, Editora Brasiliense, 1985.
- Diferenças Sexuais. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., junho 1987. n. 21, p. 47-58
- et alli. Percepção de Controle e Inovação de Papéis Sexuais. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., junho 1978. n. 25, p. 53-94.
- BARTH, L. Educación para la sexualidade - una experiencia y una nueva metodologia. San José, Costa Rica. Artes Gráficas de Centroamerica, S.A., 1982.
- BASSANEEZI, C. et alli. A Mulher na Idade Média. Campinas, Editora da Unicamp, 1986.
- BATAILLE, G. O Erotismo. Porto Alegre, L&PM, 1987.
- BAYNES, K. et alli. Philosophy: End or Transformation? Massachusetts, MIT Press, 1987.

- BECCARIA, M.J. Como explicá-lo aos nossos filhos? Iniciação dos pequeninos nos mistérios da vida. São Paulo, Paulinas, 1979.
- BELL, R. Changing Bodies, Changing Lives - A Book for Teens on Sex and Relationships. New York, Random House, 1980.
- BERNARDI, M. A deseducação sexual. São Paulo, Summus Editorial, 1977.
- BERQUIÓ, E. et alli. Homem-Mulher: Crises e Conquistas. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1987.
- Textos NEP06 - Sobre o Declínio da Fecundidade Humana e a Anticoncepção em São Paulo (Análise Preliminar). Núcleo de Estudos da População. Unicamp, São Paulo, 1989.
- BESAG, F.P. & NELSON, J.L. The Foundations of Education: Stasis and Change. New York, Random House, 1984.
- BOSH, K.S. Changes and Choices: Human Growth and Development. A Curriculum Guide for Classroom Use - 5th and 6th Grades. Northampton, Family Planning Council of Western Mass., Inc., 1982.
- BOSTON WOMEN'S HEALTH BOOK COLLECTIVE. The New Our Bodies Ourselves. New York, Simon & Schuster, Inc., 1984.
- BROWN, L. Sex Education in the Eighties - The Challenge of Healthy Sexual Evolution. London, Plenum Press, 1981.
- BÜHLER, C. Vida Psíquica do Adolescente. 6a. ed. São Paulo, Editora Mestre Jou, 1967.
- BURT, J.J. & MEEKS, L.B. Education for Sexuality - Concept and Programs for Teaching. 3a. ed. New York, CBS College Publishing, 1985.
- CALDERONE, S. & RAMEY, J.W. Falando com seu filho sobre sexo - Perguntas e respostas para crianças, do nascimento até a puberdade. São Paulo, Summus Editorial, 1986.
- CAMPOS, M.M.M. & SPOSITO, Y.L. Relação entre Sexo da Criança e Aspirações Educacionais e Ocupacionais das Mães. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., dezembro 1975. p. 35-46
- CANEVACCI, M. Dialética da Família. São Paulo, Editora Brasiliense, 1981. p. 74-87
- CARDOSO, C. Psicologia Afectiva na Educação Sexual. Lisboa, Peres Artes Gráficas, 1986
- CHARBONNEAU, P.E. Adolescência e Liberdade. São Paulo, EPU, 1980.

- CHARBONNEAU, P.E. Educação Sexual, seus fundamentos e seus processos. São Paulo, EPU, 1980.
- CHAUCHARD, P. El Progreso Sexual. Barcelona, Editorial Fontanella, 1971.
- El Equilíbrio Sexual. Barcelona, Editorial Fontanella, 1971.
- CHAUÍ, M. Repressão Sexual, Essa Nossa (Des)Conhecida. São Paulo, Brasiliense, 1984.
- CLANCIER, P.S. Freud, Conceitos Fundamentais da Teoria Freudiana e da Psicanálise. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1977.
- COMITÉ REGIONAL DE EDUCACIÓN SEXUAL PARA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE - CRESALC. Manual para un Curso Básico de Formación para Educadores Sexuales. México, Asociación Mexicana de Educación Sexual, A.C. 1981.
- Proyecto Nos Juntamos!... Y? Una Experiencia de Educación de La Sexualidade en Parejas. Jovenes de Sectores Populares. Santiago, Chile, s.e., 1981.
- Para una Educación Sexual en Preescolar, Algunas Ideas. Bogota, Colombia, Fotolito Garcia & Hijos, 1980.
- COMSTOCK, D.E. & FOX, R. Participatory Research As Critical Theory: The North Bonneville, USA Experience. Apresentação ao Congresso Mundial de Sociologia, México, Agosto 1982.
- CONFORT, A. & CONFORT, J. The Joy of Sex, A Gourmet Guide to Love Making. New York, Simon & Schuster, 1972.
- More Joy of Sex - A Lovemaking Companion to The Joy of Sex. New York, Simon & Schuster, 1972.
- ABC do amor e do sexo. São Paulo, Abril Cultural, 1980.
- CONGER, J.J. Adolescence and Youth - Psychological Development in a Changing World. New York, Harper & Row, Publishers, 1973.
- COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS - CENP, Setor de Orientação Educacional. Sexualidade Humana, Reflexões e Proposta em Ação. São Paulo, Gráfica da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1984.
- Prá Começo de Conversa - Reflexões Sobre a Sexualidade na Infância e na Adolescência. São Paulo, Gráfica da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, 1984.
- COSTA, M. Sexualidade na Adolescência - Dilemas e Crescimento. Porto Alegre, L & PM Editores, 1986.

- CUNHA, M.C. da. Comportamento Sexual - A revolução que ficou no caminho. São Paulo, Nobel, 1988.
- CURY, C.R.J. O especialista da educação em questão. I Seminário Sobre a Formação do Orientador Educacional. Rio de Janeiro. IESAE. Fundação Getúlio Vargas. 1987.
- DELAMONT, S. Os papéis sexuais e a escola. Lisboa, Livros Horizonte, 1985. Edição original: Londres, 1980.
- DE LUCA, L. O Problema Sexual da Adolescente. São Paulo, Almed, 1980.
- DEMO, P. Avaliação Qualitativa. São Paulo, Cortex Editora, 1988
- DIAZ, M. Avaliação do Curso de Educação Sexual no Contexto de Educação em Saúde. (mimeo) Campinas, CEMICAMP, UNICAMP, 1989
- DRAGNUSKY, L. O mito do sexo. São Paulo, Proposta Editorial, 1981.
- EGYPTO, A.C. In, SUPPLY, M. Manual para Orientação de Educadores - Sexo para Adolescentes. São Paulo, FTD, 1988.
- ERIKSON, E.H. Identity & Intimacy in Psychology of Our Times. Brighton, England; Scott, Foresman and Company, 1973.
- Infância e Sociedade. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.
- FAMILY LIFE ADVISORY COMMITTEE - Proposed Objectives for Family Life Education. Fairfax County, Virginia, USA. Department of Education, 1989.
- FLANDRIN, J.L. O Sexo e o Ocidente. São Paulo, Editora Brasiliense, 1988.
- FOGEL, LANE & LIEBERT et alli. Psicologia Masculina, Novas Perspectivas Psicanalíticas. Porto Alegre, Editora Artes Médicas Sul Ltda., 1989.
- FOUCAULT, M. História da Sexualidade I - A Vontade de Saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.
- História da Sexualidade II - O Uso dos Prazeres. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.
- História da Sexualidade III - O Cuidado de Si. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985
- FRAIBERG, S.H. The magic years - Understanding and Handling the Problems of Early Childhood. New York, Charles Scribner's Sons, 1959.
- FRANK, A. O Diário de Anne Frank. 9. ed. Rio de Janeiro, Editora Record, s.d.

- FRANK, A. Contos do Esconderijo. Rio de Janeiro, Editora Record, 1982.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1971.
- Conscientização - Teoria e Prática da Libertação. Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire. São Paulo, Editora Moraes, 1980.
- Ação Cultural Para a Liberdade e Outros Escritos. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1982
- Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1983.
- & SHOR, I. Medo de Ousadia: O Cotidiano do Professor. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1987.
- FREITAG, B. & ROUANET, S.P. Habermas. São Paulo, Editora Atica, 1980.
- FRIEDAN, B. A mística feminina. Petrópolis, Vozes, 1971.
- FRIDAY, N. Minha mãe, meu modelo. Rio de Janeiro, Editora Record, 1977.
- FRY, P. & McRAE, E. O que é homossexualidade. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- FROMM, E. A arte de amar. Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.
- FUCS, G.B. A Educação Sexual e os Profissionais que Lidam com a Saúde e o Comportamento Humano. s.l., s.e., s.d.
- GAGNON & SIMON, In, CONSTANTINE, L.L. & MARTINSON, F.M. Sexualidade Infantil, Novos Conceitos, Novas Perspectivas. São Paulo, Livraria Roca Ltda., 1984.
- GAIARSA, J.A. Reich - 1980. Trabalho Corporal em Psicoterapia. Fundamentos e Técnicas. São Paulo, Agora, 1982.
- GARCIA, R.L. Alternativas Pedagógicas no Contexto Brasileiro. In, Prospectiva. Empresa Gráfica Metrôpole S.A., 1985. 2(14):3-9.
- GERVASIO, S. É natural; orientação sexual para crianças de 4 a 8 anos. São Paulo, Brasiliense, 1966. Sexo e Educação I.
- Sempre Foi Assim. Orientação sexual para crianças de 9 a 12 anos. São Paulo, Brasiliense, 1966. Sexo e Educação II.
- GREER, G. Sex & Destiny - The Politics of Human Fertility. New York, Harper Colophon Books, 1985.

- GREGERSEN, E. Práticas Sexuais, A História da Sexualidade Humana. São Paulo, Roca, 1983.
- GOLDEMBERG, M.A.A. Educação Sexual: uma proposta, um desafio. São Paulo, Edições Aruanda, 1982.
- GUIMARÃES, I.R.F. Algumas Considerações Sobre a Educação Sexual nas Escolas. (mimeo). São Paulo, Unicamp, 1985.
- Os jovens e a Informação Sexual. (mimeo). São Paulo, Unicamp, 1985.
- HABERMAS, J. Toward a Rational Society - Student Protest Science and Politics. Boston, Beacon Press, 1970.
- HALLINAN, M.T. The Social Organization of Schools - New Conceptualizations of the Learning Process. New York, Plenum Press, 1987.
- HARLEY, M. (Ed.) The Analyst and the Adolescent at Work. Toronto, Fitzhenry & Whiteside, Ltd., 1974.
- HEGELER, S. Pedro e Carolina - Uma criança pergunta sobre nascimento e sexo. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1982.
- HEIMAN, J. et alli. Descobrendo o prazer, uma proposta de crescimento sexual para a mulher. São Paulo, Summus Editorial, 1981.
- HILLIARD, M. A mulher diante da vida e do amor. São Paulo, Cultrix, 1963.
- HORNEY, K. Neurose e Desenvolvimento Humano - A Luta pela Auto-Realização. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira, 1966.
- HORER, S. La Sexualidad de Las Mujeres. Barcelona, Gedisa S.A., 1981.
- HRUSKA, J.; DUNCAN, M.; COMPTON, N. Student Pregnancy - how schools can help combat. Washington, D.C., National Education Publication, 1986.
- HUTTON, I.E. The Sex Technique in Marriage. New York, Emerson Books Inc., 1967.
- JEGHELIAN, A. Surviving Sexism: Strategies and Consequences. In, The Personnel and Guidance Journal. February 1976.
- JEHDIAN, A. Surviving Sexism. In, The Personnel and Guidance Journal. Washington, APGA Press, Feb 1976. v. 54, n. 6, p. 307-311

- JOHNSON, R.A. - We - A chave da psicologia do amor romântico. São Paulo, Ed. Mercuryo, 1987.
- - He - A chave do entendimento da psicologia masculina. São Paulo, Ed. Mercuryo, 1987.
- - She - A chave do entendimento da psicologia feminina. São Paulo, Ed. Mercuryo, 1987.
- KAHN, F. A Nossa Vida Sexual. 8. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1951.
- KILANDER, H.F. Educação Sexual nas Escolas - Preparar a vida familiar. São Paulo, Paulinas, 1984.
- KLEIN, M. Inveja e Gratidão. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1974.
- et alli. A Educação de Crianças - À Luz da Investigação Psicanalítica. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1973.
- KITZINGER, S. Women as Mothers. New York, Vintage Books, 1980.
- KNOBEL, M. Sexualidade na Adolescência (mimeo). Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Depto. Psico-Clínica, UNICAMP, s.d.
- KOSNIK, A. (Coord.) A Sexualidade Humana, Novos Rumos do Pensamento Católico Americano. Petrópolis, Vozes, 1982.
- LEITE, R.M.C. Relação entre distúrbios da menstruação e fatores emocionais na adolescência. Tese de Mestrado. Campinas, PUC, 1982.
- LIPP, M.N. Sexo para Deficientes Mentais - Sexo e excepcional dependente e não-dependente. São Paulo, Cortez Editora, 1986.
- LIVINGSTONE, D.W. & contributors. Critical Pedagogy & Cultural Power. Toronto, Canada, Garamond Press, 1987.
- LOWEN, A. Prazer, uma abordagem criativa da vida. São Paulo, Summus Editorial, 1984.
- LÜDKEN, M. & ANDRE, M.E.D. de. Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas. São Paulo, EPU, 1986.
- LUIJPEN, W. Introdução à fenomenologia existencial. São Paulo, EPU, 1973.
- MACHADO, J.C.F. Sexo com Liberdade. Belo Horizonte, Fenix, 1987
- MADARAS, L. & MADARAS, A. O que está acontecendo com meu corpo? Manual de crescimento para pais, mães e filhos (Especial para garotos). Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1985.

- MADARAS, L. & MADARAS, A. O que está acontecendo com meu corpo? Manual de crescimento para pais, mães e filhas (Especial para garotas). Rio de Janeiro, Ed. Marco Zero, 1985.
- Growing-up Guide for Girls. New York, Newmarket Press, 1986.
- MAGUIRE, P.A. Developing a Framework for Feminist Participatory Research - A Case and Assessment with Former Battered Women. In, GALLUP, New Mexico, Doctoral Thesis. (mimeo) Amherst, University of Massachusetts, 1987.
- MALDONADO, M.T. Casamento, Término e Reconstrução. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MANTEGA, G. (Org.) Sexo e Poder. São Paulo, Brasiliense, 1979.
- MARCUSE, H. Eros e a Civilização. Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- MARIN, B. Estereótipos em Relação a Papéis Sexuais na Colômbia. In Cadernos de Pesquisa. São Paulo, Fundação Carlos Chagas, dezembro 1975. N. 15, p. 3-6.
- MARTINS, W. História da Inteligência Brasileira. São Paulo, Editora Cultrix, 1976. v. I.
- MAY, R. O homem à procura de si mesmo. Petrópolis, Vozes, 1973.
- MAYLE, P. et alli. - De onde viemos? São Paulo, Mosaico, 1975
- - O que está acontecendo comigo? São Paulo, Mosaico, 1975.
- McCARTHY, B. O que você (ainda) não sabe sobre a sexualidade masculina. São Paulo, Summus Editorial, 1981.
- McCOY, K. & WIBBELSMAN, C. The Teenage Body Book. New York, Simon & Schuster, Inc., 1984.
- McKAY, J. (Ed.) La Fecundidad Entre Los Adolescentes: Informe de Una Consultación Internacional. Londres, Federación Internacional de Planificación de la Familia, 1983.
- MEDINA, C.A. Informações Completas sobre Educação Sexual. Guia para pais e mestres. Rio de Janeiro, Editora Globo, 1969.
- MELLO, G.N. de. Os Estereótipos Sexuais na Escola. In, Cadernos de Pesquisa. São Paulo, F.C.C., dezembro 1975. n.15, p.141-144
- MELLO, L.G. de. Antropologia Cultural - Iniciação, Teoria e Temas. Petrópolis, Vozes, 1986.
- MELTZER, D. Os Estados Sexuais da Mente. Rio de Janeiro, Imago Editora Ltda., 1979.

- MERLEAU-PONTY, M. A estrutura do comportamento. Belo Horizonte, Interlivros, 1975.
- MESSICK et alli. Currículo: Análise e Debate. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.
- MICHEL, A. Não aos Estereótipos: Vencer o Sexismo nos Livros para Crianças e nos Manuais Escolares. Propriedade Tradutora da UNESCO e CONSELHO ESTADUAL DA CONDIÇÃO FEMININA DO ESTADO DE SÃO PAULO. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. 1989.
- MILLER, J.B. Toward a new psychology of women. Boston, Beacon Press, 1976.
- MITCHELL, J. Mulheres: A Revolução Mais Longa. In, Revista Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, julho 1967.
- Psicanálise e Feminismo: Freud, Reich, Langea, Musher. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- MITSCHERLICH, A. A Cidade do Futuro. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1972.
- MONCHAU, M.C. Nenê Ano Zero - A Educação Sexual das Crianças. São Paulo, Paulinas, 1970.
- A Verdade Sobre o Amor - Educação Sexual dos 12 aos 15 anos. São Paulo, Paulinas, 1978.
- A Verdade Sobre os Bebês - Educação Sexual dos 6 aos 12 anos. São Paulo, Paulinas, 1979.
- MORAIS, C.G.A. Vida de Casada. Campinas, Papyrus, 1986.
- MOREIRA ALVES, B. et alli Sexualidade e Desconhecimento - A Negação do Saber. In, Vivência, História, Sexualidade e Imagens Femininas. Org. BRUSCHINI & LOSEMBERG. São Paulo, Brasiliense, 1980.
- MURARO, R.M. Sexualidade da Mulher Brasileira, Corpo e Classe Social no Brasil. Petrópolis, Vozes, 1983.
- Sexualidade, Libertação e Fé. Petrópolis, Vozes, 1985.
- NATIONAL SWEDISH BOARD OF EDUCATION. Instructions concerning interpersonal relations. Stockholm, Liber Tryck, 1982.
- NULL, G.S. & KAHN, E. La Salud y La Sexualidade. Buenos Aires, Ediciones Lidium, 1979.
- NUNES, C.A. Desvendando a Sexualidade. Campinas, Papyrus, 1987.
- OLIVEIRA, M.W. O Adolescente e o Sexo. São Carlos, UFSCAR, 1985

- OLIVEIRA, R.D. et alli. *Mulher, Sexo no Feminino - Maria-Sem-Vergonha de Ser Mulher.* São Paulo, Brasiliense. s.d., 2 v.
- *Oh, Linda Imagem de Mulher! - Maria-Sem-Vergonha de Ser Mulher.* São Paulo, Brasiliense. s.d., 2 v.
- ORTH, E. *A educação sexual da criança.* Petrópolis, Vozes, 1980.
- PATTON, M. Q. *Qualitative Evaluation Methods.* London, Sage Publications, 1980.
- PENA, M.V.J. *As Moças de José de Alencar.* In, *Revista Ciência Hoje.* S.B.P.C., dezembro 1988. n. 49, v. 9
- PEREZ LABORDE, E. *Corpo-A-Corpo Pela Vida.* In, *Revista Humanidades,* Brasília, Editora Universidade de Brasília, 1988. Ano V, n. 19, p. 65-72.
- PESSOA, F. *O Eu Profundo e os Outros Eus.* Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1980.
- PIMENTEL, M.G. & SIGRIST, A.C. *Orientação Educacional.* São Paulo, Pioneira, 1976.
- PINNEL, A. *Reunião para aprofundamento do tema Identidade Sexual* São Paulo, Clínica Tiba, 24/09/88. Anotações pessoais.
- POSTER, M. *Teoria Crítica da Família.* Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- QUEIROZ, V.F. *O bebê vai nascer, A cegonha desabafa.* São Paulo, Editora Mestre Jou, 1969.
- RAIÇA, D. & FERNANDEZ, S.A. *A adolescente e o sexo.* São Paulo, Edicon, 1985.
- RAPPAPORT, C.R. et alli. *Psicologia do Desenvolvimento - Teorias do Desenvolvimento - Conceitos Fundamentais.* São Paulo, Editora Pedagógica e Universitária, 1981. v. 1
- *A Infância Inicial: O Bebê e Sua Mãe.* São Paulo, EPU, 1981. v. 2
- *A Idade Pré-Escolar.* São Paulo, EPU, 1981. v. 3
- *A Idade Escolar e a Adolescência.* São Paulo, EPU, 1981-1982. v. 4
- RATNER, M. & CHAMBLIN, S. *Sexuality Education for Parents and Kids 4-7.* New York, Penguin Books, 1987.
- REASON, P. & ROWAN. *Human Inquiry. A Sourcebook of New Paradigm Research.* 2a. ed. London, John Wiley & Sons Ltd., 1985.

- REED, E. *Sexo Contra Sexo ou Classe Contra Classe*. São Paulo, Proposta/Versus Ltda., 1980.
- REICH, W. *A Revolução Sexual*. 8a. ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1983.
- REICH, W. & ALZON, C. *Casamento Indissolúvel ou Relação Sexual Duradoura?* São Paulo, Livraria Martins Fontes, 1972.
- RIBEIRO, M. *Psicologia de Massa do Fascismo*. Porto, Escorpião, 1974.
- *Mamãe, como eu nasci?* Rio de Janeiro, Espaço e Tempo Editora, 1988.
- RINALDI, M. *Sabe como foi?* São Paulo, Almed, 1984.
- ROCKWELL, E. & EZPELETA, J. *Pesquisa Participante*. Cortez Editora, São Paulo, 1986.
- RONEY, A.M. *TA and Sex Stereotypes*. In, *The Personnel and Guidance Journal*. Washington, APGA Press, November 1975. v. 54 p. 165-173.
- ROSEMBERG, F. *A Escola e as Diferenças Sexuais*. In, *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, F.C.C., dezembro 1975. n. 15, p. 78-85
- *Educação Sexual na Escola*. In, *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, F.C.C., maio 1985. (53):11/19.
- ROUANET, S.P. *Teoria Crítica e Psicanálise*. Rio de Janeiro, Edições Tempo Brasileiro, 1986.
- RUBIN, I. & KIRKENDALL, L. *Sexo e Adolescência, Novas Orientações para o Ensino da Juventude*. São Paulo, Cultrix, 1970.
- SALINGER, J.D. *O apanhador no campo de centeio*. Rio de Janeiro, Editora do Autor, 1969
- SAMARA, E.M. *Casamento e Papéis Familiares em São Paulo no Século XIX*. In, *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, F.C.C., maio 1981. n. 37, p. 17-25.
- SLATER, P. *Origens e Significado da Escola de Frankfurt - Uma perspectiva marxista*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- SCHWEINITZ, K. *Growing-up - How we become alive, are born and grow*. New York, Collier Books, 1974.
- SHEENY, G. *Passagens, crises previsíveis da vida adulta*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1979.
- SILVA, M. O. da Silva e. *Refletindo a pesquisa participante*. São Paulo, Cortez & Moraes, 1986.

- SLAFF, J.I. & BRUBAKER, J.K. AIDS, A Epidemia. São Paulo, Editora Abril, 1985.
- STAM, R. Bakhtin e o cinema - Erotismo. São Paulo, Folhetim - Suplemento da Folha de São Paulo, 12/02/1988.
- SUPLICY, M. Conversando sobre sexo. Petrópolis, Vozes, 1983.
- Avanços e Recuos da Educação Sexual no Brasil. (mimeo). VI Congresso de Sexologia, São Paulo, 1988.
- Sexo para Adolescentes. São Paulo, FTD, 1988.
- Sexo para Adolescentes (Manual de Orientação para Educadores). São Paulo, FTD, s.d.
- THIOLLENT, M.J.M. Aspectos Qualitativos da Metodologia de Pesquisa com Objetivos de Descrição, Avaliação e Reconstrução. In, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, F.C.C., maio 1984. n. 49, p. 45-50.
- Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo, Cortez Editora, 1988.
- TIBA, I. Puberdade e Adolescência - Desenvolvimento Biopsicosocial. São Paulo, Editora Agora, 1985.
- Sexo e Adolescência. São Paulo, Editora Agora. s.d.
- TOCKUS, R.B. Sexualidade nos Dias de Hoje, o sexo sem preconceitos. São Paulo, Ed. Agora Ltda., 1986.
- TRAVIS, C. & WADE, C. The Longest War, Sex Differences in Perspective. Washington D.C., Harcourt Brace Jovanovich Publishers, 1984.
- TUCKER, P. & MONEY, J. Os papéis sexuais. São Paulo, Brasiliense, 1981.
- VASCONCELOS, N. Os Dogmatismos Sexuais. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1971.
- VASQUEZ, A.S. Filosofia da Praxis. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- VERARDO, M.T.V. A Sexualidade Educada - Nota Crítica sobre Pressupostos e Projetos Empíricos. Tese de Mestrado. Campinas, SP. Faculdade de Educação, UNICAMP, 1989.
- VITTIELO, N. et alli. Adolescência Hoje. São Paulo, Livraria Roca Ltda., 1988.
- WATTLETON, F. & KEIFFER, E. How to Talk With Your Child About Sexuality. New York, Doubleday & Company, 1986.

- WEREBE, M.J.G. Implantação da Educação Sexual no Brasil. In, Cadernos de Pesquisa, São Paulo, F.C.C., setembro 1978. n. 26, p. 21-27.
- WERNER, D. & BOWER, B. Helping Health Workers Learn - A book of methods, aids and ideas for instructors at the village level. Palo Alto, Hesperian Foundation, 1986.
- WILSON, S. The Use of Ethnographic Techniques in Educational Research. In, Review of Educational Research, Chicago, Winter, 1977. 47(1):245-265.
- WESTHEIMER, R. Sexo, Para Uma Vida Melhor. São Paulo, Editora Abril, 1987.
- WINDER, C.R. Pornografia e Sexualidade no Brasil. Porto Alegre, Mercado Aberto Editora, 1983.
- WOLCOTT, H. Criteria for an Ethnographic Approach to Research in Schools. In, Human Organization. Oregon, Summer 1975. n. 34

ANEXO I

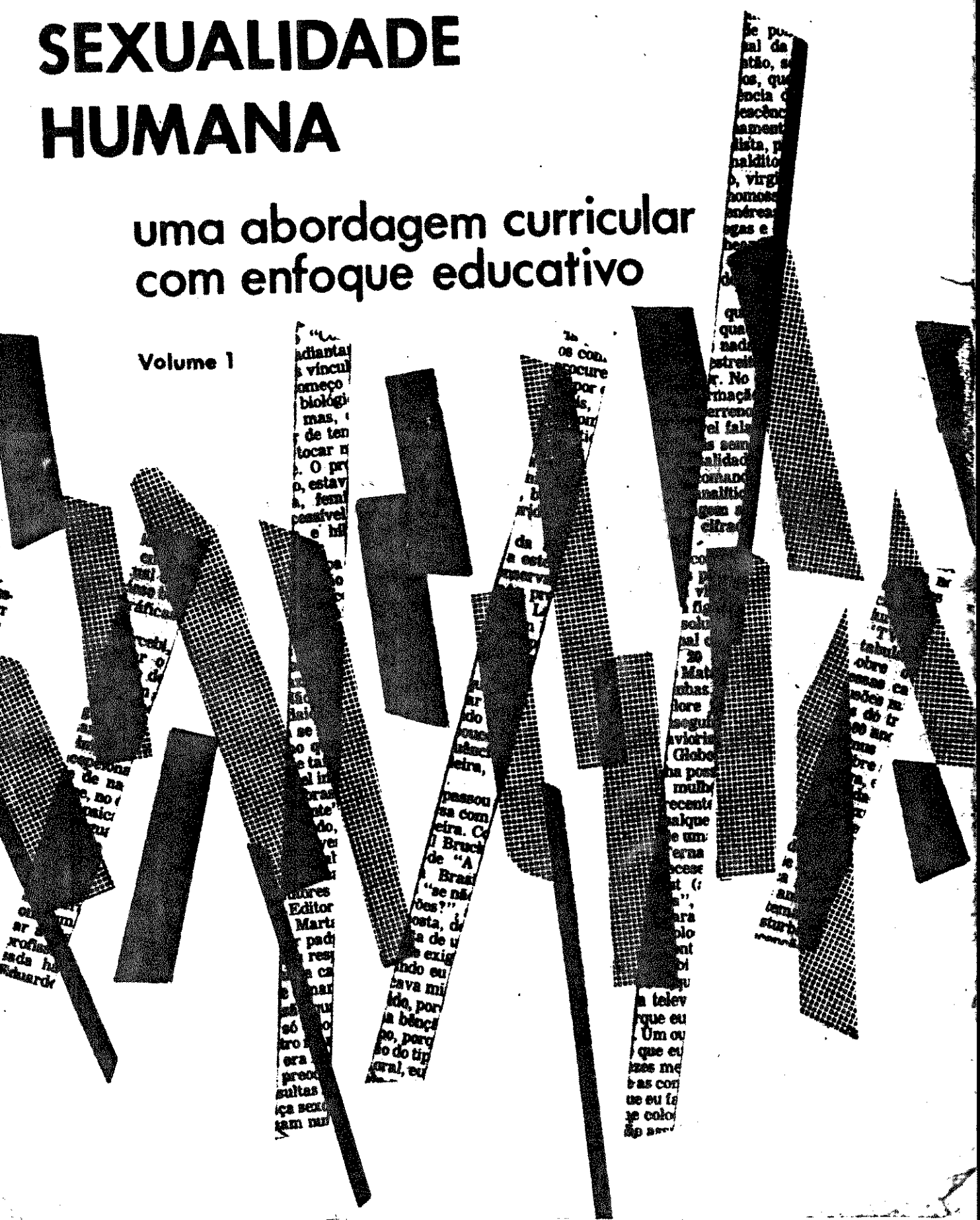
PROJETO CENP - SEXUALIDADE HUMANA:
UMA ABORDAGEM CURRICULAR COM ENFOQUE EDUCATIVO

GOVERNO DEMOCRÁTICO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO-SÃO PAULO
COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS

SEXUALIDADE HUMANA

uma abordagem curricular
com enfoque educativo

Volume 1





GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS

SEXUALIDADE HUMANA:

Uma abordagem curricular com enfoque educativo

Equipe Responsável:

Mariliza Giometti Teixeira

Mary Shirai Camargo

Renata Noely Barbuy Melchior (Coord.)

Ilustração:

Kumiko Uehara

Capa:

Arnaldo Bentivenha

SÃO PAULO

1984

CENP 248/84

© Publicação amparada pela Lei nº 5.988, de 14 de dezembro de 1973.

Projeto: Programas de Saúde: Aspectos do crescimento e desenvolvimento humano relativos à sexualidade.

Distribuição gratuita

S241s SÃO PAULO (Estado) Secretaria de Educação.
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana; uma abordagem curricular com enfoque educativo. São Paulo, SE/CENP, 1984. v.1

1. Educação sexual - Currículo I.Título.

CENP 248/84



CDU 613.88:371.88

Serviço de Documentação e Publicações - CENP

Impresso: República Federativa do Brasil

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO - SÃO PAULO
COORDENADORIA DE ESTUDOS E NORMAS PEDAGÓGICAS
Rua João Ramalho, 1546
05008 - São Paulo - SP
Telefone: 864-5700

SUMÁRIO

	pág.
APRESENTAÇÃO:	03
INFORMAÇÕES GERAIS	04
1 INTRODUÇÃO - HISTÓRICO E JUSTIFICATIVA	09
2 O PROJETO: PROGRAMAS DE SAÚDE - ASPECTOS DO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO RELATIVOS À SEXUALIDADE.....	15
2.1 O Projeto: DESCRIÇÃO	15
2.2 O Projeto: PREPARAÇÃO PARA EXECUÇÃO	21
2.3 O Projeto: EXECUÇÃO NAS ESCOLAS	39
2.4 O Projeto: ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO.....	43
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
4 ANEXOS	53
ANEXO 01 - Questionário Informativo dos Participantes	55
ANEXO 02 - Questionário de Conhecimentos	57
ANEXO 02 - Questionário de Atitudes dos Participantes	59
ANEXO 03 - Questionário de Avaliação da reunião de sensibilização	60
ANEXO 04 - Questionário de avaliação dos temas apresentados no treinamento	61
ANEXO 05 - Questionário de avaliação do treinamento	62
ANEXO 06 - Questionário Informativo - Alunos	66
ANEXO 07 - Pré e Pós-teste para alunos - 1º grau	72
Pré e Pós-teste para alunos - 2º grau	75
ANEXO 08 - Questionário de avaliação por unidade	78
ANEXO 09 - Questionário de avaliação final por alunos	82
ANEXO 10 - Questionário de avaliação final para pais	85
ANEXO 11 - Questionário de avaliação final para professores...	88
ANEXO 12 - Questionário de avaliação final para orientadores educacionais	94
ANEXO 13 - Questionário de avaliação final para diretores.....	99
ANEXO 14 - Levantamento de temas para o treinamento	102
ANEXO 15 - A Adolescência	106
ANEXO 16 - Meu relacionamento com a juventude	114
ANEXO 17 - Listagem dos principais aspectos da puberdade e adolescência e os comportamentos a eles relacionados..	117
ANEXO 18 - Descrição da técnica utilizada para estudo do tema "Adolescência"	119
ANEXO 19 - Roteiro de planejamento	121
ANEXO 20 - Diferenciação do aparelho reprodutor	123
Tipos de herança ligadas aos cromossomos sexuais humanos	128
ANEXO 21 - Referência Bibliográfica	139
ANEXO 22 - Relação de entidades fornecedoras de Recursos Didáticos.....	141

	pág.
ANEXO 23 - Identificação dos papéis sociais do homem e da mulher..	143
ANEXO 24 - É homem ou não é? A socialização dos papéis sexuais....	146
ANEXO 25 - Relações heterossexuais: Situação de namoro	151
ANEXO 26 - Pesquisa analisa evolução do conceito de família	157
ANEXO 27 - Maturidade e Imaturidade	160
ANEXO 28 - Risco Gravídico	168
ANEXO 29 - Roteiro de Planejamento	176
ANEXO 30 - Roteiro para reunião com pais	180
ANEXO 31 - Roteiro para reunião de acompanhamento do projeto com os professores	181
ANEXO 32 - Relação das perguntas colhidas na "Caixinha de Pergun- tas.....	183
ANEXO 33 - Esquema do Plano de Avaliação	195

INTRODUÇÃO - HISTÓRICO - JUSTIFICATIVA.

A temática da Educação Sexual tem recebido, nos últimos anos, grande destaque devido a um conjunto de fatores, entre os quais podemos citar a mudança de valores, a liberação do comportamento sexual tanto da mulher quanto dos jovens, a influência dos meios de comunicação de massa, a realização de congressos, seminários sobre o assunto, etc.

Esse destaque não é apenas um modismo, mas retrata também novas necessidades surgidas na sociedade. Tendo em vista esse novo momento e as diversas solicitações dirigidas à Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas da Secretaria de Estado da Educação, o Serviço de Orientação Educacional da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas propôs, em 1980, atividades de estudo e preparação da equipe técnica para o equacionamento do problema e apresentação de possíveis soluções.

Esse estudo inicial foi realizado pelo Serviço de Orientação Educacional que contou com a colaboração e participação da Divisão de Currículo da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas e do Departamento de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo**. Seu objetivo era preparar as equipes do Serviço de Orientação Educacional e da Divisão de Currículo, por meio de levantamentos bibliográficos e leitura de textos, estudo e análise de material audiovisual, contatos com entidades e especialistas, para analisar a viabilidade de um projeto referente à Educação Sexual nas escolas da rede estadual de ensino.

A metodologia utilizada, na etapa inicial do estudo, visava garantir a participação e a representatividade dos responsáveis pela ação, tendo em vista assegurar a adequação da solução sugerida pelo estudo. Com tal objetivo foram desenvolvidas as duas primeiras fases do "Modelo de Planejamento de Programa" (PPM), pro -

(*) Equipe de Ciências do Serviço de Ensino do 1º Grau e Equipe de Biologia do Serviço de Ensino do 2º Grau da Divisão de Currículo.

(**) Nesse estudo, a Faculdade de Saúde Pública/ USP foi representada pela Profª Drª Nelly Candeias, que já havia realizado um levantamento de necessidades e prioridades educativas de alunos da 5ª e 6ª séries, de seus pais e professores, numa escola da rede estadual e que apontou como problema prioritário dos alunos a necessidade de informação sexual.

posto por André L. Delbecq e André W. H. Van de Ven¹. Tal metodologia procura envolver os diferentes grupos de pessoas responsáveis pelo desenvolvimento de um programa em suas sucessivas fases. A sequência de envolvimento dos grupos fundamenta-se em estudos de planejamento comunitário e de tomada de decisão; a dinâmica de grupo proposta baseia-se na teoria contemporânea de pequenos grupos. O modelo constitui um processo ordenado de estruturar a tomada de decisão dividido em cinco fases:

- exploração do problema
- exploração do conhecimento
- desenvolvimento de prioridades
- desenvolvimento de programa
- programa de avaliação

A primeira fase - exploração do problema - compreende uma reunião para discussão dos problemas individuais e comuns a fim de obter uma compreensão melhor do tema em seus aspectos organizacionais (estrutura, qualidade de serviços, funcionamento, custos, etc) e em seus aspectos emocionais (ansiedade, medo e outros sentimentos). Nesta fase não há preocupação com a exploração de soluções, apenas com a exploração do problema e, a fim de facilitar a criatividade e a inovação, é usado, num primeiro momento, o grupo nominal (os indivíduos trabalham uns ao lado dos outros, porém sem interagir). O resultado desta fase é a definição dos problemas prioritários que deverão ser atendidos pelo programa a ser elaborado.

Na reunião realizada foram formados grupos com representantes voluntários de Diretores de Escola, de Professores de Ciências e Biologia, de Professores de Educação Moral e Cívica, de Orientadores Educacionais, de Coordenadores Pedagógicos e de Pais. Esses grupos apontaram como problemas prioritários:

- no aspecto organizacional: o programa de Educação Sexual: conteúdo, adequação à faixa etária e diferenças individuais, recursos humanos e materiais;
- no aspecto emocional: tabus e preconceitos de todo pessoal envolvido (pais, professores, funcionários, alunos).

O levantamento de alternativas de solução para a primeira prioridade, tanto de ordem organizacional como de ordem emocional, foi feito na segunda fase do modelo - exploração do conhecimento - com a participação de representantes dos grupos da pri-

(1) Journal of Applied Behavioral Science, 7(4)1971.

meira reunião, escolhidos seus pares, e de técnicos e especialistas da organização responsável pelo programa (CENP) e de outras instituições. O processo usado nesta fase é semelhante ao da anterior. Os participantes * deveriam indicar os componentes essenciais de um programa e respectivos recursos, visando a uma solução adequada para os problemas prioritários. Todos os participantes concordaram que à Escola cabe também uma responsabilidade na Educação Sexual dos alunos, mas reconheceram que as condições de funcionamento da rede estadual são complexas exigindo, portanto, soluções alternativas e criativas.

A partir da análise dos dados coletados nessas duas primeiras fases do PPM e dos estudos feitos pela Equipe responsável, destacaram-se os seguintes pontos:

- a Lei 5.692/71 propõe a educação como um processo global que visa a formação integral do educando, devendo incluir, portanto, a educação sexual;
- o tema está associado a diferentes valores e a tabus polêmicos na sociedade em geral, sobretudo na escola;
- a forte influência dos meios de comunicação social pode interferir na ação educativa realizada pela escola;
- há pouca divulgação de experiências sistematizadas nesse campo que fundamentem uma atuação;
- há falta de consenso sobre a forma de atuação em virtude da complexidade do assunto;
- há falta de pessoal técnico especializado nas Escolas Estaduais;
- há falta de definição e de preparação de pessoal a ser envolvido numa programação de Orientação Sexual;
- já existem, nas escolas de 1º grau da rede oficial de ensino dentro da programação de Programas de Saúde, tópicos sobre Informação Sexual, e consenso de que a abordagem da parte científica deveria ocorrer em um trabalho integrado dos professores dessa disciplina e orientadores educacionais;
- a rede de escolas estaduais é muito extensa e sua clientela muito diversificada;

(*) Para essa reunião foram convidados técnicos e especialistas com experiência na área de Educação Sexual (compareceram representantes da Escola de Pais, Cruz Vermelha, Fundação Carlos Chagas, Secretaria de Educação da Prefeitura de São Paulo e Faculdade de Saúde Pública), além de representantes de vários órgãos da S.E. (Coordenadoria de Ensino da Grande São Paulo e do Interior, Departamento de Assistência ao Escolar e Departamento de Recursos Humanos).

- há necessidade de elaborar subsídios e recursos didáticos para uma atuação eficiente;
- há necessidade de sensibilizar e envolver a família, pois ela desempenha tarefa fundamental, especialmente no que diz respeito ao posicionamento do educando em termos de moral sexual; a preocupação da escola com a educação sexual não exime a família (ou o grupo familiar) de sua responsabilidade nessa tarefa educativa.

Levando-se em consideração esses pontos, decidiu-se realizar um projeto piloto, a partir das condições existentes na rede de ensino, de modo que não houvesse necessidade de alterações que inviabilizariam a sua realização. Assim, pensou-se no aproveitamento do componente curricular Programas de Saúde por três motivos.

Primeiro porque, pelos dados do estudo realizado, a programação deveria estar incluída no quadro curricular e não ser uma programação especial fora do horário das aulas. Isso lhe daria um caráter artificial e poderia não atingir todos os alunos.

Segundo porque esse conteúdo curricular possibilita e facilita o desenvolvimento de uma programação na área de informação sexual. Seriam envolvidos diretamente no programa os professores de Ciências e Programas de Saúde do 1º Grau, os de Programas de Saúde do 2º Grau e os orientadores educacionais. Havia necessidade, no entanto, de um ajustamento no 1º Grau, uma vez que a equipe responsável pelo estudo considerava importante que a programação fosse desenvolvida a partir da 5ª série, enquanto o guia curricular de Programas de Saúde do 1º Grau prevê o seu desenvolvimento apenas na 8ª série. O ponto de vista desse grupo encontra apoio na literatura que considera que o momento mais adequado para se darem informações mais sistemáticas é quando as crianças estão entrando na puberdade, o que aumenta sua curiosidade em relação ao assunto. Por outro lado, nesse período, estão em condições de trabalhar as informações mais objetivamente. Pressupõe-se que, já estando de posse das informações, no momento em que a problemática da adolescência se acentua, poderão enfrentar melhor as situações de vida. No 2º grau, não houve necessidade de alterações programáticas, porque o conteúdo de Programas de Saúde previsto para a 2ª série favorece o desenvolvimento do assunto.

O terceiro motivo que levou a escolher o componente curricular Programas de Saúde, foi porque consta do currículo das diferentes modalidades de 2º Grau, oferecidas pelas escolas

da rede estadual de ensino^{*1} e, portanto, tem possibilidade de atingir a todos os alunos do 2º grau.

Com base em todos esses dados, foi elaborado o projeto para desenvolver na escola uma programação de informação sobre sexualidade.

(*) Essas modalidades são: Habilitação Plena, Habilitação Parcial e Formação Profissionalizante Básica (Setor Primário, Setor Secundário e Setor Terciário).



2 O PROJETO: PROGRAMAS DE SAÚDE - ASPECTOS DO CRESCIMENTO E DESENVOLVIMENTO HUMANO RELATIVOS À SEXUALIDADE.

2.1 O Projeto: DESCRIÇÃO

2.1.1 Justificativa:

O projeto foi elaborado para ser executado em 1981, como resultante das seguintes considerações:

- os dados do estudo sobre Educação Sexual nas Escolas Oficiais do Estado de São Paulo, realizado em 1980 pelo Serviço de Orientação Educacional/ Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, mostraram a necessidade de se oferecer informação sexual nas escolas;
- os dados do mesmo estudo sugeriram que a forma mais adequada seria a inclusão da programação no currículo da escola;
- o componente curricular Programas de Saúde inclui temas relativos ao crescimento e desenvolvimento humano que se relacionam com a sexualidade;
- a necessidade de fornecer subsídios aos professores desse componente curricular para o desenvolvimento desses temas;
- as solicitações feitas por esses professores e orientadores educacionais;
- a necessidade de o aluno compreender o seu desenvolvimento e identidade sexual por meio de informações corretas;
- a necessidade de se realizar uma experiência piloto, que depois de avaliada possibilitaria alternativas de solução para estender a experiência a outras escolas.

2.1.2 Objetivos:

O projeto foi elaborado tendo em vista os seguintes objetivos:

Objetivos Gerais:

- Orientar os professores de Ciências e Programas de Saúde e os Orientadores Educacionais no desenvolvimento de um programa de informação sexual.
- Acompanhar e avaliar os programas de informação sexual a serem desenvolvidos nas unidades escolares escolhidas.

Objetivos Específicos

- Em relação a professores
Propiciar condições para que o professor:
 - Amplie seus conhecimentos sobre o desenvolvimento psicosssexual humano, tendo em vista a execução de um programa de informação sexual junto a alunos.
- Em relação a orientadores educacionais
Propiciar condições para que o orientador educacional:
 - assessore o professor no conhecimento do desenvolvimento psicosssexual do aluno;
 - reflita com o aluno sobre o sexo enquanto dimensão do relacionamento humano, a partir das informações dadas pelo professor;
 - detecte os problemas mais sérios de alunos e encaminhe a especialistas, quando necessário.
- Em relação a pais
Informar os pais sobre os objetivos do projeto.
- Em relação a alunos (por meio da atuação dos professores e dos orientadores educacionais)
Propiciar condições para que os alunos:
 - conheçam aspectos do crescimento e desenvolvimento humano relativos à sexualidade;
 - desenvolvam atitudes de responsabilidade em relação a si mesmos e em relação ao outro, quanto à sexualidade;
 - reflitam sobre o sexo enquanto dimensão do relacionamento humano.

Esses objetivos serviram para nortear o desenvolvimento de uma experiência inicial, realizada em apenas seis escolas, e que contou com participantes voluntários, alguns envolvidos desde a fase de estudos. A esse grupo caberia construir uma experiência que iria se definindo no fazer, e, portanto, da qual todos participariam. Constituir-se-ia num grupo de trabalho responsável pelo planejamento e pela execução, embora desempenhando funções diferentes.

Esse trabalho participativo, em que o acompanhamento e a avaliação contínua são fundamentais, foi estruturado nas seguintes etapas básicas:

- sensibilização - que constou de uma reunião para fornecimento de informações gerais e discussão para obtenção de um consenso quanto a conceituações, objetivos da educação sexual e diretrizes do

- projeto;
- treinamento de professores e orientadores educacionais e planejamento do programa;
- acompanhamento da execução do projeto na escola por meio de:
 - . reunião geral para troca de experiências e replanejamento;
 - . visita à escola, pelo pessoal da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, para apoio explícito ao projeto e possível orientação, caso necessária;
 - . consultas feitas pelo pessoal das Escolas à equipe central;
- avaliação final, que constou de uma reunião e aplicação de questionário.

Para a avaliação do projeto foi elaborado um plano que procurou ser bastante abrangente, incluindo o levantamento, o processamento e a análise de dados sobre vários aspectos, nas várias etapas do trabalho desenvolvido. Esse plano foi esquematizado da seguinte forma:

- etapa de Sensibilização:
 - . caracterização do pessoal envolvido no projeto: diretores, orientadores educacionais e professores (questionários - anexos 1 e 2);
 - . eficiência e eficácia da reunião (questionário - anexo 3);
- etapa do Treinamento:
 - . eficácia e eficiência de cada unidade apresentada (questionário - anexo 4);
 - . eficiência do treinamento (questionário - anexo 5);
- etapa de Execução:
 - . caracterização da clientela (questionário informativo - anexo 6);
 - . eficácia e eficiência do programa desenvolvido na escola (pré e pós-teste para alunos - anexo 7);
 - . adequação e desenvolvimento de cada unidade (questionário - anexo 8);
- etapa da Avaliação Final:
 - . eficácia e eficiência do projeto : a) questionário de avaliação final para alunos, pais, professores, orientador educacional, diretores - anexos 9, 10, 11, 12, 13; b) técnica de dinâmica de grupo).

2.1.3 Conceituação da Educação Sexual

Nesta experiência, procurou-se evitar a dicotomia que poderia ocorrer quando um grupo só planeja (órgãos centrais) e outro só executa (unidade escolar). Assim, durante a reunião de sensibilização, foram discutidos aspectos fundamentais para se chegar a um

consenso sobre conceitos referenciais básicos, objetivos da educação sexual e diretrizes do programa.

Dos vários conceitos existentes, os apresentados por Maria José Garcia Werebe foram tomados como referencial para uma especificação do trabalho que realizaríamos. Para a autora¹:

- "Educação Sexual, tomada no sentido amplo, compreende todas as ações diretas ou indiretas, deliberadas ou não, conscientes ou não, exercidas sobre o indivíduo (ao longo de seu desenvolvimento), que lhe permitem situar-se em relação à sexualidade em geral e a sua vida sexual em particular.
- A educação sexual, num sentido mais restrito, distingue-se da primeira, pelo seu caráter de intervenção deliberada e sistemática, com intenções que podem ser mais ou menos explicitadas..."
- "Informação sexual é correntemente utilizada para designar a comunicação de conhecimento sobre a sexualidade".

Com base nesses conceitos, discutiu-se o papel da escola no que se refere à problemática da Educação Sexual. De acordo com essa concepção, podemos afirmar que a escola, queira ou não, consciente ou inconscientemente, desempenha um papel na educação sexual, no seu conceito mais amplo. Nesse sentido, torna-se fundamental que os responsáveis pela escola, em primeiro lugar, se conscientizem desse papel e, em segundo lugar, assumam-no, definindo os limites de sua participação. É evidente que a educação sexual se processa por meio de inúmeras influências exercidas sobre as pessoas, especialmente pela família e pelos meios de comunicação de massa. Diante de toda essa influência, a escola tem um papel pequeno que pode, no entanto, ser bastante significativo e, por isso mesmo, não pode ser desprezado ou ignorado, ao contrário deve ser muito pensado e planejado. Uma das formas que a escola pode adotar, no momento, para assumir o seu papel é o desenvolvimento de uma programação de informação sexual, explorando os seus aspectos educativos.

Tendo definido que a escola participa necessariamente desse processo e que pode realizar uma programação de informação sexual, era fundamental definirmos as diretrizes que norteariam esse trabalho da escola e os objetivos que direcionariam sua ação.

2.1.4 Diretrizes:

- O desenvolvimento sexual constitui um dos

(1) WEREBE, Maria José G. A educação sexual na escola. Lisboa, Moraes Ed. 1977.

aspectos do desenvolvimento humano.

Como cabe à escola, de acordo com a Lei 5.692/71, a formação da criança e do pré-adolescente no ensino de 1º grau (Artº 17), e a formação integral do adolescente no ensino de 2º Grau (Artº 21), ela não poderá se omitir quanto a um dos aspectos do desenvolvimento humano que é a sexualidade. Ao mesmo tempo, não deverá dar a esse conteúdo um tratamento diferenciado, mas integrá-lo às demais programações, para que não se revista de um artificialismo. Para favorecer esse nosso posicionamento, decidiu-se desenvolver o projeto utilizando o componente curricular Programas de Saúde, que já prevê, em seu conteúdo, itens sobre o desenvolvimento sexual. Dessa diretriz deve decorrer, também, uma atitude de naturalidade dos educadores no tratamento das questões ligadas à sexualidade. A atitude do professor é tão importante quanto o próprio conteúdo que vai transmitir.

- Valores universais, tais como liberdade e responsabilidade, respeito ao outro e a si mesmo, igualdade social e dignidade de cada pessoa, devem nortear a atuação dos profissionais envolvidos e devem ser transmitidos aos alunos.

- A adesão pessoal a outros valores deve ser respeitada, desde que estes não se oponham aos valores universais.

O papel do professor não pode ser confundido com o de um propagandista de idéias ou doutrinador, mas com o de um animador de situações que propiciem ao aluno informações necessárias e oportunidade de discussão e reflexão. O professor deve respeitar outras posições e valores que não os seus, mesmo porque neste assunto, assim como em muitos outros, o papel da escola é complementar ao da família. Essa complementariedade é definida por uma questão de direito e de fato. De direito, porque cabe à família o pátrio poder e, assim, a orientação que quer imprimir à educação de seus filhos, que inclui a educação sexual. De fato, porque exerce sobre a criança influências que são decisivas na formação da sua personalidade. Essa complementariedade deve ser exercida pela escola de forma consciente e responsável.

- As informações científicas devem ser levadas em consideração no desenvolvimento de valores.

Nesse sentido, as informações são básicas para o aluno fundamentar também sua opção.

- O projeto nortear-se-á por uma linha preventiva e terá um caráter informativo e educativo, levando em conta os níveis de maturidade dos alunos.

Esta diretriz define o papel da escola e dos

profissionais que atuam no projeto. Esse papel, que se caracteriza por ser educativo e não terapêutico, deve ser claramente explicitado aos alunos e pais para que fiquem bem especificados os limites de atuação da escola, isto é, o que os educadores podem oferecer e o que os alunos podem esperar. É fundamental que, mesmo numa linha educativa, os professores também assumam seus limites e, quando estiverem inseguros quanto a algum assunto, encaminhem o aluno para que busque outras fontes de informação.

Outra implicação desta diretriz relaciona-se à necessidade de adequação do conteúdo aos diferentes níveis de maturidade dos alunos. Esse conteúdo deverá ser diferenciado segundo o nível de escolaridade, a série, a classe e a idade dos alunos. Disso decorre uma orientação para atuação do professor: abordar sempre o que é de interesse da maioria, dando às questões de interesse individual um tratamento também individual. Esses conteúdos devem ser transmitidos aos alunos por meio de técnicas pedagógicas adequadas aos seus níveis de desenvolvimento.

Um aspecto importante e decorrente dessa diretriz refere-se à linguagem. Cabe aos educadores compreender e aceitar com naturalidade a linguagem dos alunos, procurando levá-los progressivamente ao uso dos termos corretos. Não é necessário que o professor use a linguagem dos alunos, mas que a aceite e parta dela para que a classe aprenda a terminologia correta.

2.1.5 Objetivos da Educação Sexual a longo e a curto prazo:

Tendo em vista direcionar os trabalhos e definir metas a longo prazo, foram estabelecidos os seguintes objetivos gerais:

- promover a pessoa como valor em si mesmo; *
- favorecer o respeito à dignidade humana do homem e da mulher e o reconhecimento de seus direitos iguais na ordem política, legal, sócio-cultural, econômica, familiar e sexual; **
- esclarecer o caráter específico da sexualidade humana enquanto não só meio de reprodução, mas também de relação e enriquecimento interpessoais e, conseqüentemente, instrumento de integração e formação da personalidade; ***

(*), Esses objetivos foram adaptados dos Objetivos Gerais da Educação Sexual da UNESCO, citados no Projeto "A Educação Sexual e as Atitudes dos Jovens" da Fundação Carlos Chagas.

(**)

(***)

- integrar harmonicamente a sexualidade à vida da pessoa;*
- proporcionar informações adequadas baseadas em fatos cientificamente provados, liberados de preconceitos e tabus.*

A curto prazo foram definidos os seguintes objetivos específicos do programa de informação sexual que seria desenvolvido nas escolas:

- Propiciar condições para que os alunos:
 - . conheçam aspectos do crescimento e desenvolvimento humano relativos à sexualidade;
 - . desenvolvam atitudes de responsabilidade em relação a si mesmos e em relação ao outro quanto à sexualidade; **
 - . reflitam sobre a sexualidade enquanto dimensão do relacionamento humano.

2.2 O Projeto: PREPARAÇÃO PARA EXECUÇÃO:

2.2.1 Reuniões com representantes dos diferentes níveis do sistema do ensino

A equipe coordenadora, responsável pelo projeto, ciente da necessidade e importância de envolver os agentes de supervisão de todos os níveis do sistema, a fim de garantir e facilitar o desenvolvimento de ações na escola e o seu devido acompanhamento, realizou reuniões com o pessoal da Divisão Regional de Ensino da Capital-3 (DRECAP-3) e Delegacias de Ensino responsáveis pelas escolas envolvidas no projeto.

Foram realizadas três reuniões na DRECAP-3, com o objetivo de prestar informações sobre o projeto (histórico, diretrizes, programação a ser desenvolvida, plano de acompanhamento e de avaliação a ser utilizado) e de sensibilizar o pessoal para o acompanhamento.

Participaram da primeira reunião a Diretora Regional da DRECAP-3 e a Assistente Técnica de Orientação Educacional da Divisão Regional de Ensino; da segunda, a Diretora Regional, a Assistente Técnica de Orientação Educacional e os Delegados de Ensino; da terceira, a Assistente Técnica de Orientação Educacional, os Supervisores de Ensino e os Diretores das escolas.

2.2.2 Reunião de Sensibilização

A reunião de sensibilização foi realizada

(*) Esses objetivos foram adaptados dos Objetivos Gerais da Educação Sexual, apresentados no III Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas escolas, realizado em São Paulo, 1980.

(**) Cf. os objetivos estabelecidos no projeto em relação aos alunos (v.p. 13/14).

no início de abril, com a participação de diretores, professores e orientadores educacionais e tinha como objetivo fundamental sensibilizar os participantes para o desenvolvimento da programação prevista. Procurou-se chegar, também, a um consenso quanto a conceituações e objetivos da educação sexual e diretrizes do projeto.

Após a apresentação dos participantes, foi realizada uma atividade de grupo seguida de um painel de conclusões, com o objetivo de propiciar oportunidade de reflexão para obtenção de um consenso sobre os conceitos fundamentais. Com essa finalidade, o grupo recebeu um texto contendo os conceitos relativos à educação sexual, de Maria José G. Werebe², os objetivos gerais e as diretrizes do projeto e uma folha-tarefa norteadora da discussão. Nessa oportunidade, o grupo concluiu que os conceitos apresentados eram válidos para o projeto e correspondiam à sua maneira de pensar.

Noutra atividade desenvolvida nessa reunião, com a participação de professores e orientadores educacionais, foi feito o levantamento de temas prioritários e do nível de aprofundamento com que deveriam ser tratados no treinamento. Inicialmente cada um respondeu a um questionário (Anexo 14) em que à esquerda havia uma relação de temas e à direita três categorias (sinto-me suficientemente preparado, sinto-me parcialmente preparado e não me sinto preparado), onde o participante assinalava uma delas. A tabulação desses questionários mostrou que os professores e orientadores, de modo geral:

- sentiam-se suficientemente preparados para desenvolver temas relativos à anatomia e fisiologia humanas, cuidados de higiene, fases do desenvolvimento humano, gravidez e desenvolvimento embrionário normal;
- sentiam-se parcialmente preparados para desenvolver temas relativos a doenças sexualmente transmissíveis, parto e puerpério, relacionamento heterossexual - namoro e virgindade, papéis sociais do homem e da mulher;
- não se sentiam preparados para desenvolver temas tais como homossexualismo, aborto, masturbação, fatores que interferem na gravidez, métodos anticoncepcionais e seus aspectos legais, família e planejamento familiar.

Aproveitou-se a ocasião para colher informações dos participantes com a finalidade de caracterizar o pessoal envolvido no projeto. Para isso, foram aplicados o Questionário Infor-

(2) Opus cit. p. 18

mativo (Anexo 1) e um Questionário de Conhecimentos e de Atitudes (Anexo 2).

Os dados de caracterização indicaram que o grupo tinha em torno de 15 anos de exercício no magistério e todos os orientadores educacionais envolvidos já participaram de uma ou mais experiências em Programas de Educação Sexual com adolescentes e também de Congressos relativos ao tema. No grupo de professores, somente um tinha alguma experiência em programas nessa área e também participado de um Congresso.

O questionário de conhecimento abordava questões relativas à anatomia e fisiologia do aparelho reprodutor, causas de algumas anomalias, gravidez e parto, doenças sexualmente transmissíveis e resposta sexual humana. Os resultados desse questionário de mostraram que, de modo geral, os participantes dominavam os conteúdos. Entretanto, houve uma baixa porcentagem de acertos em algumas questões que versavam sobre fisiologia e anatomia (questão 3 - 13 % de acerto, questões 19, 21 e 23 - 27 % de acerto)*, apesar de ser este um dos temas em que, segundo suas respostas, se sentiam suficientemente preparados. O questionário de atitudes abordava questões que envolviam predominantemente opiniões e valores, como por exemplo, o significado do relacionamento sexual humano, a quem cabe a educação sexual, aborto voluntário, infidelidade e tolerância social, masturbação, homossexualismo, pornografia, virgindade e relações pré-matrimoniais. Os resultados apontaram concordância da maioria (aproximadamente 90 %) nas questões que se referiam ao relacionamento sexual humano como uma manifestação biológica que deve envolver o amor e que não tem como único objetivo a reprodução ou somente o prazer. Houve também uma concordância unânime quanto ao fato de que a educação sexual ⁱⁿcabe somente à família. Porém, notou-se grande variabilidade nas respostas às questões relativas a relações sexuais na adolescência, masturbação, aborto, homossexualismo e virgindade**.

Ao final dessa reunião, foi feita uma avaliação (Anexo 3) cujos dados revelaram que os objetivos foram plenamente atingidos. Os participantes acharam que as informações prestadas foram suficientes (100 %), a reunião despertou muito interesse (98%) e a programação foi muito boa (98 %).***

(*) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos

(**) dos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana; uma abordagem

(***) curricular com enfoque educativo. Avaliação. v.2. São Paulo, SE/CENP, 1984.

2.2.3 Treinamento:

O treinamento realizou-se em junho, durante cinco dias, com a duração de 40 horas, e teve como objetivo subsidiar professores e orientadores educacionais envolvidos no projeto. Sua programação foi baseada no levantamento das necessidades dos participantes, coletadas na Reunião de Sensibilização. Foi destinado maior número de horas aos temas em que os professores não se sentiam preparados, conforme cronograma abaixo.

C R O N O G R A M A

DIA	CONTEÚDO	TÉCNICAS	COORDENAÇÃO
01/06 08:30h	- Abertura - Sistemas básicos de valores sexuais em nossa cultura	Exposição Exposição dialogada	Renata N.B.Melchior-SOE Regina D. Vianna- DAE
09:30h	- Puberdade e Adolescência - Café	Trabalho em grupo Plenário	Mary S. Camargo Carmen Lygia M.Salomão-SGE
11:00h	- Anatomia do Aparelho Reprodutor masculino e feminino	Sugestões de técnicas para trabalho com alunos	Heloisa A.G.Ribeiro Ghisleine T.Silveira - Currículo- 2º grau
12:00h	- Almoço		
13:30h	- Reprodução Humana - Café	Sugestões de técnicas para trabalho com alunos	Yae Kimura Regina C.E.Gualtieri- Currículo- 1º grau
15:30h	- Papéis Sociais do Homem e da Mulher	Trabalho individual Trabalho em grupo Plenário	Dirce de Barros Elza E. Cardoso-SOE
02/06 08:30h	- Relacionamento heterossexual; virgindade, namoro, relações pré-conjugais, casamento e vida familiar	Trabalho em grupo Plenário	Mary S. Camargo Noemi S. Wrege - SOE
12:00h	- Almoço		
13:30h	- Higiene Sexual e doenças sexualmente transmissíveis	Projeção de slides Exposição dialogada	Dr. José Martins Barros-F.S.P.

DIA	CONTEÚDO	TÉCNICAS	COORDENAÇÃO
03/06 08:30h	- Relações familiares	Exposição dialogada Trabalho em grupo	Drª Nelly M.F. Can-deias- F.S.P.
10:00h	- Sexualidade Humana, maturidade e imaturidade - Café	Exposição dialogada Trabalho em grupo	Prof. André F. Pilon- F.S.P.
11:00h	- Risco Gravídico	Exposição dialogada Trabalho em grupo	Drª Nelly M.F. Can-deias- F.S.P.
12:00h	- Almoço		
13:30h	- Alguns fatores que interferem na gravidez e no parto - Café	Exposição dialogada Trabalho em grupo	Dr. Antônio P. Mirra- F.S.P.
15:30h	- Gravidez na adolescência	Exposição dialogada Trabalho em grupo	Profª Ana Cristina Tanaka - F.S.P.
04/06 08:30h	- Planejamento Familiar - Café	Projeção de slides Exposição	Dr. Fábio F. de Araújo -E.P. Medicina
10:30h	- Abortamento - Almoço	Exposição dialogada Trabalho em grupo	Profª Ana Cristina Tanaka- F.S.P.
13:30h	- Masturbação - Café	Trabalho individual Trabalho em grupo Plenário	Carmen Lygia M. Salomão Mariliza G. Teixeira- SOE
15:30h	- Homossexualismo	Trabalho individual Trabalho em grupo Plenário	Maria Rosa Silva- Orient. Educacional
05/06 08:30h	- Retomada de alguns aspectos abordados no Encontro	Role-playing	Prof. Sílvio D. Bock- Fund. Carlos Chagas
12:00h	- Almoço		
13:30h	- Planejamento - adequação ao 1º e 2º graus	Trabalho em grupo	Currículo e SOE
16:30h	- Avaliação	Questionário	Raif N. Peccioli S. Pesquisa
17:00h	- Encerramento	Exposição	Renata N.B. Melchior- SOE

2.2.3.1 Descrição do Treinamento:

Ao Serviço de Orientação Educacional da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas coube o desenvolvimento dos seguintes temas: Puberdade e adolescência; Papéis sociais do homem e da mulher; Relacionamento heterossexual: virgindade, namoro, relações pré-conjugais, casamento e vida familiar; e Problemas relacionados à masturbação e homossexualismo.

Os temas relacionados com o conteúdo curricular de Programas de Saúde foram desenvolvidos pelos Serviços de Ensino de 1º Grau e de Ensino de 2º Grau da Divisão de Currículo da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

Outros temas relacionados aos Programas de Saúde foram desenvolvidos pelo Departamento de Prática de Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública/ Universidade de São Paulo e por médicos e enfermeiras convidados por essa instituição.

Foi realizada também a técnica de "role - playing", dirigida por um orientador educacional da Fundação Carlos Chagas.

Ao final do treinamento, as equipes de Currículo de 1º e 2º Graus trabalharam com os professores dos respectivos graus no planejamento e adequação dos temas para o desenvolvimento da programação nas unidades escolares, levando-se em conta as características da escola e da clientela. Outros elementos da equipe coordenadora participaram dessa atividade, observando e prestando contribuição na medida do necessário.

A avaliação foi feita pelo Serviço de Estudos e Pesquisas da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, após cada tema desenvolvido e ao final do treinamento.

O treinamento* iniciou-se com a retomada dos objetivos e diretrizes do Projeto e com o objetivo do próprio treinamento.

A seguir foi feita uma exposição do tema "Sistemas básicos de valores sexuais em nossa cultura"** com o objetivo

(*) A descrição do treinamento seguirá a ordem do cronograma abrangendo os seguintes itens: nome da unidade, objetivos, desenvolvimento do tema e avaliação da equipe coordenadora do projeto. Em relação às palestras dos especialistas, o objetivo foi propiciar aos participantes o aprofundamento teórico dos temas. A avaliação dessas palestras, tanto dos participantes quanto da equipe coordenadora, será apresentada no final dessa unidade.

(**) Apresentado por Regina d'Alva Vianna, estagiária da FSP/ USP, baseado na palestra da sexóloga Maria Helena Matarazzo, apresentada no III Congresso Nacional sobre Educação Sexual nas escolas- 1980.

de favorecer a reflexão sobre os valores ligados à sexualidade e o seu posicionamento diante deles. Foram apresentados os diferentes enfoques da moral sexual, e saber: o cientificista que se interessa apenas pela anatomia e fisiologia; o racionalista que considera o sexo como expressão puramente corporal, separado dos valores do espírito; o morelista que diz "isto é certo ou errado" e o humanista que considera o sexo como meio de reprodução e como instrumento de integração e formação da personalidade. A seguir, foram apresentados os sistemas básicos de valores na cultura ocidental, definidos por Ira Reiss:

- ascetismo tradicional repressivo - considera que o sexo é negativo, sujo e pecaminoso;
- ascetismo esclarecido - considera que o sexo é positivo dentro do casamento e para a procriação;
- humanismo liberal - considera o sexo com responsabilidade, leva em conta o outro e o crescimento mútuo;
- humanismo radical - considera o sexo com necessário e indispensável;
- sexo pela sexo - considera o sexo sem amanhã, sem afeto e sem amor;
- anarquia sexual - considera que no sexo vale tudo, é o individualismo que vai às últimas consequências.

Solicitou-se aos participantes que analisassem as diferentes posições e verificassem com qual delas mais se identificavam. De modo geral, disseram que foram educados no ascetismo tradicional repressivo e se posicionavam entre o ascetismo esclarecido e o humanismo liberal.

O tema Puberdade e Adolescência * teve como objetivos:

- rever características da puberdade e adolescência;
- relacionar comportamentos de alunos com aspectos do crescimento e desenvolvimento humanos na puberdade e na adolescência;
- instrumentar os participantes na obtenção do perfil da classe quanto à problemática da adolescência;
- vivenciar uma técnica de trabalho em grupo, aplicável aos alunos.

O desenvolvimento desse tema foi feito utili-

(*) Esse tema foi desenvolvido por Carmen Lygia Mattoso Salomão e Mary Shirai Camargo do Serviço de Orientação Educacional da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

zando-se o texto "A adolescência" e várias Folhas-tarefa (Anexo 15) que solicitavam aos participantes que listassem características e comportamentos observáveis nos alunos em situações escolares e relacionados com aspectos da adolescência (por exemplo - a busca de identidade e desempenho de papéis sociais).

Inicialmente os participantes foram dispostos em círculo e receberam as Folhas-tarefa. Cada um executava a tarefa proposta e passava para um colega a Folha na forma de aviãozinho ou bilhete. As Folhas circularam entre os participantes durante alguns minutos, ficando registrados, em cada uma, diversos comportamentos e/ou características dos púberes e adolescentes. A seguir, foi feita a síntese do produto das diversas Folhas-tarefa no quadro-negro.

Foram ainda distribuídos aos participantes o texto - "Meu relacionamento com a juventude" de Thomas Gordon³ (Anexo 16), a publicação "A adolescência" do Instituto de Saúde⁴, uma listagem dos principais aspectos da puberdade e da adolescência e os comportamentos a eles relacionados (Anexo 17), a descrição da técnica utilizada e sugestões para sua aplicação em classe (Anexo 18).

Analisando o produto das diversas Folhas-tarefa, notamos que as respostas se referiam mais a características do que propriamente a comportamentos dos adolescentes. No entanto, o tempo foi insuficiente para se trabalhar mais na análise dos comportamentos dos adolescentes em sala de aula.

O tema Anatomia e Fisiologia da Reprodução Humana^{*1} teve como objetivos:

- propiciar condições para levantamento de técnicas e recursos didáticos adequados ao ensino da anatomia e fisiologia da reprodução humana;
- fornecer material de apoio ao professor.

Para o desenvolvimento desse tema foram utilizados:

- 1- roteiro de planejamento (Anexo 19)
- 2- textos:
 - sobre reprodução, diferenciação do aparelho reprodutor hu-

(3) GORDON, Thomas. Meu relacionamento com a juventude. In: Revista Programa, Petrópolis, abr. 1978.

(4) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Saúde. Coordenadoria de Serviços Técnicos Especializados. Instituto de Saúde, A adolescência; aspectos médico-sanitários e psicossociais. São Paulo, SS/CSTE, 1978. (Série D, Divisão de Saúde Materna e da Criança, 14).

(*) Esse tema foi desenvolvido por Regina Gualtieri, Yae Kimura, Heloisa A.G. Ribeiro, Ghisleine T. Silveira do Serviço de Currículo de 1º e 2º Graus da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

- manos e tipos de heranças ligadas aos cromossomos sexuais nos * (Anexo 20);
- extraídos do tratado de Fisiologia Médica de Arthur C. Guyton⁵;
 - extraídos de Sexualidad Humana Y Relaciones Personales de René Jaimes⁶;
 - extraídos das publicações do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde - Assistência pré-concepcional⁷ - Fundamentos da Assistência pré-natal⁸.

3- Bibliografia (Anexo 21)

4- Lista de locais de empréstimo ou vendas de material audiovisual (Anexo 22)

5- Coleção de diapositivos

As equipes de Currículo do 1º e do 2º Graus iniciaram as atividades com uma breve introdução do trabalho a ser efetuado e justificativa da estratégia adotada. Os participantes se dividiram em pequenos grupos e preencheram o roteiro de planejamento. Nesse roteiro estavam arrolados assuntos que comporiam o conteúdo básico a ser desenvolvido nas classes. Para cada assunto solicitavam-se sugestões de atividades, material de apoio necessário e a série em que estaria adequada a sua abordagem. Encerrando a atividade, houve um painel de apresentação e discussão dos trabalhos de cada grupo.

A seguir, foram distribuídos textos de apoio com breve comentário sobre os seus conteúdos, bem como referência bibliográfica para aprofundamento dos estudos sobre os aspectos biológicos da anatomia e fisiologia da reprodução humana.

Finalmente, foram apresentados alguns recursos didáticos auxiliares que o professor poderia usar durante as aulas: o acervo da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, um filme, modelos anatômicos e outros materiais audiovisuais. Foi entregue também uma lista de locais de empréstimo e venda de material audiovisual. Os participantes foram, também, informados de que a Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas estava elaborando uma coleção

(*) Elaborado pela equipe de Currículo da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, 1981.

(5) GUYTON, Arthur C. Tratado de fisiologia médica; função reprodutora e funções sexuais masculinas e funções sexuais e hormônios femininos. Rio de Janeiro, Interamericana, 1977.

(6) JAIMES, René. Sexualidad humana y relaciones personales. Nueva York, Federacion Internacional de Planificacion de la Familia, 1978.

(7) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Saúde. Coordenadoria de Serviços Técnicos Especializados. Instituto de Saúde. Assistência pré-concepcional; São Paulo, SE/CSTE, 1977. Public. nº 31.

Fundamentos da assistência pré-natal. São Paulo, SE/CSTE, 1971. Public. nº 12.

ção de diapositivos para uso dos professores.

O desenvolvimento do tema se processou de forma satisfatória.

O tema Papéis Sociais do Homem e da Mulher* teve como objetivos:

- analisar a influência da cultura na determinação dos papéis sociais e compreendê-los como resultantes da interação biopsicossocial;
- discutir o papel do estereótipo no relacionamento entre os sexos;
- desenvolver a consciência de que a sexualidade está intimamente ligada ao desenvolvimento da personalidade e à identidade sexual;
- refletir sobre a possibilidade de uma opção livre no desempenho dos papéis sociais, de acordo com as potencialidades e capacidades de cada um;
- possibilitar aos participantes uma auto-análise em relação aos papéis sociais.

Para o desenvolvimento desse tema, o Serviço de Orientação Educacional elaborou um material representando bonecos pedagógicos em diversas situações e desempenhando papéis sociais, intitulado "Identificação dos papéis sociais do homem e da mulher por meio de desenhos pedagógicos" (Anexo 23). Foi ainda utilizado o texto "É homem ou não é? A socialização dos papéis sexuais" de Carmen Barroso⁹ acompanhado de uma Folha-tarefa (Anexo 24).

Na primeira parte das atividades, os participantes receberam o material elaborado pelo Serviço de Orientação Educacional e tiveram como tarefa determinar os sexos dos bonecos, colocando numa folha resposta os símbolos H (homem), M (mulher) ou HM (homem ou mulher) de acordo com sua primeira impressão. Nesse exercício não havia respostas certas ou erradas. Em seguida, cada um analisou suas respostas com o objetivo de perceber em si maior ou menor estereiotipia em relação aos papéis sociais. Comentaram-se brevemente a natureza e utilidade da técnica.

Na segunda parte, foram formados subgrupos para a leitura do texto de Carmen Barroso, feita individualmente e discutida em grupo. Orientados pelas questões da Folha-tarefa, cada subgrupo relacionou suas conclusões, apresentando-as em painel.

Foi distribuído como subsídio o texto "Homem

(*) Esse tema foi desenvolvido por Dirce de Barros e Elza S. Cardoso do Serviço de Orientação Educacional/Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas.

(9) BARROSO, Carmen. É homem ou não é? A socialização dos papéis sexuais. Texto utilizado pela Fundação Carlos Chagas no Curso Educação sexual, uma abordagem psicossocial, 1979.

mulher. Por que polarizamos os sexos' de Marília Graciano ¹⁰.

As tarefas propostas permitiam atingir os objetivos, apesar de o tempo disponível ter sido insuficiente para o aprofundamento das conclusões.

O tema Relacionamento heterossexual: virgindade, namoro, relações pré-conjugais, casamento e vida familiar * teve como objetivos:

- refletir sobre o relacionamento entre os jovens e suas implicações;
- refletir sobre os valores dos professores e orientadores diante dessa temática e sua postura na discussão do assunto com os alunos;
- instrumentar os participantes para a discussão desse tema com os alunos.

Para o desenvolvimento desse tema foram elaborados seis textos extraídos de "Sexualidad Humana Y Relaciones Personales", editado por René Jaimes¹¹:

- Relacionamento entre os jovens no passado
- Relacionamento entre os jovens nos dias atuais
- Namoro como situação problema
- Extrato do texto - Participación de la escuela em la educación sexual
- Extrato do texto - El Noviazgo
- Extrato do texto - Sexo y Sociedad en Suecia

Foi ainda elaborado pelo Serviço de Orientação Educacional um caderno com várias situações de namoro entre adolescentes - "Relações heterossexuais: Situações de Namoro" (Anexo 25).

No primeiro momento das atividades, os participantes formaram duplas e cada uma recebeu um dos seis textos para ler, discutir e responder às questões colocadas em cada um deles. Em seguida, cada dupla apresentou às demais uma síntese do conteúdo do texto e as respostas às questões. Encerrou-se essa parte com comentários gerais.

O segundo momento foi desenvolvido utilizando-se o caderno "Relações heterossexuais: situações de namoro". Primeiramente, os participantes preencheram os espaços vazios de cada um

(10) GRACIANO, Marília • Homem-mulher, por que polarizamos os sexos, In: Cadernos de Pesquisas, São Paulo. Fundação Carlos Chagas, 26:93- 98, set. 1976.

(*) Esse tema foi desenvolvido por Mary S. Camargo e Noemi S. Wrege do Serviço de Orientação Educacional/ CENP.

(11) Opuscit. p. 29

dos quadros das diferentes situações de namoro. Solicitou-se, então, que escolhessem um quadro para analisarem em grupo. Feita a escolha, cada um expôs como percebeu o quadro escolhido. Essas respostas foram tabuladas e a análise do quadro foi feita destacando os vários aspectos abordados pelos participantes, tais como normas sociais e morais, papéis sociais do homem e da mulher, valores individuais, etc. Foi, também, discutida a maneira pela qual o orientador educacional ou professor poderia aproveitar esse material para discutir com os alunos. (Obs.: a utilização desse material, em sala de aula, dependerá do tipo de problema que a classe estiver vivenciando ou da solicitação dos alunos; nesse caso, usar-se-á somente um quadro de cada vez).

O desenvolvimento do tema permitiu aos participantes refletirem sobre os seus valores quanto à virgindade, relações sexuais entre os jovens, os padrões morais vigentes, analisarem o relacionamento dos jovens de modo geral e de seus alunos em particular e, ainda, discutirem com os alunos essa problemática sem impor os seus valores como sendo os corretos e sem dar "receitas" ou conselhos.

A tarefa proposta propiciou, portanto, atingir os objetivos desse tema, mas o tempo foi insuficiente para o aprofundamento das discussões.

O tema Higiene Sexual e doenças sexualmente transmissíveis foi apresentado pelo Dr. José Martins Barros* por meio de exposição dialogada e projeção de slides.

O tema Relações Familiares** teve como objetivos:

- refletir sobre o papel da família na formação da personalidade dos indivíduos;
- identificar os fatores que afetam as relações familiares.

Para o desenvolvimento desse tema, foram feitas a leitura e discussão do artigo "Pesquisa analisa evolução do conceito de família"¹², publicado no Jornal O Estado de São Paulo (Anexo 26). Em seguida, o grupo foi dividido em subgrupos para discutir as seguintes questões:

- Quais são os ajustamentos necessários ao casamento?
- Quais as principais causas potenciais de conflito entre os casais?
- Quais os tipos de crises familiares?

(*) Diretor do Serviço de Educação em Saúde Pública do Instituto de Saúde da Secretaria de Estado da Saúde.

(**) Esse tema foi desenvolvido pela Dr.^a Nelly M.F. Candeias da F.S.P/ USP.

(12) PESQUISA ANALISA EVOLUÇÃO DO CONCEITO DE FAMÍLIA. O Estado de São Paulo, São Paulo, jan. 1981.

Após a discussão, cada subgrupo apresentou a sua síntese para o grupo todo.

Foram sugeridas ao grupo algumas técnicas para discutir esse assunto com os alunos: a caixa de perguntas; trabalho em pequenos grupos, solicitando a enumeração dos problemas familiares e suas eventuais soluções; trabalho em pequenos grupos ou com a classe toda, solicitando a listagem das características de um casamento bem-sucedido ou a dos fatores que determinam um casamento malsucedido.

Dado o tempo reduzido destinado a esse tema, apenas o segundo objetivo pôde ser trabalhado de forma satisfatória.

O tema Sexualidade Humana, maturidade e imaturidade * teve como objetivo refletir sobre o significado da maturidade na área da sexualidade. Para isso, foi utilizado o texto "Maturidade e Imaturidade" de André F. Pilon¹³ (Anexo 27). Para melhor aproveitamento do tempo, solicitaram-se aos participantes a leitura prévia do texto e o levantamento de questões a serem discutidas em grupo. As questões levantadas foram as seguintes ** :

- É possível um adolescente atingir a "maturidade adulta", quando as condições ambientais não lhe são totalmente favoráveis ?
- Como definir maturidade e imaturidade nos diferentes estágios de crescimento ?
- Seria possível enumerar, na ordem crescente de importância, os fatores que influenciam na maturidade ?
- Como podem os educadores ajudar os adolescentes a atingirem a maturidade desejada ?
- Até que ponto a "assistência excessiva" por parte da mãe pode interferir na personalidade e maturidade do adolescente ?
- Até que ponto os valores culturais influenciam na conduta do indivíduo, modificando o seu parecer perante determinada situação ? Existe alguma relação com maturidade ?
- O estabelecimento de vínculos afetivos e a importância inicialmente da família e depois da escola.
- A relação de reciprocidade e a maturidade sexual.
- Qual a relação da sexualidade com o relacionamento humano ?
- Será que esta agressividade atual é fruto da imaturidade sexual ?
- Qual a relação entre imaturidade e sexualidade ?

(*) Esse tema foi desenvolvido pelo Prof. André F. Pilon, estagiário da F.S.P./ USP.

(13) PILON, André F. Maturidade e Imaturidade, 1981. texto mimeografiado.

(**) Respeitou-se a redação original.

- De que maneira o conhecimento da sexualidade pode ajudar o jovem a se situar no mundo atual ?
- O comportamento "anormal" do imaturo é uma disposição comportamental adquirida (produzida por conflitos sociais) ou relativamente estável frente às influências situacionais que aparecem em determinadas ocasiões (angústias, conflitos) ? Considerar a sociedade "imatura" é válido ?
- Devemos forçar o amadurecimento de uma pessoa (já considerada imatura) ou integrá-la às normas das pessoas sãs para reorientação no seu ambiente natural ?
- Hirsche. Esses vínculos são de natureza afetiva e seu fundamento é a reciprocidade, um movimento duplo ...
- Há indivíduo que sempre acolhe e valoriza os outros, mas dificilmente toma a iniciativa de estabelecer o vínculo. Esse também é imaturo.
- Mangus ... ou de fugir ao contato social.
- O indivíduo pode fugir ao contato social com o desconhecido devido à insegurança ou incerteza de que seu comportamento, tal como é, não recebe o apoio social, devido também ao fato de não ter habilidade para simular sentimento que não possui. É imaturo ou não ?
- Na prática, o que é realmente maturidade e imaturidade ? (deixando de lado ou resumindo todas as teorias)
- É possível uma pessoa ser completamente madura em todos os sentidos ?
- Como não confundir as indecisões e conflitos do adolescente com imaturidade ?
- Quais os padrões de maturidade sexual e emocional ?
- Como a natureza das relações com os outros influencia a forma como alguém se comporta sexualmente ?
- Quais alternativas genuínas de relacionamento humano que devem ser valorizadas pelos mestres na prática diária com seus alunos ?
- O conceito de maturidade, salvo a conceituação de "estar pronto para", segundo a parte fisiológica e idade (ex: andar, correr, escrever), as outras todas envolvem padrões, valores culturais, religiosos, econômicos, sociais, etc, que não podem e nem devem ser generalizados ou mesmo empregados.

Dentro desse rol, foram selecionados para discussão em grupo, alguns itens relacionados com o conceito de maturidade na área da sexualidade e qual o papel do professor no tocante a esse tema. A discussão desses tópicos evidenciou a dificuldade de se chegar a um consenso sobre o conceito. O tempo mais uma vez foi insuficiente para a discussão mais aprofundada do tema.

O tema Risco Gravídico^{*} teve como objetivo:

- descrever o conceito de risco gravídico;
- mostrar o efeito da variável idade sobre o processo de gestação entre mães adolescentes;
- propiciar aos participantes condições para refletir sobre a problemática do risco gravídico entre adolescentes.

Para o desenvolvimento do tema, o grupo foi dividido em subgrupos com a tarefa de conceituarem "Risco Gravídico". Após o relato de cada subgrupo, os participantes receberam para leitura e análise o texto "Risco Gravídico" de Nelly M.F. Candeias¹⁴, (Anexo 26), que trata do efeito das variáveis idade e paridade sobre o processo de gestação, enfatizando, especificamente, a vulnerabilidade de gravidez da adolescente. Ressaltou-se o fato de que a gravidez, nessa fase de desenvolvimento, contribui para diminuir a probabilidade de um nascimento normal.

Após a leitura, discutiu-se o papel do professor quanto a problemática da gravidez da adolescente.

O envolvimento dos participantes na discussão do tema comprovou o interesse pelo assunto e revelou também que os objetivos propostos foram atingidos.

O tema Alguns fatores que interferem na gravidez e no parto foi apresentado pelo Dr. Antônio P. Mirra^{**}, por meio de exposição dialogada e projeção de slides.

O tema Gravidez na Adolescência foi apresentada pela Prof^a Ana Cristina Tanaka^{***} por meio de exposição dialogada.

O tema Planejamento Familiar foi apresentado pelo Dr. Fábio F. de Araújo^{***} por meio de exposição dialogada.

O tema Abortamento foi apresentado pela Prof^a Ana Cristina Tanaka por meio de exposição dialogada.

O tema Problemas relacionados à Masturbação^{****}

(*) Esse tema foi desenvolvido pela Dr^a Nelly M.F. Candeias da FSP/USP.

(14) CANDEIAS, Nelly M.F.. Risco Gravídico - In: Educação em saúde na prevenção do risco gravídico; pré-natal e interconcepcional. São Paulo, 1979- Tese de doutoramento. Faculdade de Saúde Pública/ USP.

(**) Coordenador Executivo do Registro de Câncer da Faculdade de Saúde Pública/ USP.

(***) Professora do Departamento de Saúde Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública/ USP.

(****) Professor da Faculdade Paulista de Medicina.

(*****) Esse tema foi desenvolvido por Carmen Lygia M. Salomão e Marilize G. Teixeira do Serviço de Orientação Educacional/ CENP.

teve como objetivos:

- propiciar reflexão sobre o tema;
- propiciar atualização científica;
- preparar o professor para responder às perguntas dos alunos sobre o assunto.

Para o desenvolvimento do tema foram utilizados os textos: "Masturbação" de Warren R. Johnson¹⁵ e "Masturbação, pecado ou problema?" de Elizabete Marangon¹⁶.

Primeiramente, os participantes se dividiram em dois subgrupos e cada um recebeu uma relação de questões sobre masturbação, feitas por adolescentes. Essas questões foram extraídas das seguintes fontes:

- Sexo e Adolescência, de Isadore Rubin e Lester Kirkendol.¹⁷
- Projeto de Orientação Sexual da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.¹⁸
- Sexualidad Humana Y Relaciones Personales, editado por René J. James.¹⁹

Cada subgrupo deveria sugerir respostas a essas questões, como se elas tivessem sido colocadas numa "caixinha" em sala de aula.

Depois dessa atividade, um relator de cada subgrupo apresentou as sugestões a todos os participantes.

A seguir, o grupo fez a leitura e análise dos textos, auxiliado pela Folha-tarefa nº 2, e uma avaliação das respostas apresentadas na primeira parte da tarefa. Foram feitas, então, as reformulações que o grupo julgou necessárias.

As avaliações dos participantes, muito positivas, e o interesse demonstrado durante as atividades (avanzado no horário previsto pelo cronograma) levam-nos a concluir que a discussão do assunto atendeu às necessidades sentidas pelo grupo e possibilitou um maior preparo para o desenvolvimento da programação na escola.

O tema Problemas relacionados ao homossexualismo * teve como objetivo:

- (15) JOHNSON, Warren R. Masturbação. texto utilizado pela Fundação Carlos Chagas no Curso Educação Sexual; Uma abordagem psicosssexual. 1979.
- (16) MARAGON, E.S. Masturbação; pecado ou problema? Família Cristã, São Paulo, 544: 50-1, abr. 1981.
- (17) RUBIN, Isadore & KIRKENDAL, Lester A. Sexo e adolescência. Cultrix, 1968.
- (18) SÃO PAULO (Cidade) Secretaria da Educação. Prefeitura do Município. Projeto de orientação sexual. São Paulo, SE/PM, 1979.
- (19) Opus cit. p.
- (*) Esse tema foi desenvolvido pela Prof.^a Maria Rosa Silva, orientadora educacional da rede estadual de ensino.

- propiciar reflexão sobre o tema;
- preparar os participantes para prováveis perguntas dos alunos sobre o assunto.

Para o desenvolvimento do tema, foram utilizados o texto "Homossexualidade" de Alan P. Bell²⁰ e um questionário com vinte itens sobre o tema (envolvendo conhecimento científico, valores, dados da realidade atual e do passado) que os participantes deveriam responder sim ou não.

Inicialmente, os participantes responderam o questionário e, em seguida, leram o texto que abordava os mesmos assuntos do questionário e compararam as respostas dadas aos questionário com o conteúdo do texto. Encerrou-se a atividade com a análise e comentário das respostas dadas.

O assunto despertou grande interesse dos participantes, mas o tempo destinado à discussão do tema foi muito reduzido.

A atividade "Role-playing" * teve como objetivo dar aos participantes uma oportunidade de vivenciar algumas situações relacionadas com os temas abordados e de refletir sobre seus próprios valores manifestados no desempenho dos papéis.

Inicialmente, o monitor fez um rápido exercício de aquecimento e, a seguir, definiu os personagens: uma adolescente, seu namorado, sua amiga, seus pais, os pais do namorado, um padre, o diretor da escola e o professor de Biologia dos namorados.

As pessoas se apresentaram voluntariamente para representarem os personagens e elaboraram o conteúdo dos diálogos. Formou-se, também, um grupo de observação.

Após a vivência de papéis, cada um falou sobre o que sentiu; o grupo de observação fez os seus comentários e, finalmente, o monitor fez uma análise da apresentação dos participantes e da própria técnica.

Essa experiência, nova para os participantes, foi muito apreciada e possibilitou uma discussão rica sobre o problema dos valores num programa de educação sexual.

O Planejamento visava a elaborar a programação a ser desenvolvida nas escolas de 1º e 2º graus, com as adequações necessárias às séries e graus de ensino.

Os participantes receberam um rol do conteúdo

(20) BELL, Alan P. Homossexualidade; texto utilizado pela Fundação Carlos Chagas no Curso Educação Sexual. Uma abordagem psicosssexual- 1979.

(*) Essa atividade foi dirigida pelo Prof. Silvio Bock, orientador educacional da Fundação Carlos Chagas.

programático a ser desenvolvido e as sugestões metodológicas para cada tema, propostas por eles próprios, no início do Treinamento e complementadas pela equipe de Currículo da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas (Anexo 29). Em seguida, organizaram-se dois grupos: um formado pelos professores e a orientadora educacional do 1º grau, e outro pelos professores do 2º grau. Cada grupo reuniu-se com a correspondente equipe de Currículo da Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas e, em conjunto, discutiram os objetivos, a metodologia bem como os conteúdos a serem desenvolvidos nas salas de aula. Após a discussão, elaborou-se um plano que alterava o roteiro inicial.

Esse momento de discussão e elaboração do plano foi muito importante porque permitiu a seleção de um conteúdo e de uma metodologia, considerados os mais adequados para se atingirem os objetivos do projeto.

2.2.3.2 Avaliação:²¹

- Dos temas desenvolvidos

Durante o treinamento, foi feita a avaliação de cada tema nos seguintes aspectos:

- segurança quanto às informações dadas
- linguagem clara e objetiva
- forma de abordar o conteúdo
- disponibilidade em esclarecer dúvidas
- coordenação das atividades de discussão
- materiais didáticos utilizados
- suficiência do conteúdo
- contribuição dos participantes para o enriquecimento da discussão.

Os dados da avaliação mostram que, de modo geral, o desenvolvimento de todos os temas foi totalmente satisfatório*. As apresentações dos conferencistas foram consideradas totalmente satisfatórias tanto no que se refere ao conteúdo quanto à forma. A equipe de coordenação sentiu que a presença desses especialistas favoreceu e garantiu o alto nível de que se revestiu o treinamento.

- Do Treinamento em geral

Ao final do treinamento foi feita uma avaliação geral quanto a:

(21) São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana; uma abordagem curricular com enfoque educativo - Avaliação. v.2. São Paulo, SE/CENP, 1984.

(*) As categorias eram: totalmente satisfatório, satisfatório em parte e não satisfatório.

- organização
- recursos didáticos
- seleção dos temas
- atendimento das expectativas
- conteúdo desenvolvido
- interação entre os participantes
- atuação dos organizadores
- aplicabilidade das técnicas didáticas utilizadas e sugeridas.

Foram, ainda, solicitados os aspectos positivos e negativos, sugestões para os próximos treinamentos e outras contribuições que gostariam de receber para o desenvolvimento do projeto.

De modo geral, os dados da avaliação revelam que o treinamento foi totalmente satisfatório nos diferentes aspectos avaliados. Quanto à aplicabilidade das técnicas utilizadas ou sugeridas, aparecem em ordem decrescente a caixinha de perguntas, levantamento de questões, exposição dialogada, trabalho em grupo, projeção de slides, trabalho individual, entre outras.

Os aspectos positivos mais citados foram a aprendizagem, troca de idéias e experiências, reflexão em conjunto sobre assunto tão controvertido e possibilidade de manifestação livre.

Os aspectos negativos mais citados foram problemas ambientais (barulho) e tempo insuficiente para a discussão desse tipo de proposta.

Dentre as sugestões levantadas, a mais frequente foi a de se dar mais tempo para melhor debater os assuntos.

Quanto a outras contribuições que gostariam de receber, 35 % dos participantes gostariam de receber assistência técnica, se precisar; 35 % deixaram em branco; 14 % responderam nada no momento; 7 % outras reuniões com o grupo e 8 % conhecer os resultados ao final do projeto.

2.3 O Projeto: EXECUÇÃO NAS ESCOLAS

2.3.1 Reuniões com outros professores da escola e pais de alunos

O desenvolvimento do projeto nas escolas foi precedido de um trabalho junto à equipe da escola e pais. Sua finalidade era esclarecer os objetivos e diretrizes, a linha de atuação, o programa a ser desenvolvido e o papel de cada um deles no projeto. Apesar de ter procurado dar um enfoque natural ao tratamento do as -

sunto, esse trabalho se fez necessário pelo fato de se tratar de um assunto polêmico e de ser esta uma primeira experiência. Tanto na reunião de sensibilização, como durante o Treinamento, os participantes foram preparados para a coordenação e execução dessas reuniões, nas quais o diretor tinha um papel fundamental. Receberam também um roteiro para reunião com Pais (Anexo 30).

Quanto à equipe da escola, esperava-se um maior envolvimento e apoio ao trabalho a ser desenvolvido. De modo geral, a receptividade foi muito boa. Apenas em uma escola de 1º grau, houve uma certa resistência por parte do corpo docente, que decidiu que qualquer fato que ocorresse relativo ao assunto seria encaminhado à professora de Ciências. Não houve essa divulgação, somente em uma escola do 2º grau, pelo fato de a diretora considerar que o assunto já fazia parte do componente curricular de Programas de Saúde, não necessitando de um tratamento especial.

Quanto aos pais, esperava-se que atuassem de forma complementar ao trabalho da escola, refletindo com seus filhos problemas relativos a valores, religião e aspirações da família.

Durante as reuniões realizadas nas escolas, os pais, em sua maioria, manifestaram seu pleno acordo com o projeto como foi proposto, porque atendia às suas necessidades e expectativas. Nas escolas de 1º grau, os pais sentiram-se aliviados pelo fato de a escola atuar nessa área, cientes de que a escola só iria se posicionar quanto aos valores universais, respeitando os valores da família. Numa das escolas, os pais revelaram preocupação com a continuidade do projeto, caso ocorresse uma eventual troca de professor. Em outra solicitaram a inclusão do tema tóxicos. No 2º grau, de modo geral, a frequência de pais à reunião foi pequena. Na escola em que não houve essa reunião, os pais disseram, na avaliação final do projeto, que gostariam de ter recebido e discutido as informações iniciais.

2.3.2 desenvolvimento do projeto:

Para o desenvolvimento do projeto foi feita a caracterização da clientela²², utilizando-se informações sobre os seguintes aspectos:

- relacionados aos alunos
 - . idade
 - . sexo
 - . tipo de moradia
 - . trabalho e horas de trabalho

(22) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana; uma abordagem curricular com enfoque educativo. Avaliação 2v. São Paulo, SE/CENP, 1984.

- revistas que costuma ler
 - programas de TV a que costuma assistir
 - aplicação do tempo livre
- relacionados aos pais
 - nacionalidade
 - naturalidade
 - ocupação
 - escolaridade

Em relação aos alunos foram, ainda, levantadas informações sobre quem eles procuram quando têm dúvidas sobre sexo, qual o significado da palavra e quais as fontes de informação.

Os dados coletados indicam que, quanto à idade, os alunos do 1º grau, período diurno, têm, na sua maioria, entre 11 a 13 anos e, no período noturno, 15 a 17 anos. Os alunos do 2º grau, de ambos os períodos, têm, na sua maioria, entre 16 a 19 anos.

Quanto à distribuição dos alunos por sexo, no período diurno, de ambos os graus, predominou o sexo feminino. No período noturno, o 1º grau apresentou o mesmo número de alunos e alunas e o 2º grau, o predomínio de alunos do sexo masculino.

Tendo em vista os dados relativos à situação sócio-econômica obtidos, podemos considerar que os alunos pertencem a famílias de renda mais para baixa do que para alta.

Quanto às três questões formuladas aos alunos, os dados indicam que:

- tanto o aluno do 1º grau como do 2º grau, de modo geral, procura a mãe quando tem dúvidas sobre o sexo. No período noturno do 2º grau, a procura maior recaiu no amigo íntimo;
- a palavra sexo significa um assunto natural para a maioria dos alunos de ambos os graus de ensino;
- para os alunos do 1º grau do período diurno, a fonte de informação sobre sexo são os pais e professores. E para os alunos do período noturno, professores e livros ou revistas. Para os alunos de 2º grau do período diurno, amigos e pais, e no período noturno, livro e revistas e amigos.

O desenvolvimento do projeto na escola foi programado inicialmente para os meses de agosto e setembro, tendo em vista o acompanhamento e a avaliação da experiência *. No entanto, a grande maioria dos professores desenvolveu o projeto durante todo o

(*) Decidiu-se concentrar a execução do projeto nas escolas em dois meses, mesmo sabendo-se que o ideal seria que as informações fossem fornecidas na medida e no momento em que surgissem as dúvidas dos alunos.

segundo semestre, quer devido a dificuldades inerentes à própria dinâmica da escola, quer pelo grande interesse despertado nos alunos.

De forma geral, foram programadas e desenvolvidas no 1º e 2º graus as seguintes unidades de ensino:

- Unidade 1 - Fases do desenvolvimento humano.
- Unidade 2 - Identificação das características sexuais primárias e secundárias no homem e na mulher.
- Unidade 3 - Papéis sociais do homem e da mulher.
- Unidade 4 - Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino. Cuidados de higiene. O ato sexual.
- Unidade 5 - Doenças sexualmente transmissíveis.
- Unidade 6 - Fecundação. Gravidez. Diagnóstico e gravidez e cuidados pré-natais. Desenvolvimento embrionário normal.
- Unidade 7 - Parto e puerpério. O recém-nascido.
- Unidade 8 - Fatores que interferem na gravidez e no parto.

A partir do interesse revelado pelos alunos, esses temas propiciaram oportunidade para discussão de outros assuntos, especialmente aqueles polêmicos, relacionados a conduta e valores não-universais.

O que diferenciou o desenvolvimento dessas unidades no 1º e 2º graus foi o maior ou menor aprofundamento do assunto, para atender às características da faixa etária, exceção feita à Unidade nº 5 - Doenças sexualmente transmissíveis, de início programada apenas para o 2º grau. No entanto, também foi desenvolvida em uma 5ª série do noturno devido ao interesse manifestado pelos alunos.

Ao término de cada unidade de ensino desenvolvida, os professores preencheram um Questionário de Avaliação por Unidade (Anexo '8), onde informavam sobre:

- . número de aulas utilizadas
- . interesse dos alunos
- . técnicas utilizadas
- . recursos materiais utilizados
- . dificuldades encontradas
- . problemas ocorridos em classe, na escola e na família
- . procedimentos de avaliação utilizados.

Para o desenvolvimento dessas unidades, o professor se utilizou, de forma geral, dos seguintes procedimentos e recursos didáticos¹²³: exposição dialogada, trabalho em grupo, tra

(23) São Paulo (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana; uma abordagem curricular com enfoque educativo. Avaliação 2v. São Paulo, SE/CENP, 1984.

balho individual, projeção de slides e filmes, caixinha de perguntas, levantamento de questões, recortes de jornais e revistas, história em quadrinhos, desenhos, cartazes, avioezinhos, observação de modelos anatômicos, identificação de papéis sociais por meio de desenhos pedagógicos, debate e análise de pranchas.

As perguntas feitas pelos alunos, colocadas na caixinha durante o desenvolvimento do projeto, foram listadas por assunto, por grau e período, conservando-se sua redação original. No Relatório de Avaliação²⁴, encontra-se a categorização das perguntas, separadas em bloco de acordo com os seguintes assuntos:

- Anatomia e fisiologia dos aparelhos reprodutores masculino e feminino
- Ato sexual
- Métodos anticoncepcionais
- Gravidez e parto
- Aborto
- Menstruação
- Recém-nascido
- Masturbação
- Homossexualismo
- Doenças sexualmente transmissíveis
- Orientação sexual - problemas pessoais

Entre as dificuldades relacionadas pelos professores podem ser citadas: falta de material de apoio, heterogeneidade dos alunos do 2º grau quanto aos conceitos básicos, falta de tempo para o desenvolvimento das unidades e dificuldades em dosar a profundidade e extensão do assunto, especialmente junto às quintas séries.

Durante o desenvolvimento do projeto, de modo geral, não ocorreram problemas nas classes, nas escolas e nas famílias.

Para a avaliação, os professores, de forma geral, utilizaram provas objetivas, questionário, chamada oral, debates, pesquisa e trabalhos escritos.

2.4 O Projeto: ACOMPANHAMENTO E AVALIAÇÃO

2.4.1 Reuniões de acompanhamento:

- Na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas -

A reunião de acompanhamento foi realizada em

(24) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana: uma abordagem curricular com enfoque educativo-Avaliação. São Paulo, SE/CENP, 1984. 2v.

setembro, com a participação dos professores e orientadora educacional das escolas envolvidas no projeto com o objetivo de:

- acompanhar a programação em desenvolvimento
- identificar a problemática enfrentada pelos professores
- prestar assessoria, se necessário
- possibilitar a troca de experiências entre os participantes
- replanejar a programação, se necessário.

Após a abertura, os participantes foram divididos por grau de ensino em dois grupos, para discutirem sobre os fatores que facilitaram ou dificultaram o desenvolvimento do projeto, bem como apresentarem sugestões de solução (Anexo 31).

Como poderemos observar, os dados obtidos, nessa reunião, são, em grande parte, coincidentes com os dos Questionários de Avaliação por Unidade.

De forma geral, os professores relataram que não estavam encontrando grandes dificuldades no desenvolvimento do projeto e que a aceitação estava sendo boa, tanto da parte dos pais como dos alunos e do pessoal da escola.

Em síntese, os professores de 1º grau apresentaram o seguinte relato:

- Quanto à atitude dos alunos no desenvolvimento da programação

Os alunos revelaram um interesse muito grande especialmente os da 5ª série do período noturno.

O uso da caixinha de perguntas funcionou apenas nos primeiros dias, os alunos preferiam fazer perguntas diretamente ao professor. Essas perguntas se referiam mais comumente a: fases do desenvolvimento humano, gêmeos, relações sexuais, gravidez, parto, menstruação, fecundação, espermatozóide, óvulo, testículo. Perguntas feitas pelos alunos* revelam como a falta de conhecimento, muitas vezes, pode ocasionar em adolescentes e pré-adolescentes preocupações, conflitos ou ansiedade e como uma simples informação pode contribuir para esclarecer dúvidas.

- Quanto à atitude do Orientador Educacional

Segundo o depoimento dos professores, a presença do Orientador Educacional facilitou muito o trabalho. A sua ausência foi sentida como fator dificultador, tornando o trabalho incompleto, especialmente em assuntos que envolvem valores.

- Quanto à execução da programação

(*) Exemplo: - Quem operou fimose ainda pode ter filhos?
- Afinal a mulher tem ou não pênis? (a mãe havia dito à filha que ela havia sido operada da "pênis" (apêndice) quando pequena.

De forma geral, as escolas de 1º grau caminharam muito lentamente no desenvolvimento do programa pelo fato de as unidades estarem sendo trabalhadas em forma de atividades (elaboração de álbum da vida, gráfico da altura dos alunos e realização de trabalho em grupo) e pelo grande número de perguntas feitas pelos alunos (que confirmavam o interesse despertado).

- Quanto aos recursos didáticos

Foram utilizados muitos dos sugeridos durante o treinamento. Uma das dificuldades levantadas foi a falta de textos adequados para uso dos alunos da 5ª série.

- Quanto ao pré-teste

De forma geral, os alunos tiveram alta porcentagem de acertos na parte relativa a conhecimentos sobre higiene e puberdade e baixa porcentagem de acertos nas perguntas sobre anatomia. Verificou-se que os alunos desconheciam termos, tais como genital, testículos, espermatozóide, etc.

Os professores de 2º grau apresentaram o seguinte relato:

- Quanto à atitude dos alunos

A reação dos alunos ao projeto foi positiva. A caixinha de perguntas foi pouco usada, pois os alunos preferiam fazer as perguntas diretamente ao professor. Os assuntos de maior interesse foram: masturbação, anticoncepcionais, gravidez e homossexualismo. Segundo um professor, sua inibição inicial desapareceu graças à atitude e colaboração dos alunos. (Anexo 32)

O pré-teste, de forma geral, foi uma motivação para os alunos do 2º grau, que perceberam sua falta de conhecimentos, pois a maioria teve baixa porcentagem de acertos.

- Quanto a atividades do Orientador Educacional

Lamentou-se, na reunião, o afastamento de duas orientadoras educacionais, por motivo de mudança de cargo. Apesar disso, uma delas continuou prestando assessoria aos professores, comparecendo a várias reuniões na escola.

- Quanto à programação

O desenvolvimento da programação exigiu maior número de aulas do que o previsto, dado o grande interesse despertado e o grande número de perguntas.

- Quanto aos recursos didáticos

Foram utilizadas várias técnicas sugeridas

no treinamento, tais como história em quadrinhos, identificação dos papéis sociais por meio de desenhos pedagógicos, etc.

Ao final dessa reunião, foram dadas informações sobre os questionários de avaliação do projeto a serem aplicados na escola.

- Nas Escolas -

Para acompanhamento, a equipe da Coordenação de Estudos e Normas Pedagógicas, responsável pelo projeto, realizou visitas às escolas, com o objetivo de verificar como o projeto estava sendo desenvolvido, de efetuar o levantamento dos fatores que dificultaram ou facilitaram a execução e de prestar assessoria, se necessário.

As representantes da Coordenação de Estudos e Normas Pedagógicas foram muito bem recebidas e as visitas possibilitaram a confirmação de dados obtidos por outras fontes.

- Em relação às escolas de 1º Grau

Numa das escolas, houve boa receptividade das mães, dando certa tranquilidade para a equipe da escola e especialmente para a professora que estava um pouco insegura e ansiosa, dada a sua responsabilidade no projeto. O projeto foi desenvolvido apenas nas 5ªs séries do período diurno, mas a professora considerou importante desenvolvê-lo, também, no período noturno, arrependendo-se de não o ter realizado neste ano. Após essa primeira experiência e pelo fato de não ter ocorrido nenhum problema na escola, a professora já se sente mais segura para atuar nessa área. Segundo a diretora, que desempenhou um papel importante no projeto, assumindo a coordenação, a equipe da escola considerou o projeto fundamental por corresponder a uma necessidade real. Nesse sentido o projeto deverá ter continuidade e mesmo ser estendido às demais séries (6ª, 7ª e 8ª), mas considera, no entanto, imprescindível o treinamento dos professores.

Em outra escola a aceitação foi boa, apenas alguns pais achavam que era um pouco cedo para dar informações sexuais a seus filhos. Quanto ao desenvolvimento do projeto, a professora sentiu muito a falta do orientador educacional para discutir a parte de valores. Quanto à programação, achou adequada, só alterando a ordem de apresentação das unidades e sugerindo o seu desenvolvimento ao longo do ano e não concentrado em apenas um bimestre.

Quanto à continuidade, tanto a diretora como a professora acharam que o projeto deve ser estendido até a 8ª série, aprofundando-se o conteúdo. A diretora informou não ter ocorrido nenhum problema que exigisse sua interferência.

Numa terceira escola, os professores de Ciências, a orientadora educacional e a diretora foram unânimes em considerar bom o andamento do projeto, não tendo surgido nenhum problema, tanto em relação aos pais quanto aos alunos e demais pessoas da escola. O interesse revelado pelos alunos foi muito grande, sendo maior entre as meninas do que entre os meninos. Houve muito interesse, também, nas outras séries onde não estava sendo desenvolvido o projeto. Os alunos do noturno reagiram, no início, com brincadeiras que, aos poucos, foram substituídas por muitas perguntas e interesse pelo conteúdo que estava sendo desenvolvido.

Os professores disseram sentir falta de um livro de texto para os alunos, o que facilitaria o seu estudo.

- Em relação às escolas de 2º Grau

Numa das escolas, o entusiasmo dos alunos foi grande. A professora mostrou-se bastante segura, trabalhando conforme o planejado, apenas utilizando mais tempo do que o esperado no seu desenvolvimento. Os recursos didáticos sugeridos no treinamento foram considerados suficientes e a bibliografia muito boa. No entanto, a professora não teve tempo para rever todo o material recebido*. Os alunos colaboraram bastante, levando revistas e artigos de jornais pertinentes ao assunto. A Direção apoiou muito o trabalho realizado. Os professores e a direção lamentaram a ausência da orientadora educacional durante o desenvolvimento do projeto.

Numa outra escola, tanto os alunos do período diurno como do noturno demonstraram interesse. Não surgiu nenhum caso que exigisse acompanhamento especial (psicólogos, médicos, etc.). Sentiu-se, também, nessa escola, a ausência do trabalho da orientadora educacional.

Numa terceira escola, segundo a professora, os pais receberam muito bem o projeto, não tendo ocorrido nenhum problema.

Quanto ao pessoal da escola, não houve divulgação sistemática, mas os colegas da professora passaram a se

(*) Esse fato ocorreu com todos os outros professores.

interessar, a fazer perguntas e a tratar o tema com naturalidade.

Os alunos participaram de maneira entusiasmada, sentindo-se responsáveis também pela avaliação do projeto. Os problemas levantados e as questões colocadas na caixinha de perguntas foram discutidos nos grupos, ao longo do programa. A professora declarou que os alunos falavam com toda naturalidade e participavam bastante. Desse modo, o programa se estendeu além do previsto.

O planejamento foi alterado para seguir um ritmo mais lento, dado o interesse dos alunos, e devido às interrupções de atividades na escola (reforma do prédio, semana cultural, etc).

Houve apenas um caso de encaminhamento a especialista. Para tanto, a equipe coordenadora encaminhou à professora uma relação de Clínicas da comunidade.

A professora utilizou-se dos recursos didáticos oferecidos no treinamento, adaptando-os de maneira muito interessante. Considerou suficiente a bibliografia oferecida.

De acordo com a diretora, os pais deveriam receber também um atendimento paralelo ao trabalho desenvolvido com os alunos. Achou, ainda, que o projeto deveria ter continuidade, pois considerava útil a informação dada aos alunos.

2.4.2 Reunião final de avaliação:

Com o objetivo de avaliar a programação desenvolvida e identificar a problemática enfrentada pelos professores, foi realizada, no final do mês de novembro, com a participação dos professores e orientadora educacional, envolvidos no projeto, uma reunião final.

Após a abertura, os professores responderam individualmente um questionário final de avaliação (Anexo 11).

A seguir, foi desenvolvida uma técnica de avaliação em grupo (O que trouxe e o que leve). De modo geral, todos disseram que aproveitaram muito o que lhes foi dado e que enriqueceram seus conhecimentos e experiências, encontrando, na Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas, um ambiente bastante receptivo.

A atividade seguinte constou de um relato dos participantes sobre as principais dificuldades e pontos positivos da experiência e apresentação de sugestões para a continuidade do projeto em 1982.

Um dos professores ressaltou a necessidade de um trabalho paralelo com os pais, pois os mesmos, de forma geral, dizem sentir muita insegurança ao responder às perguntas dos filhos. Ressaltou, também, a necessidade de o professor participante ter um horário para atender a casos particulares dos alunos*. Entre os problemas apresentados pelos alunos, citou casos de sífilis, gravidez, homossexualismo. Sugeriu, ainda, que fosse elaborada uma bibliografia específica para alunos e pais.

O professor de uma outra escola declarou estar muito preocupado em continuar o projeto sem a presença de um orientador educacional. Segundo ele, não há condições de realizar um projeto como este sem a assessoria desse especialista. Ressaltou, também, a necessidade da indicação de enciclopédias e livros sobre o assunto, tanto para alunos como para pais.

Um outro professor ressaltou que a ausência da orientadora educacional da escola dificultou, especialmente, a coordenação dos trabalhos.

Para o professor de outra escola, os alunos de 5ª série "já são prontinhos de cabeça, já vêm com os valores estruturados. Daí a necessidade de se trabalharem também os pais". Por outro lado, começam a contestar a autoridade dos pais.

Um outro professor disse que o projeto no 1º Grau foi ótimo, o aproveitamento foi muito bom e que não houve problemas com os pais. Considerou, ainda, que um projeto como esse não pode resolver todos os problemas dos alunos e que há necessidade de uma retaguarda para encaminhamento.

Durante as apresentações, surgiram sugestões para a realização de um trabalho conjunto com o Departamento de Assistência ao Escolar da Secretaria da Educação e Centros de Saúde da Secretaria da Saúde para atendimento dos alunos.

Após o relato dos professores, foram apresentadas as perspectivas do projeto para 1982.

Para tanto, os professores poderão elaborar um plano que atenda às necessidades de suas escolas e suas clientelas, podendo estender a programação ao longo do ano e para outras séries.

(*) O fato evidencia a necessidade do trabalho complementar do orientador educacional nessa área.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do projeto revelou à equipe coordenadora aspectos que merecem um tratamento especial, tendo em vista a continuidade do projeto.

Esses aspectos se referem especialmente :

- ao tempo destinado ao treinamento que, de modo geral, foi insuficiente;
- aos temas relativos à área biológica, que requerem um tratamento mais aprofundado;
- à concentração do desenvolvimento do projeto nas escolas, num período de dois meses, que, considerado insuficiente, revelando a conveniência de se distribuir o assunto ao longo do ano e mesmo das séries, como já era esperado pela equipe coordenadora (ver 232.). No entanto, essa concentração se tornou necessária, tendo em vista tratar-se de uma experiência inicial que deveria ser controlada.
- a ausência de indicações bibliográficas adequadas aos alunos (especialmente do 1º grau e aos pais);
- a ausência de textos para alunos de 1º grau;
- a ausência do orientador educacional nas escolas, sentida principalmente na coordenação dos trabalhos, na participação, na discussão de temas que envolvem valores, no atendimento individual a alunos, no encaminhamento a especialistas e num trabalho a ser realizado junto aos pais;
- a necessidade de contar com recursos para assistência aos alunos com problemas nessa área.

Com relação às avaliações e opiniões de outras pessoas que participaram direta ou indiretamente do projeto (diretores, alunos e pais), os dados constantes do Relatório de Avaliação²⁵ indicam, de maneira bastante explícita, que o projeto atendeu a necessidades de alunos, pais e professores, foi bem recebido, correspondeu às expectativas, despertou grande interesse, foi gratificante para todos os envolvidos, evidenciando, assim, a conveniência de sua continuidade e a ampliação do número de escolas a serem abrangidas.

(25) SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. Sexualidade humana; uma abordagem curricular com enfoque educativo-Avaliação. São Paulo, SE/CENP, 1984. 2v.

ANEXO II

PLANEJAMENTO DO I TREINAMENTO DE
EDUCADORES EM EDUCAÇÃO SEXUAL DA
DIVISÃO REGIONAL DE ENSINO DE CAMPINAS E
SECRETARIA REGIONAL DE CULTURA DE CAMPINAS

1

SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
COORDENADORIA DE ENSINO DO INTERIOR
DIVISÃO REGIONAL DE ENSINO DE CAMPINAS
E
DELEGACIA REGIONAL DE CULTURA

SEMANA DE ATUALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PAIS
E PROFESSORES DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO ARTÍSTICA.

CAMPINAS

4 A 8/ FEVEREIRO/85



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

COORDENADORIA DE ENSINO DO INTERIOR

DIVISÃO REGIONAL DE ENSINO

CAMPINAS

SEMANA DE ATUALIZAÇÃO E APERFEIÇOAMENTO DE PAIS
E PROFESSORES NAS ÁREAS DE CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO
ARTÍSTICA.

TEMAS:- SEXUALIDADE HUMANA E
TEATRO NA ESCOLA

PROGRAMAÇÃO - FEVEREIRO/85

DIA 4 - 14 hs - A INTEGRAÇÃO COMUNIDADE E ESCOLA

Maria Erlinda Casseb Pallerossi

16 hs - CONCEPÇÕES GERAIS SOBRE A SEXUALIDADE HUMANA
E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO SEXUAL

Dra. Nilva Ferreira Pereira

DIA 5 - 14 hs - PROBLEMAS E PSEUDO PROBLEMAS DA ADOLESCÊNCIA

Maria Meliane Furtado Montezuma

16 hs - SEXO E PODER

Cesar Aparecido Nunes

DIA 6 - 14 hs - SEXUALIDADE HUMANA: um enfoque curricular (grupo I)

^{ISAORA RF GUIMARHES}
O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO MOTORA NO TEATRO (grupo II)

Thiers Camargo

16 hs - Alternância de Grupos

DIA 7 - 14 hs - HOMOSSEXUALIDADE E MASTURBAÇÃO (grupo I)

Maria José Gomes da Silva Nery

APLICAÇÃO DA FUNÇÃO AFETIVA NO TEATRO (grupo II)

Thiers Camargo

16 hs - Alternância de Grupos

DIA 8 - 14 hs - APLICAÇÃO DA FUNÇÃO INTELECTUAL NO TEATRO E

COMPOSIÇÃO DOS TRÊS VALORES.

Thiers Camargo

17 hs - Entrega de atestados - Encerramento.

ANEXO III

RELATÓRIO DA ATOE - ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, DREC, 1985



SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO

COORDENADORIA DE ENSINO DO INTERIOR
DIVISÃO REGIONAL DE ENSINO
CAMPINAS

Campinas, 30 de dezembro de 1985

PREZADO COLEGA EDUCADOR:

Estamos lhe enviando uma cópia do Relatório de Atividades Anual de 85 da Assistência Técnica de Orientação Educacional da DRE-C a fim de que você possa acompanhar o desenvolvimento do Projeto de Educação Sexual nas Escolas.

Pretendemos continuar expandindo e aprofundando nossa ação durante o ano de 1986 e para isso contamos com sua participação. Lembramos-lhe que esse é um projeto voluntário e que só caminhamos ao passo que somos solicitados.

Colocamo-nos à disposição dos interessados para maiores esclarecimentos e integração conosco.

Atenciosamente,

DRE-C - FONE: 52.7888 - Ramal 155
a partir de fevereiro/ 86

QUADRO DOS ENCONTROS DE EDUCAÇÃO SEXUAL REALIZADAS EM CAMPINAS

ESCOLAS	Encontros			D.E.
	pais	prof.	alunos	
EEPSG Adalberto Prado e Silva		1	2	1ª Camp.
EEPG Cecília Pereira			8	1ª Camp.
EESG Cyro de B. Rezende- Valinhos	1	1	4	1ª Camp.
EEPSG Dom Nery	1	1	1	1ª Camp.
EEPG Geraldo Alves Correia		1	1	1ª Camp.
EEPSG João Lourenço Rodrigues	1	2	4	1ª Camp.
EEPSG Tomás Alves	2	1		1ª Camp.
TOTAL	5	7	20	
EEPG Castinauta de B.M.e Albuquerque		2	2	2ª Camp.
EEPG Hilton Federici		5	5	2ª Camp.
EEPG Guido Segalho	2	1	4	2ª Camp.
EEPG João Gumerindo Guimarães		1	2	2ª Camp.
EEPSG José Maria Matosinho			3	2ª Camp.
EEPG José Pedro de Oliveira	2	1	2	2ª Camp.
TOTAL	4	10	18	
TOTAL GERAL	9	17	38	
Nº GLOBAL DE ENCONTROS C/ ALUNOS, PROF. E PAIS NAS U.Es. ... 64				

Outros Encontros de Educação Sexual - (Total 10)

- Semana de Atualização e Aperfeiçoamento de Pais e Professores das Áreas de Ciências e Educação Artística - 4 a 8.2.85
- Oficinas de Trabalho:- Sexualidade Humana: um enfoque curricular.
 - . 02/05/85 - EESG Bento Quirino
 - . 04/07/85 - EESG Bento Quirino
 - . 26/09/85 - EESG Bento Quirino
 - . 25/09/85 - EEPG Randolpho M. Fernandes - Indaiatuba
 - . 19/11/85 - EEPG Randolpho M. Fernandes - Indaiatuba

Em resumo realizamos 74 Encontros sobre Ed. Sexual.

-:-:-:-:-

ANEXO IV

PROTOCOLO DE ENTREVISTA

Entrevista com Professora de Moral e Cívica
21 anos
Escola Estadual

ISAURA - Você chegou a realizar as aulas de Educação Sexual que você pretendia e discutimos antes?

PROFESSORA - Cheguei. No começo eu achei que ia ter pouco tempo e resolvi atacar direto, fiz os alunos fazerem as perguntas, todos num papelzinho anônimo, e cheguei em casa e estudei para responder a essas perguntas. Então cheguei com tudo, respondendo, sem um trabalho de preparação, um esquentamento. Depois eu fui vendo que tinha mais tempo, porque minha substituição se estendeu até o final do ano e aí voltei a alguns assuntos, sempre puxando mais para a parte do social e não para parte muito técnica. Trabalhei machismo, papéis sociais dos sexos, a parte mais ligada à história, que me interessa mais ...

ISAURA - Você estava trabalhando uma 6a. série... Qual a vida deles?

PROFESSORA - É sim a 6a.série, a idade ia de 12 a 16 anos...

ISAURA - É. Temos classes com idades atípicas; o nível de questionamento é muito diversificado...

PROFESSORA - É, inclusive eu nem te falei o que aconteceu, é que os pais tiveram uma reunião para discutir se aceitariam um projeto de educação sexual, que duas professoras estão querendo

implantar, lá na escola, da 4a. série até o Colegial... Me convidaram para a reunião para falar sobre minha experiência com a 6a. série e não acharam que os pais iam ter aquela reação. Tinha umas 10 a 15 mães, só mulheres na reunião, e no final a coisa acabou polarizando em mim, porque aí eu soube que o pessoal tinha acabado indo reclamar das minhas aulas da 6a. série...

ISAURA - Você acha que alguma coisa pegou mal... que houve uma reação negativa às aulas... que tipo?

PROFESSORA - Justamente por causa disso... as mães achavam que eu tinha tratado de coisas impróprias na classe... Então eu falei - "eu só tratei de assuntos que me perguntaram", e elas disseram: "ah, mas minha filha só tem 12 anos, nem ficou menstruada ainda e você já está falando de relação sexual". A Diretora da Escola, então, não me deu apoio nenhum, ela disse: "eu não tinha conhecimento disso", e virou-se para as mães: "A Diretora nem sempre sabe o que se passa na sala de aula"... Ela tirou o corpo fora e eu lá me ferrando, nem tive mesmo chance de me defender, você sabe, eu novinha, estava com 20 anos ainda, de vestidinho... as mães me olhando assim como quem diz: "Quem é essa irresponsável, tarada, que está corrompendo minha filha?" Quando eu pude falar, elas recuaram um pouco. Parece que pensaram: "Pera aí, essa daí até sabe falar, é mesmo uma professora". Eu falei que apenas discuti o que me foi perguntado, e que não coloquei a minha opinião, que deixei mais os alunos falarem e que certas coisas eles aprendem mesmo é em casa, teriam que formar sua própria opinião. Inclusive elas desvirtuaram muito o que eu falei, por exemplo, uma mãe falou que eu disse que podia transar com 12 anos e que a filha dela ficou assustadíssima e perguntou em casa...

então eu expliquei que não falei isso, mas falei que a menina de 12, que já ficou menstruada, se transar pode ficar grávida... completamente diferente de falar para transar com 12 anos...

ISAURA - É, você deu um exemplo e a aluna compreendeu outra coisa...

PROFESSORA - Eu fiquei sem saber se a aluna compreendeu mal e saiu chocada ou se a mãe, que ficou chocada, em casa, porque mais tarde ela falou que a filha perguntou se ela transava com o marido e ela achou isso um absurdo. Disse que a filha nunca tinha se interessado pelo assunto sexo e que de uma hora para outra ela vem com essas perguntas...

ISAURA - É, daí a necessidade da gente trabalhar os pais. Qual o nível sócio-econômico e cultural dessas mães?

PROFESSORA - Classe média baixa. Média e média baixa. Inclusive essa mãe acabou explicando que o marido é vigia, trabalha à noite e dorme durante o dia, eu tive a impressão que a insegurança dela era a filha desconfiar... por isso ficou tão chocada. Sabe, elas iam mesmo organizar uma comissão para falar com a Diretora, e eu que fui na reunião pensando em ficar quietinha, nem abrir a boca, acabei saindo mal...

ISAURA - Então a escola estava pensando em iniciar um trabalho de educação sexual, por isso fez a reunião...

PROFESSORA - É, eles vão montar um projeto, mas estão com muitos cuidados, inclusive as mães falaram que não se poderia responder a todas as perguntas dos alunos e uma encarregada do projeto concordou. Ela falou que terá que se fazer uma triagem nas perguntas e eu rebati que acho isso uma falta de senso, porque se você se coloca para responder e o aluno pergunta, então você tem

RELATÓRIO DAS ATIVIDADES DA ASSISTÊNCIA TÉCNICA DE
ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL NO ANO DE 1985

O nosso trabalho priorizou a área de Educação Sexual, no presente ano.

Para melhor compreensão metodológica dividimos o Projeto de Educação Sexual em três momentos:

1- aquele em que o professor é convidado a participar das Oficinas de Trabalho em Sexualidade Humana. Em um encontro com 8 horas de duração, o tema é abordado em seus múltiplos aspectos e o Prof. de Ciências é motivado para iniciar um trabalho de Educação Sexual em sua escola.

2- aquele em que solicitados pelo professor treinado, nos dirigimos à sua Unidade Escolar e promovemos reuniões com o Diretor, com os Professores de todas as áreas e funcionários abrindo discussão sobre a questão da Educação Sexual na escola, sondando o conhecimento e levantando prioridades para a ação. Reunimos também os pais dos alunos com a mesma intenção. Só iniciamos o Projeto quando há consenso sobre a viabilidade do mesmo.

3- quando finalmente atinjimos diretamente o aluno. Nossa função então é ampliar os conhecimentos já abordados pelo Professor de Ciências, abrangendo aspectos psicológicos, sócio-econômicos, histórico-culturais, filosóficos da sexualidade.

Nossa proposta é de um trabalho dinâmico e em contínuo aperfeiçoamento. Não abordamos o tema como algo contido num conhecimento acabado, pronto. Despertamos o interesse para a importância da Educação Sexual hoje e convidamos todos à reflexão, à elaboração e aprofundamento no assunto. Incentivamos a compra de livros, criação de recursos didáticos e a integração com profissionais especialistas, que se dedicam à essa área na comunidade.

Consideramos que, cumpridos esses três passos, nós apenas criamos uma predisposição positiva à Educação Sexual nas U.E.s em que trabalhamos. Sentimos a necessidade de retomar essas atividades aprofundando-as no próximo ano.

Deixamos claro aos Srs. Diretores a nossa disposição de preencher os espaços programados para estudo nas paradas para a recuperação da escola e aguardamos que nos solicitem.

que responder tudo. Acho que com censura fica tudo muito falso.

ISAURA - É, também porque quem formula uma pergunta geralmente acena para uma provável resposta, o aluno apenas quer clarificar melhor algo que já conceitua. Ninguém formula uma questão sobre algo totalmente desconhecido... Mas se as posturas das mães são exageradamente temerosas, são mais típicas de classe mais alta, que controla mais os valores dos filhos.

PROFESSORA - É, eram mães assim que disseram já ter dado livros para os filhos, uma falou que desliga a TV e obriga os filhos a ouvirem música... e elas disseram: "É tão bonito uma moça entrando de branco na igreja...", "... e se o rapaz descobrir que a moça não é virgem...", coisas assim.

ISAURA - A virgindade está muito ligada a um valor como mercadoria de casamento, vamos dizer, isso está muito arraigado... e a questão não é clara mesmo. Talvez o que importa seja o caminho percorrido por cada um para o início da atividade sexual, como as coisas acontecem, o grau de autonomia, conhecimento e domínio da situação. Ainda temos vítimas da ingenuidade, enfim, pode ser um processo sofrido e as mães se preocupam com isso. Também elas próprias têm experiências dentro de um mundo controlado e dominado pelo machismo.

PROFESSORA - É, acho que foi bom eu ir naquela reunião... falaram até que eu usei palavras chulas e eu em nenhum momento me propus a mudar a minha postura. Perguntei se elas queriam que eu usasse termos científicos e técnicos que ninguém entenderia?

ISAURA - É, realmente o contato preliminar com os pais é necessário porque dialogando se percebe a linguagem mais próxima, que não cause choques... Essas reações são todas previsíveis quando

não fazemos isso, há como um jogo de poder, tipo "você está invadindo minha família sem minha autorização". Eles estão certos em defender-se, e quando a gente pede participação dos pais e os envolve no trabalho, a coisa caminha mais facilmente. É lidar com o controle...

PROFESSORA - É um controle horroroso que acaba gerando esse medo nos meninos e meninas, medo de não ser respeitado, de ser mandado embora se falar... por isso tentei ser aberta, não esperava que outros viessem dar palpite.

ISAURA - É, Educação Sexual você não consegue fazer quietinha em sua sala de aula. O tema sai da sala, todos comentam, um projeto, então, tem que se consultar os pais, a comunidade, além da direção, lógico.

PROFESSORA - Mas eles desvirtuam muito. Não sei como um trabalho com os pais poderia melhorar isso. Uma mãe falou: "Como você foi falar de masturbação, minha filha nunca tinha ouvido falar...". Então eu disse: "Se nunca ouviu falar, vai ouvir porque o amigo ouviu, o melhor é não fugir do assunto... não fazer drama".

ISAURA - É por isso, volto à questão, se você fala primeiro com os pais, você os familiariza com os temas, que estão muito ligados a tabus e preconceitos... a cultura de cada um, os valores, as palavras que estão na cabeça de cada um, isso é a moral da pessoa. Se você não mostra o que está por trás dos preconceitos... de certos valores, você desorganiza o mundo dessas mães, e elas se tornam agressivas com você e ninguém entende nada. Assim você confunde mais do que ajuda. É preciso ajudar os pais a passarem de um estágio para outro, compreendendo as manipulações das quais eles próprios são vítimas...

PROFESSORA - Acho que na cabeça de muitos aconteceu isso, porque não sou eu que estou falando de sexo assim para os filhos deles, é um monte de gente, é a TV, são as revistas, os filmes, não era para estar assim tão preconceituoso...

ISAURA - É que há um preconceito com a escola... a escola é um lugar asséptico, na escola você não vai encontrar certas palavras, certas informações. É a expectativa dos pais.

(Interrupção pelo término do tempo para o início da aula)

Escolhemos esta entrevista por evidenciar a necessidade da preparação específica para o tema, assim como, a do trabalho estar inserido numa programação global de toda a escola.